rollingstone.com.br
Nº 125 >> JANEIRO 2017 >> R$ 12,90

Rolling Stone

OS MELHORES DISCOS E MÚSICAS DE 2016

RIOS DE PROPINA E NENHUMA ÁGUA NA TRANSPOSIÇÃO DO SÃO FRANCISCO

As 100 MAIORES SÉRIES de Todos os Tempos

ISSN 1980-113D

DEVASSA
TROPICAL LAGER
Puro Malte
355ml

BRASIL KIRIN

DEVASSA PURO MALTE TROPICAL. SENTE O CLIMA.

Tropical Lager

Leo Burnett Tailor Made

0800-771-0123
CENTRAL DE RELACIONAMENTO
www.devassa.com.br

BEBA COM MODERAÇÃO

lollapalooza BRASIL

25 & 26/MAR

AUTÓDROMO DE INTERLAGOS – SÃO PAULO

METALLICA • THE STROKES • THE WEEKND • THE XX
THE CHAINSMOKERS • FLUME • MARTIN GARRIX • DURAN DURAN
TWO DOOR CINEMA CLUB • RANCID • THE 1975 • G-EAZY • TOVE LO
MELANIE MARTINEZ • CAGE THE ELEPHANT • CRIOLO • MØ
OLIVER HELDENS • NERVO • MARSHMELLO • CATFISH AND THE BOTTLEMEN
JIMMY EAT WORLD • VINTAGE CULTURE • CÉU • GLASS ANIMALS
ILLUSIONIZE • TEGAN AND SARA • TCHAMI • DON DIABLO • CHEMICAL SURF
VANCE JOY • SURICATO • BORGORE • VICTOR RUIZ • BOB MOSES • JALOO
HAIKAISS • SILVERSUN PICKUPS • GRIZ • DANIEL GROOVE • BAIANASYSTEM
GABRIEL BONI • RICCI • DOCTOR PHEABES • BRATISLAVA • THE OUTS

#LollaBR

3X SEM JUROS*

GARANTA SEU LUGAR EM
LOLLAPALOOZABR.COM
/LOLLAPALOOZABR

Patrocínio: SKOL · CHEVROLET · AXE
Apoio: FUSION ENERGY DRINK
Fornecedor Oficial: HOSPITAL SANCTA MAGGIORE
Media Partners: Globo · Multishow · globo.com · MIX · Globo São Paulo
Realização: T4F · WAVE
Vendas: ticketsforfun.com.br

Classificação etária: 15 anos. De 5 a 14 anos acompanhados dos pais ou responsáveis legais. Não será permitida a entrada de menores de 5 anos. Crianças abaixo de 10 anos não pagam entrada no festival, exceto em áreas exclusivas e Lolla Lounge. As atrações do festival poderão sofrer alterações sem aviso prévio. Venda limitada a 6 ingressos por CPF. *Benefício válido para compra com qualquer cartão de crédito, em todos os canais de venda Tickets for fun. ESTE EVENTO REQUER AUTORIZAÇÕES ESPECÍFICAS. CONSULTE O SITE LOLLAPALOOZABR.COM E ACOMPANHE A ATUALIZAÇÃO SOBRE A EXPEDIÇÃO DE ALVARÁS RELACIONADOS AO EVENTO. BILHETERIA OFICIAL – SEM TAXA DE CONVENIÊNCIA • Citibank Hall • Av. das Nações Unidas, 17.955 • São Paulo (SP). BEBA COM MODERAÇÃO.

RS125

A MAIOR Revista de [illegible]ento do MUNDO

TAMBÉM ESCRITOR
Springsteen fala sobre depressão, família e música em livro

NESTA EDIÇÃO

24 Os Melhores do Ano
Os discos e as músicas que foram destaque em 2016 segundo o júri reunido pela *Rolling Stone Brasil*. E MAIS: a escolha do leitor.

45 As Maiores Séries de Todos os Tempos
Dos clássicos de mais de cinco décadas atrás às potências contemporâneas, apresentamos as 100 mais importantes séries (e algumas outras produções televisivas) já feitas.

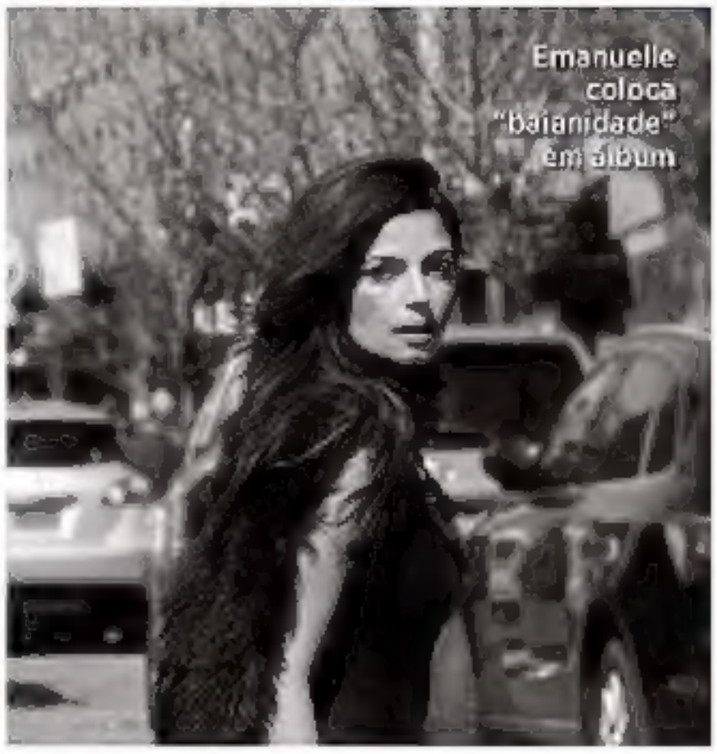
SEÇÕES

9 R&R
Espelho do Real
Marcelo Yuka lança o primeiro disco solo clamando por um olhar mais amoroso em relação ao outro. *Por Gabriel Nunes*

18 P&R
Neil Patrick Harris
O ator fala sobre a adaptação televisiva dos livros infantis *Desventuras em Série*. *Por Stella Rodrigues*

60 PORTFÓLIO
Imersão no Jazz
Além de fotógrafo renomado do rock, Jim Marshall também clicou imagens inesquecíveis no universo desse outro gênero musical. *Por Paulo Cavalcanti*

66 CONEXÃO BRASILIS
O Canal da Propina
Arrastando-se por uma década, a transposição do rio São Francisco deixa enraivado no Nordeste um rastro de corrupção e atrasos, enquanto a seca continua a castigar os sertanejos. *Por André Pessoa*



▲ 36 **Entrevista RS – Bruce Springsteen**
The Boss aprofunda as revelações feitas em sua ótima autobiografia, *Born to Run*.

◀ 42 CLOSE-UP
Versatilidade Vital
Atuando na TV e no cinema, Emanuelle Araújo faz debute solo em disco. *Por Lucas Brêda*

Cartas [7]
Calendário [16]
Randômicas [22]
Lifestyle [57]
Guia [75]
Hot List [82]

CAPA Ilustração por Sean McCabe, créditos fotográficos na página 7.

DANNY CLINCH (BRUCE SPRINGSTEEN); DIVULGAÇÃO (EMANUELLE ARAUJO)

ROLLINGSTONE.COM.BR

FACEBOOK/RollingStoneBrasil | GPLUS.TO/rollingstonebrasil | TWITTER/rollingstoneBR | YOUTUBE/RollingStoneBrasil | INSTAGRAM/rollingstonebrasil

TELEVISÃO

HAJA PIPOCA
Prepare-se para muitas maratonas televisivas em 2017

Vem Aí

Antecipamos as horas que você passará em frente à TV este ano com uma lista do que tem de mais interessante na telinha: o novo, o velho e o surpreendente, como *Santa Clarita Diet*, série da Netflix estrelada por Drew Barrymore (*foto*) e Timothy Olyphant.

RS BRASIL INDICA

PERFIS E PÁGINAS QUE VOCÊ DEVE ACOMPANHAR NAS REDES SOCIAIS

Ruby Rose
@RubyRose

"Podemos doar, rezar, falar e levar mensagens a respeito do pouco que sabemos sobre o que está acontecendo em Aleppo, mas precisamos de mais."

Bellamore
/bellamoreoficial

"Aê! Estamos em todas as plataformas de streaming! Adicione Bellamore à sua playlist e leve *Continua* para todos os lugares!"

***Pinkprint* – Nicki Minaj**
A turnê da cantora rendeu um filme de bastidores, cuja exibição marcou o encerramento oficial dessa excursão.

CINEMA

Michael Fassbender em ação no longa

Para Fora do Console

Estivemos no set do filme *Assassin's Creed*, em Malta, na Europa, para ver como o jogo foi adaptado para o cinema.

REPORTAGEM

Crueldade Avassaladora

Por dentro das "fazendas de filhotes", criadouros onde animais são barbaramente explorados para dar origem aos pets vendidos em lojas e na internet.

A triste realidade do negócio de pets

MÚSICA

Evanescence retornará ao país

Na Pista

Já pode começar a juntar dinheiro, porque o Brasil será tomado por grandes shows ao longo de 2017. Reunimos os mais aguardados em uma lista.

ERICA PARISE/NETFLIX (COREY BARRYMORE); KERBY BROWN/TWENTIETH CENTURY FOX (ASSASSIN'S CREED); MEREDITH LEE; REX FEATURES VIA AP IMAGES (EVANESCENCE); REPRODUÇÃO

CARTAS { MENSAGENS DE AMOR E ÓDIO }

Muita Emoção

Esta é a capa mais bonita do ano [*"De Volta ao Blues"*, RS *124*]! [*Rolling Stones é*] a maior banda do planeta! Rolling Blues!

Vera Biora
No Facebook da RS Brasil

Sempre Presente

No ano passado, quando eu comentei que Keith tinha que sair na capa uma vez por ano, eu não achava que isso poderia ser real. Valeu, *Rolling "Stones"*!

Silvio Furtado Braga
No Facebook da RS Brasil

Errata

■ O disco *Crocodilo*, de Jonnata Doll e Os Garotos Solventes [*"Uma Fúria Branda"*, RS *124*], também tem produção de Yury Kalil.

Vida Longa

A maior banda de rock do mundo volta ao início de sua carreira e se rende mais uma vez ao estilo que permeou o som de quase todas as bandas inglesas da década de 1960. Long Live Rolling Stones!

Rodrigo Lee
No Facebook da RS Brasil

Achou Que Faltou

O álbum *Concerto para Pixinguinha* não estar entre os melhores do ano [*na enquete do site*] é chocante. É um puta disco com as coisas do Pixinguinha. Vânia Bastos e Marcos Paiva dão show; Vânia canta como poucas cantoras pelo mundo. Uma injustiça!

Luciano Arantes
Por e-mail

Obrigado e Corresponda-Se Sempre!

Na edição de outubro [RS *122*], Paulo Cavalcanti escreveu uma resenha sobre o livro *A Baronesa do Jazz* [*Guia Livros*]. Não li a obra, mas, ao ler as impressões do editor assistente, fiquei com aquela sensação de déjà vu. Um tempo depois, a familiaridade foi explicada: lembrei-me de *O Perseguidor*, de Julio Cortázar, em que o autor cria o músico Johnny Carter baseado no saxofonista Charlie Parker, temperando o personagem fictício com todos os maneirismos e a genialidade de Parker. Se Charlie foi alavancado pela baronesa Nica, Johnny contava com o apoio da marquesa Tica. Sei que outros leitores podem ter entrado em contato para falar disso, mas, como leio a *Rolling Stone* há muitos anos e nunca me correspondi com vocês, achei uma boa oportunidade para fazê-lo. Aliás, parabéns pelo excelente trabalho que fazem todos os dias e meses para entregar a nós, leitores apaixonados por cultura em geral, uma publicação moderna e equilibrada!

Lucas Anielo
Por e-mail

#VOCÊNARS
@RollingStoneBrasil

Nossos seguidores no Instagram fazem suas próprias fotos com edições da revista.

"Chegou a última edição do ano da @rollingstonebrasil, com @therollingstones na capa. Fiquei até inspirado e esta será a trilha do início da noite, #FourFlicks. Overdose de Stones sempre te faz lembrar dos shows incríveis e inesquecíveis!"

Rolling Stone Nº 125

ROLLING STONE BRASIL

CONSELHO EDITORIAL: José Roberto Maluf e Luis Maluf

PUBLISHER: José Roberto Maluf
EDITORA-CHEFE: Bruna Veloso
EDITORES ASSISTENTES: Paulo Cavalcanti e Stella Rodrigues
REVISÃO: Marcelo Paradiso

DIRETOR DE ARTE: Daniel S. B. Mangilenc
EDITORA DE ARTE E LIFESTYLE: Tamara Emy
ESTAGIÁRIO: Wendell Costa Flor Cabral

WWW.ROLLINGSTONE.COM.BR
EDITORA: Stella Rodrigues
REPÓRTER: Lucas Dolda
ESTAGIÁRIOS: Gabriel Nunes e Julia de Carvalho

DIRETOR COMERCIAL: Marcio Maffei
EXECUTIVOS DE CONTAS: Milene Rizzardi e Francisco Nesta
PARA ANUNCIAR: anuncie@rollingstone.com.br

GERENTE DE CIRCULAÇÃO: Danieli Lopes
ESTAGIÁRIA: Andressa Reis

GERENTE FINANCEIRO: Edison Arduino

GERENTE DE MARKETING E PROJ. ESPECIAIS: Leo Botting
ESTAGIÁRIO: Jorge Dib

SPRING

ROLLING STONE BRASIL
Uma publicação da Spring Publicações Ltda.
REDAÇÃO: R. Bandeira Paulista, 726, 22º andar, Itaim Bibi, São Paulo, SP, CEP 04532-002, Tel.: 55 11 3165-2566
PAUTAS: revista@rollingstone.com.br

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
ASSINATURAS: www.assinerollingstone.com.br
assinaturas@rollingstone.com.br
Tels.: 11 3165-2961 / 11 3165-2944
(de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h, exceto feriados)
EDIÇÕES ANTERIORES: poderão ser adquiridas com o seu jornaleiro ou pelo e-mail colecione@rollingstone.com.br, havendo estoque disponível, pelo preço da última edição em banca

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica
DISTRIBUIÇÃO: Dinap Ltda. – Distribuidora Nacional de Publicações, Rua Dr. Kenkiti Shimomoto, nº 1678, CEP 06045-390 – Osasco – SP

ROLLING STONE USA

EDITOR & PUBLISHER: Jann S. Wenner
MANAGING EDITOR: Jason Fine
DEPUTY MANAGING EDITOR: Nathan Brackett
ASSISTANT MANAGING EDITOR: Sean Woods
SENIOR WRITERS: David Fricke, Brian Hiatt, Peter Travers
SENIOR EDITOR: Christian Hoard
DESIGN DIRECTOR: Joseph Hutchinson
CREATIVE DIRECTOR: Jodi Peckerman
VICE PRESIDENT: Timothy Walsh
PUBLISHER: Michael Provus
HEAD OF DIGITAL: Gus Wenner
EDITORIAL OPERATIONS DIRECTOR: John Dragonetti
LICENSING & BUSINESS AFFAIRS: Maureen A. Lambert (Executive Director), Aimee L. Schreiter (Director), Katarya S. Nieves (Coordinator)

FILIADA AO IVC

Copyright © 2017 por Rolling Stone LLC. Todos os direitos reservados. A reprodução em qualquer parte do conteúdo total ou parcial desta revista ou de qualquer uma de suas partes é proibida. O nome Rolling Stone e o conteúdo nele veiculado são de propriedade da Rolling Stone LLC, que licencia no Brasil há mais de dez anos a Spring Publicações Ltda.

Todos os artigos assinados são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista. É proibida a reprodução de textos, ilustrações e fotos sem a prévia autorização dos editores.

FOTOS NA ILUSTRAÇÃO DA CAPA POR FRANK OCKENFELS 3/AMC (JOHN SLATTERY, ELISABETH MOSS, CHRISTINA HENDRICKS E JON HAMM, MAD MEN); NORMAN REEDUS, THE WALKING DEAD); MACALL B. POLAY/HBO (PETER DINKLAGE, GAME OF THRONES); KEITH BERNSTEIN/HBO (EMILIA CLARKE, GAME OF THRONES); HELEN SLOAN/HBO (SOT HARINGTON, GAME OF THRONES); JESSICA MIGLIO/HBO (LARRY DAVID, CURB YOUR ENTHUSIASM); CRAIG BLANKENHORN/HBO (LENA DUNHAM, GIRLS); ERIN PATRICE O'BRIEN/COMEDY CENTRAL (DAVE CHAPPELLE, CHAPPELLE'S SHOW); MATT HOYLE/COMEDY CENTRAL (KEEGAN-MICHAEL KEY E JORDAN PEELE, KEY & PEELE); COMEDY CENTRAL (CARTMAN, STAN, KYLE E KENNY, SOUTH PARK); GENE PAGE/AMC (ZUMBI E ANDREW LINCOLN, THE WALKING DEAD); JILL GREENBERG/NETFLIX (UZO ADUBA, ORANGE IS THE NEW BLACK); LACEY TERRELL/HBO (JULIA LOUIS-DREYFUS, VEEP); FRED NORRIS/HBO (DANNY MCBRIDE, EASTBOUND & DOWN); HBO (JAMES GANDOLFINI, THE SOPRANOS, GARRY SHANDLING, THE LARRY SANDERS SHOW; DOMINIC WEST, IDRIS ELBA E MICHAEL K. WILLIAMS, THE WIRE); MTV (BEAVIS AND BUTT-HEAD); FOX (OS SIMPSONS); FRED HERMANSKY/NBC/BANCO DE IMAGENS NBCU/GETTY IMAGES (JOHN BELUSHI, SATURDAY NIGHT LIVE); NBC/BANCO DE IMAGENS NBCU/GETTY IMAGES (PETER FALK, COLUMBO, CHEVY CHASE E DAN AYKROYD, SATURDAY NIGHT LIVE; MATT LEBLANC, LISA KUDROW, DAVID SCHWIMMER, JENNIFER ANISTON, MATTHEW PERRY E COURTENEY COX, FRIENDS; JOHNNY CARSON, THE TONIGHT SHOW STARRING JOHNNY CARSON); © BBC LTD./EVERETT COLLECTION (RICKY GERVAIS, THE OFFICE); PAUL DRINKWATER/BANCO DE IMAGENS NBCU/GETTY IMAGES (STEVE CARELL, THE OFFICE); ANDREW ECCLES/NBC/BANCO DE IMAGENS NBCU/GETTY IMAGES (JERRY SEINFELD, SEINFELD); GEORGE LANGE/NBC/BANCO DE IMAGENS DA NBCU/GETTY IMAGES (JASON ALEXANDER, SEINFELD); © 20TH CENTURY FOX/EVERETT COLLECTION (SARAH MICHELLE GELLAR, BUFFY, A CAÇA-VAMPIROS); ALBERT WATSON/© 20TH CENTURY FOX/EVERETT COLLECTION (KIEFER SUTHERLAND, 24 HORAS); EVERETT COLLECTION (LARRY HAGMAN, DALLAS); ARQUIVO DE FOTOS DA ABC/GETTY IMAGES (HENRY WINKLER, HAPPY DAYS; JACK KLUGMAN E TONY RANDALL, UM ESTRANHO CASAL; KYLE MACLACHLAN, TWIN PEAKS; DENNIS FRANZ, NOVA YORK CONTRA O CRIME; DANNY DEVITO, TAXI); SILVER SCREEN COLLECTION/HULTON ARCHIVE/GETTY IMAGES (LUCILLE BALL, I LOVE LUCY); ARQUIVO DE FOTOS CBS/GETTY IMAGES (JIMMIE WALKER, GOOD TIMES; SHERMAN HEMSLEY E ISABEL SANFORD, THE JEFFERSONS; MARY TYLER MOORE, THE MARY TYLER MOORE SHOW; ROD SERLING, ALÉM DA IMAGINAÇÃO; CARROLL O'CONNOR, TUDO EM FAMÍLIA); WENN/ALAMY (SARAH JESSICA PARKER, SEX AND THE CITY); PHOTOS 12/ALAMY (WILLIAM SHATNER E LEONARD NIMOY, STAR TREK); R.M. LEWIS JR./NBC/BANCO DE IMAGENS NBCU/GETTY IMAGES (DAVID LETTERMAN, LATE NIGHT WITH DAVID LETTERMAN); MARY ELLEN MATTHEWS/NBC/BANCO DE IMAGENS NBCU/GETTY IMAGES (TINA FEY E ALEC BALDWIN, 30 ROCK); MICHAEL MULLER/NBC/BANCO DE IMAGENS NBCU/GETTY IMAGES (KYLE CHANDLER, FRIDAY NIGHT LIGHTS); MOVIESTORE COLLECTION LTD./ALAMY (ALAN ALDA, M*A*S*H); AF ARCHIVE/ALAMY (JOHN CLEESE, MONTY PYTHON'S FLYING CIRCUS; DAVID DUCHOVNY E GILLIAN ANDERSON, ARQUIVO X); K.C. BAILEY/FX (LOUIS C.K., LOUIE); JIM FISCUS/SHOWTIME (CLAIRE DANES, HOMELAND); DAVID GIESBRECHT/NETFLIX (KEVIN SPACEY, HOUSE OF CARDS); AMAZON STUDIOS (JEFFREY TAMBOR, TRANSPARENT); BEN LEUNER/AMC (BRYAN CRANSTON, BREAKING BAD); MARTIN CROOK/COMEDY CENTRAL (STEPHEN COLBERT, THE COLBERT REPORT; JON STEWART, THE DAILY SHOW); PATRIK GIARDINO/COMEDY CENTRAL (ABBI JACOBSON E ILANA GLAZER, BROAD CITY)

REPRODUÇÃO

R.I.19
www.ri19.com.br
/R.I.19Jeanswear
/ri19oficial
You Tube ri19TV

LANÇAMENTO THE XX PÁG. 12 | **CINEMA** BELEZA OCULTA PÁG. 15

Espelho do Real

No primeiro disco solo, Marcelo Yuka mergulha em um processo de autoanálise, enquanto paralelamente fala sobre o mundo Por Gabriel Nunes

DANIELA HALLACK DIVULGAÇÃO

MARCELO YUKA QUER EXTRAvasar o sentimento de indignação, uma consternação por enxergar a sociedade de hoje como um espaço cada vez mais conservador e menos tolerante. "Parece que estamos vivendo um nada muito grande", crava. "Esse presidente é um nada, o ministério dele é um nada, a esquerda virou um nada. Hoje em dia tem muito ódio no ar, muita intolerância. Parece que o fascismo ganhou." Buscando dar vazão a essas constatações, o carioca acaba de lançar o aguardado *Canções para Depois do Ódio*, primeiro disco dele desde *Sangueaudiência* (2005) – único trabalho gravado junto ao grupo F.U.R.T.O. – e também o primeiro como cantor e compositor solo.

Arquitetado ao longo de quase uma década, o debute do ex-baterista e letrista d'O Rappa passou por diversas reformulações antes que o conceito final fosse alcançado [*Cont. na pág. 10*]

[*Cont. da pág. 9*] – algo que, conforme Yuka relembra, ocorreu somente há cerca de dois anos. "Enchi um monte de HDs com músicas antes de saber qual seria a cara do *Canções...*", revela. "Muita gente queria que fosse um '*O Rappa 2*', mas eu não estava a fim disso. Queria um disco com músicas melódicas que me prendessem e que promovessem, ao mesmo tempo, um encontro com ritmos afro-brasileiros."

O músico escreveu *Canções para Depois do Ódio* como uma espécie de autoanálise, na qual se debruçou sobre os próprios demônios. A partir daí, também buscou criar uma "terceira margem" para repensar os tempos sombrios em que vivemos – o que se deu, segundo ele, "pelo amor". "Tenho desenvolvido novas armas para lutar, e o amor tem sido uma delas", afirma Yuka. "Não o amor convencional, mas o amor como fato em si, como uma potência renovadora e revolucionária. Estamos em um momento de respirar fundo, e esse disco é uma maneira de rever nosso ódio, uma forma de manter a esperança viva. Nem que seja por um momento, porque a esperança é também uma forma de luta."

> "Esse disco é uma maneira de rever nosso ódio, uma forma de manter a esperança viva – porque a esperança é também uma forma de luta"

Ele ainda vê a estreia solo (que traz na ficha técnica um leque diversificado de parceiros, como Céu, Cibelle e Seu Jorge) como uma forma de se contrapor à indústria do entretenimento. Para Yuka, isso se evidencia na vagarosidade em que o LP foi concebido, já que a rapidez com que os conteúdos são transmitidos e sua efemeridade são coisas inerentes ao mercado de hoje.

"É claro que teve uma cobrança muito grande das pessoas para que eu lançasse logo um álbum – e eu até acho carinhosa essa pressão do público, mas eu não estou procurando criar entretenimento", ele afirma incisivamente. "Eu quero entreter, mas acho que a verdadeira função do artista é ser um espelho da sociedade, e muitas vezes ele tem que jogar uma pedra nessa porra. Hoje em dia tudo vira entretenimento, tudo é um grande show. O que eu quero fazer é arte."

Fluxo Estendido

TRABALHO CONTÍNUO
Um disco ao vivo pouco convencional vai preceder o novo LP de inéditas da banda

MÚSICA **Depois de praticamente "morar" na estrada em 2016, Boogarins prepara dois álbuns em sequência**

No ano passado, o Boogarins fez mais de 100 shows – uma média de um a cada 3,6 dias. Depois de dois anos de ascensão e trabalho ininterrupto, a banda sabe com muito mais propriedade onde quer pisar, algo que se comprova com os dois próximos trabalhos, um disco ao vivo pouco convencional e outro de inéditas.

O primeiro, *Desvio Onírico*, tem três performances em shows ("Infinu", "Tempo" e "Auchma", registradas, respectivamente, em Portugal, no Canadá e Estados Unidos) e uma jam de estúdio. "É um recorte desse momento musical, no qual acho que estamos bem mais estruturados ao vivo, depois de tantas turnês", conta o guitarrista Benke Ferraz. O trabalho tem cerca de 40 minutos de duração e lançamento marcado para o início de fevereiro.

A jam de *Desvio Onírico* carrega a atmosfera do terceiro disco de estúdio da banda, ainda sem nome, previsto para o meio do ano. "Cortamos dez minutos de umas três horas que estávamos tocando", conta o guitarrista sobre a faixa. "Foi parte do processo de gravação do álbum [*de inéditas*]." As sessões do próximo LP do Boogarins foram realizadas durante quase um mês em uma casa alugada em Austin, no Texas, em 2016; a banda também locou equipamentos e gravou quase tudo na propriedade, indo ao estúdio Space, próximo ao local, mais para finalizar os arranjos.

Novamente produzidas pelo próprio quarteto, as inéditas terão como novidades a presença de sintetizadores – tocados pelo baixista, Raphael Vaz – e a participação como compositor do baterista, Ynaiã Benthroldo (o vocalista, Dinho Almeida, completa a formação). "Esse disco vai para o lado de um som mais processado", Ferraz revela. "Muitos baixos viraram synth bass e é um negócio bem marcante. Depois de bastante tempo escutando Flying Lotus e Kanye West – que têm essa composição pop, mas com baixo de construção mais extrema, com timbres nervosos –, [*vimos que*] o sintetizador dá mais possibilidades."

LUCAS BRÊDA

ANN ALVA WIEDMO/DIVULGAÇÃO (BOOGARINS)

Lirismo Pessoal

DESPIDO
Hyldon fez um dos melhores discos de 2016

Entre baladas e groove, Hyldon recorre a poetas – e a Chico Buarque – para disco com enfoque na construção das palavras

"QUERIA FAZER UM DISCO DE MÚsica bonita", revela singelamente Hyldon, que aos 65 anos complementa o cancioneiro de mais de quatro décadas com o álbum *As Coisas Simples da Vida*, eleito pelo júri da *Rolling Stone Brasil* um dos melhores de 2016. "As pessoas falam para mim que hoje em dia a qualidade das músicas é muito ruim. As canções não têm mais introdução, são muito rápidas." Apesar da postura crítica, ele lista nomes como Frank Ocean, The Weeknd e Linnker e Os Caramelows entre os artistas contemporâneos que tem ouvido com frequência recentemente.

O álbum anterior de inéditas de Hyldon foi *Romances Urbanos* (2013), no qual ele expandiu o leque de parcerias ao dividir composições com Mano Brown, Arnaldo Antunes, Céu e outros artistas. Já para *As Coisas Simples da Vida* o baiano radicado no Rio de Janeiro optou por limitar as colaborações. "Compor com outra pessoa é difícil", afirma. "A parceria é como um casal: um cede aqui, outro ali; um puxa para cá, outro para lá. É todo um jogo de liderança, então, você tem que ser bem flexível. Cada compositor me levava para um lugar."

Segundo o artista, outra diferença crucial entre *As Coisas Simples da Vida* e o restante do repertório dele surge no aprimoramento lírico das canções. Para este trabalho, Hyldon revela ter buscado inspiração em medalhões da literatura brasileira, como Manoel de Barros, Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar – com direito ainda à consultoria de ninguém menos que Chico Buarque.

> "O que eu quis fazer foi tipo um cinema em que a pessoa fechasse os olhos e vivesse aquilo como se fosse uma viagem"

"Li muito os poemas deles, me ajudaram demais", explica Hyldon, referindo-se aos poetas mencionados. "O Chico também me ajudou bastante. A gente joga bola junto, então todas as dúvidas de gramatica que tive durante esse processo, eu perguntava para ele. Chico é um cara de bom coração, mas ainda não consegui ler os livros dele [*risos*]", brinca.

Com dez faixas, *As Coisas Simples da Vida* se divide entre baladas harmoniosas e grooves sacolejados, com letras que flertam com questões recorrentes no imaginário criativo do cantor: o amor, a amizade e a natureza. "O que eu quis fazer foi tipo um cinema em que a pessoa fechasse os olhos e vivesse aquilo como se fosse uma viagem. Foi um trabalho árduo, mas fiquei muito feliz com o resultado."

GABRIEL NUNES

Hora do Encontro

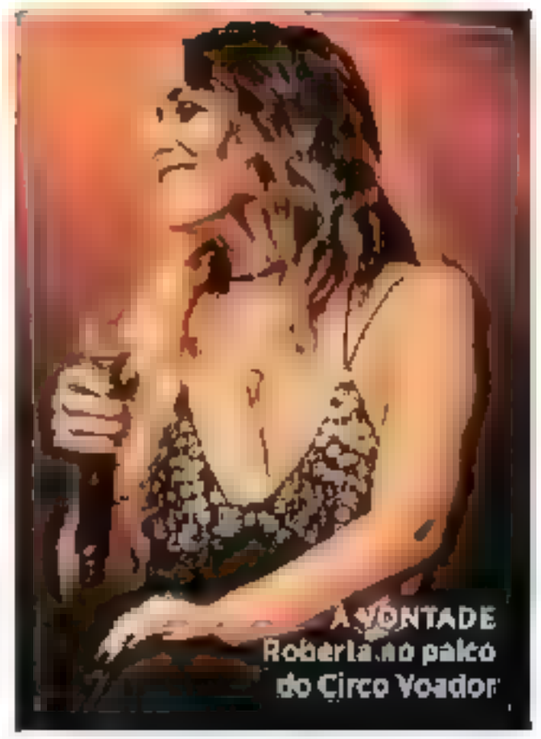
Cantora Roberta Sá celebra relação com os fãs em CD e DVD ao vivo

Após lançar *Delírio* (2015), seu quinto disco, Roberta Sá sentiu a necessidade de expandir o trabalho de uma maneira que marcasse a relação com os fãs. Nasceu então *Delírio no Circo*, gravado no Circo Voador (Rio de Janeiro) em maio de 2016. É o segundo CD e DVD ao vivo da carreira dela, sendo que o primeiro, *Pra Se Ter Alegria*, é de 2009. "Eu já estava me sentindo muito distante da cantora que aparecia no primeiro DVD. Precisava de algum registro novo, de outro momento", explica a artista.

As participações de Martinho da Vila e Moreno Veloso são os pontos altos do show, que mais parece uma reunião íntima entre Roberta, seus parceiros musicais e a plateia. A escolha do repertório foi baseada em canções que formavam o retrato que Roberta queria transmitir e aquelas que têm maior apelo com os fãs. "Ao vivo é muito disso, da relação do público com a música que você faz. É hora da comunhão, é hora do encontro."

Sobre os próximos passos, ela conta que lançar um disco de estúdio é o projeto para o futuro. Enquanto sai em turnê com o DVD (tem shows agendados na Europa em janeiro), ela pretende "pensar qual será o próximo passo, o próximo desejo". A vontade de trabalhar com outros artistas permanece: "Estou totalmente [*aberta a parcerias*] especialmente com as coisas com que eu ainda não trabalhei e que ainda não conheço".

JÚLIA DE CAMILLO



A VONTADE
Roberta no palco do Circo Voador

FOTOS: DIVULGAÇÃO; ROBERTA SÁ: DIVULGAÇÃO; MARCOS HERMES E DIVULGAÇÃO

The xx abraça veia mais animada em novo disco, mas sem deixar de lado as dores do coração

BATIDAS ELETRÔNICAS CÍCLICAS, guitarras minimalistas, vocais sussurrados e letras que se insinuam nos ouvidos como epígrafes sobre desamores cotidianos. Essas características foram inerentes aos dois primeiros discos do The xx, *xx* (2009) e *Coexist* (2012). No entanto, para quebrar o intervalo de quase meia década, o álbum sucessor, *I See You*, chega este mês fazendo sangrar a veia mais pop do grupo, ainda que sem negar o intimismo do passado.

Concebido ao longo de dois anos, *I See You* foi registrado em Los Angeles, Nova York, Marfa (Texas), Londres e Reiquavique, na Islândia. "Foi divertido", afirma Jamie Smith, que ao lado de Romy Madley Croft e Oliver Sim integra o The xx. "Foi quase como se estivéssemos de férias, só que trabalhando muito no disco."

O novo conjunto de canções apresenta mudanças no processo criativo. Para Smith – que também atende pela alcunha artística Jamie xx –, a transição no método de composição, agora aberto a pessoas de fora da banda, veio para salientar o lado mais dançante dela, até então pouco explorado. "Quando entramos no estúdio para a primeira sessão, tínhamos em mente que queríamos fazer algo bastante diferente dos outros dois discos e que soasse mais 'ao vivo.'"

Outro ineditismo em *I See You* aparece na participação de Rodaidh McDonald na produção, que antes ficava concentrada nas mãos de Smith. Conforme ressalta o britânico, colaborações foram substanciais para que o trabalho ganhasse forma: "Em cada lugar que gravamos, convidamos mais pessoas para o estúdio, coisa que nunca havia acontecido. Deixamos que elas ouvissem e comentassem nossas ideias à medida que finalizávamos o disco". Às vésperas de retornar ao Brasil – desta vez como um dos headliners do Lollapalooza 2017 –, Smith revela estar mais confiante não apenas sobre o palco mas também com as possíveis críticas em relação ao fato de a banda abraçar uma sonoridade pop mais palatável e comercialmente acerta. "Tivemos ótimos e péssimos momentos gravando e produzindo", revela. "Colocamos muito de nós mesmos ali. Acho que mesmo que as pessoas não gostem do álbum nós continuaremos felizes com o que fizemos."

> "Acho que mesmo que as pessoas não gostem do álbum nós continuaremos felizes com o que fizemos"

GABRIEL NUNES

MODA

Punk de Estilo

Pioneiro na moda fetichista no Brasil, Heitor Werneck retorna à costura com nova marca

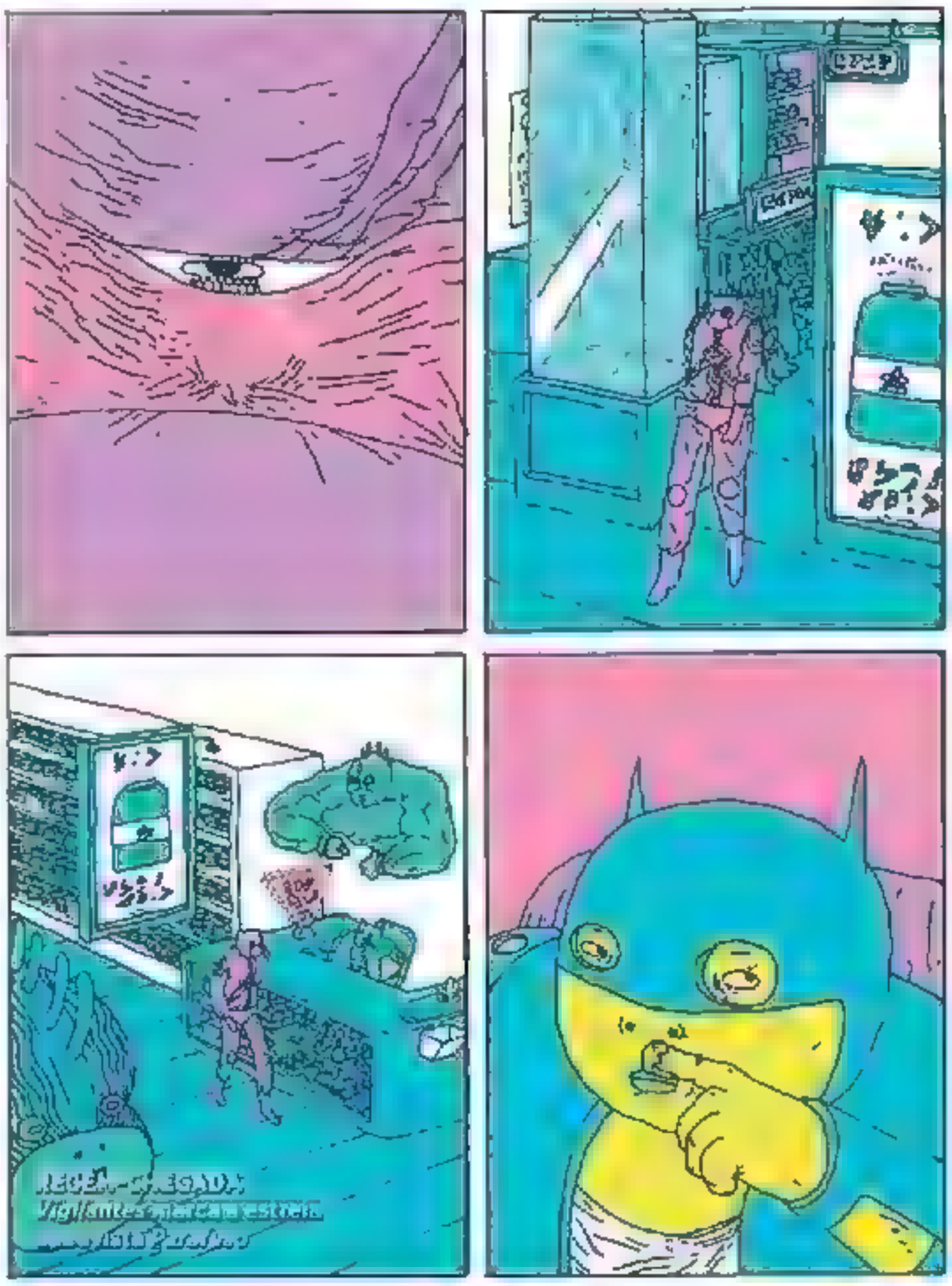
Um punk histórico de São Paulo está de volta à sua principal atividade. Depois de 12 anos tratando de um câncer – e tocando em paralelo a festa fetichista Luxúria –, o estilista Heitor Werneck acaba de estrear uma nova marca, autointitulada, em parceria com a butique erótica Lovetoys. "Foi um saudosismo atrás do outro", conta Werneck, que entre os anos 1980 e 1990 foi responsável pela marca Escola de Divinos, bastante conhecida na cena underground paulistana. "Estou acostumado a fazer esse tipo de roupa com uma leitura mais punk, mais original, mais de moda mesmo. Aí surgiu essa ideia."

A coleção para a Lovetoys – que deve ganhar desfile em fevereiro – consolida o retorno de Werneck à costura, mas ele é conhecido como um dos pioneiros na moda fetichista no Brasil, tendo introduzido elementos de vinil e couro em figurinos de novelas como *Vamp* (Globo), por exemplo. Ele até tentou restaurar a Escola de Divinos, mas havia perdido os direitos (agora já recuperados) do uso do nome. "Como foi uma coleção para a Lovetoys, não quis usar 'Escola de Divinos'", explica Werneck, que teve a ideia também planeja o relançamento de sua grife mais famosa e para quem o fetichismo "saiu do armário" no Brasil. "Serei daqueles caras que, se estiver vivo com 80 anos, vou estar de monocarro, usando roupa rasgada, de corselet e pérola. É no que eu acredito, no visual, na identidade."

LUCAS BRÊDA

QUADRINHOS

Poderes em Crise



Vigilantes faz paralelo entre "super-seres" e o conceito de justiça com as próprias mãos

Os 104 QUADROS PRESENTES nas 32 páginas da estreia da revista *Parafuso* são ambientados em uma única esquina. A publicação é um projeto do quadrinista mineiro Jão, que abre o número zero com a HQ *Vigilantes*. O gibi mostra uma cidade povoada pelos chamados super-seres, na qual um roubo a uma loja de conveniências toma proporções inesperadas à medida que cada cidadão busca resolver a confusão usando seus próprios poderes. "Ideias como linchamento público e justiça com as próprias mãos são usadas como embrião dos quadrinhos de super-heróis, que, de certa forma, são os porta-vozes da linguagem [*das HQs*]", afirma o autor. "É uma maneira de mostrar o contexto estranho e assustador em que vivemos, em que o mote 'bandido bom é bandido morto' se faz cada vez mais presente."

> "Ideias como linchamento público são usadas como embrião dos quadrinhos de super-heróis"

O plano é lançar pelo menos mais três números da *Parafuso* em 2017, cada um com uma diferente HQ. No caso de *Vigilantes*, o formato grande e pouco usual (34 x 24,9 cm) da revista permitiu que os enquadramentos abertos usados pelo artista apresentassem vários detalhes e subtramas. "A ideia foi desenhar diversas vezes o mesmo cenário, [*fazendo*] um paralelo com obras da pop art", conta o autor.

Neste lançamento, a proposta não se assemelha ao trabalho anterior do quadrinista, *Baixo Centro*, elogiado pela crítica especializada e focado em uma longa cena de perseguição em Belo Horizonte, mas em comum entre as duas HQs estão as influências explícitas do autor, que passam por gênios dos quadrinhos, como Moebius e Jack Kirby, e também pelos filmes de Quentin Tarantino. RAMON VITRAL

TELEVISÃO

Animação "Leite com Biscoito"

Em *Caçadores de Trolls*, Guillermo del Toro faz experimentações com mais um tipo de mídia

Quem diria que um dia a melhor opção não seria passar o Natal com Macaulay Culkin, mas sim com Guillermo del Toro, de filmes como *O Labirinto do Fauno* (2006)? Saiu no dia 23 de dezembro, na Netflix, a primeira temporada, com 26 episódios, da apaixonante *Caçadores de Trolls*, assinada pelo diretor mexicano. Na história inspirada em um livro de Del Toro, um adolescente (Jim, com voz de Anton Yelchin, em seu último trabalho antes de morrer) descobre um universo habitado por trolls embaixo da pequena cidade onde mora, Arcadia. "Queria fazer algo que remetesse aos desenhos a que eu assistia quando criança sentado no chão e acompanhado de biscoitos e um copo de leite", conta Del Toro.

Dois outros nomes que se destacam no elenco de vozes são o de parceiros de longa data do cineasta, Ron Perlman, e Kelsey Grammer. "Uma das primeiras anotações que fiz no meu caderno foi que queria que Kelsey desse voz a Blinky porque sempre fui muito fã de *Frasier*. Eu e minha esposa vemos a série toda pelo menos uma vez por ano. E ele tem uma voz profunda que é única na história do audiovisual. Já a de Ron, é uma voz poderosa que funciona perfeitamente para ser imponente, mas ao mesmo tempo representar esse adolescente bravo, que só quer que o pai retorne. Então, foi muita sorte sermos tão amigos, porque aí pude forçá-lo a participar do projeto, querendo ele ou não", ri Del Toro.

STELLA RODRIGUES

BEM ACOMPANHADOS Gouveia (*à esq.*), Liminha (*de chapéu*) e os demais integrantes do Biquini Cavadão

LANÇAMENTO

Sem Parar no Tempo

Depois de celebrar 30 anos, Biquini Cavadão lança disco de inéditas com produção de Liminha

UM DAS BANDAS DA CENA DO ROCK brasileiro dos anos 1980 que mais tempo passaram na estrada, o Biquini Cavadão completou 30 anos de atividade em 2015. Na ocasião, os músicos lançaram o CD duplo e DVD *Me Leve sem Destino*, no qual revisitaram sucessos como "Tédio" e "Timidez". Mas, em vez de prolongar a comemoração por tempo indeterminado, o grupo carioca arregaçou as mangas e em 2016 partiu para a gravação de um álbum de inéditas, o 16º da carreira. O resultado, chamado *As Voltas Que o Mundo Dá*, sai neste mês pela gravadora Coqueiro Verde

O líder e vocalista, Bruno Gouveia, destaca que o grande diferencial do disco é a produção, que ficou a cargo de Liminha, com quem a banda nunca havia trabalhado. "Nós sempre resolvemos as coisas por aqui mesmo, fazendo tudo entre nós, mas nos aproximamos do Liminha", revela. "Tínhamos uma vontade antiga de trabalhar com ele. Levamos para ele o material de *Me Leve sem Destino*. Sabemos que o Liminha é um cara muito ocupado e que não tinha nenhuma obrigação de conhecer a fundo a obra da banda. Ele se entusiasmou com o ineditismo de trabalhar com a gente." Liminha não só concordou em produzir, como também tocou baixo em todas as faixas. Para os músicos, a chance de gravar no Nas Nuvens, o estúdio do produtor, foi outro sonho concretizado.

> Para os músicos do grupo, a chance de gravar no estúdio Nas Nuvens foi um sonho concretizado

Gouveia ressalta ainda o fato de que tiveram tempo para planejar e concluir o novo álbum sem nenhuma correria. "Antigamente, havia uma pressa para que o disco chegasse a tempo de pegar o mercado natalino", conta o músico. "Hoje, isso não é mais crucial, o fator venda se tornou irrelevante. Planejamos o lançamento para o começo deste ano, depois de discutir as alternativas e falar com várias gravadoras."

As Voltas Que o Mundo Dá assinala um novo capítulo para o Biquini Cavadão. "A turnê de 30 anos acaba oficialmente este mês. Com esse disco na praça, o show muda, tudo muda", declara o cantor. Nas apresentações, ao lado das favoritas dos fãs, a banda vai colocar o single "Um Rio Sempre Beija o Mar" e outras faixas do álbum.

PAULO CAVALCANTI

EM ESTÚDIO

Disco Paulista

Aláfia prepara trabalho inspirado na pluralidade de São Paulo

Foi no topo de uma colina escarpada, às margens de um colégio jesuíta feito de taipa de pilão, que nasceu São Paulo. Com o passar do tempo, o provinciano vilarejo transformou-se em uma megalopole caótica, saturada de mazelas sociais. No entanto, se o crescimento desenfreado ressaltou as desigualdades e os problemas urbanos, a ele também podemos atribuir a pluralidade cultural, responsável por fomentar o imaginário de artistas como Tom Zé, Adoniran Barbosa e Alcântara Machado. Pautado nessa "dualidade paulistana", o Aláfia prepara para o primeiro semestre de 2017 um disco conceitual sobre a eterna "Paulicéia Desvairada", cunhada no livro homônimo de Mario de Andrade.

Com uma abordagem lírica e sonora que se distancia dos antecessores, *Corpura* (2015) e *Aláfia* (2013) – calcados em questões como negritude, ancestralidade e nas tradições rítmicas do candomblé –, *SP Não É Sopa* apresentará texturas até então inexploradas pelo grupo, conforme ressalta Eduardo Brechó. "A essência ainda está aí, mas procuramos trazer novas possibilidades de som, como elementos da música eletrônica", declara o guitarrista e diretor musical, que ao lado de Jairo Pereira e Xênia França também integra a tríade de vocalistas do coletivo.

Apesar das diferenças na feitura e concepção do disco, Brechó não interpreta *SP Não É Sopa* como uma ruptura completa em relação ao que ele e os companheiros produziram anteriormente. Para o artista, o próximo trabalho surgirá como um desdobramento natural dos dois álbuns anteriores, como uma "forma de apresentar novas vertentes do Aláfia". "Não estamos pensando em mudar, em romper com o fance estético da banda. Estamos mostrando outra cara, mas a raiz continua a mesma", declara. Entre as participações especiais aparecem Tássia Reis, Luisa Maita e As Bahias e a Cozinha Mineira.

GABRIEL NUNES

MUDANDO JUNTOS Eduardo Brechó (*à esq.*) e o coletivo Aláfia

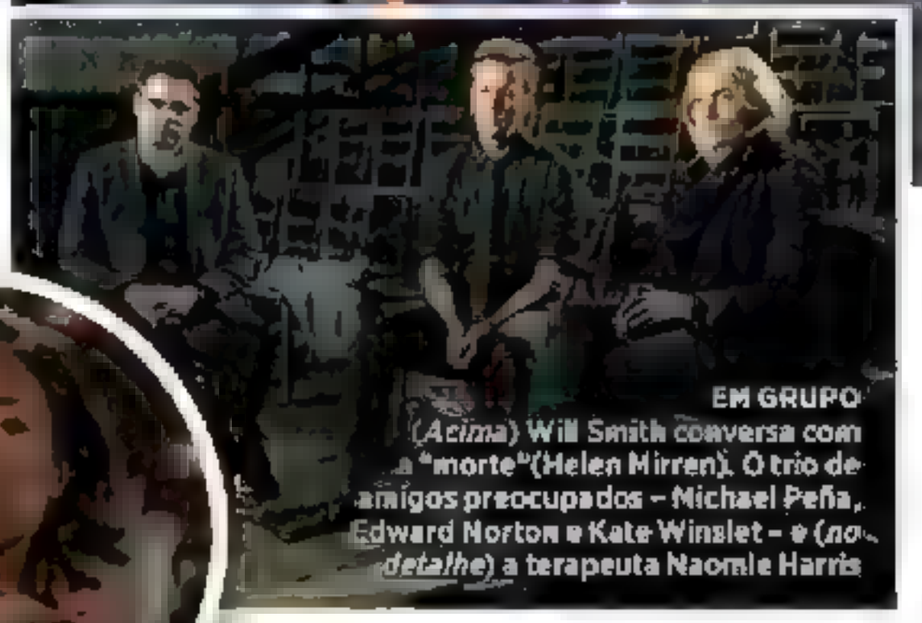
CINEMA

Uma Visão Positiva

Com Will Smith, filme *Beleza Oculta* busca olhar menos dolorido sobre a ideia da morte

EM *BELEZA OCULTA*, O DIRETOR DAVID Frankel (*O Diabo Veste Prada*, *Marley & Eu*) quis falar sobre a morte. Mas não de um jeito trágico. "Em conversas que tive com Will [*Smith, protagonista do filme*], ele me falou sobre o desejo que tem de levar alegria ao mundo. Acho que todos nós temos essa capacidade. Espero que as pessoas saiam do cinema se sentindo inspiradas a dividir um pouco disso", diz o cineasta sobre o longa, que estreia este mês no Brasil

Na tela, Smith interpreta Howard, publicitário brilhante e bem-sucedido que perde a filha pequena. Ele passa de uma rotina ativa e cheia de inventividade a anos de dias arrastados em depressão, em um ciclo do qual não consegue sair. Preocupados com a situação de Howard no trabalho e fora dele, seus sócios na agência de publicidade – interpretados por Edward Norton, Kate Winslet e Michael Peña – resolvem tomar uma atitude pouco usual. Ao descobrirem que o amigo escreve cartas endereçadas à Morte, ao Amor e ao Tempo, eles contratam atores para representar cada uma das "entidades" (Helen Mirren, Keira Knightley e Jacob Latimore, respectivamente).



EM GRUPO (*Acima*) Will Smith conversa com a "morte" (Helen Mirren). O trio de amigos preocupados – Michael Peña, Edward Norton e Kate Winslet – e (*no detalhe*) a terapeuta Naomie Harris

Helen buscou uma alternativa mais solar à ideia comum de "ceifadora soturna" para dar cara à sua personagem. "Não queria usar preto. Ironicamente, a morte tinha que ter mais vivacidade", comenta a atriz britânica. "Então, eu e o figurinista descobrimos que em certas culturas a morte é representada por um pássaro azul, e achei isso lindo. Foi aí que escolhemos a cor para as roupas." Mais do que pela ideia de brincar com o figurino da Morte, a veterana (ganhadora do Oscar em 2007 pelo papel principal em *A Rainha*) conta que decidiu fazer parte do projeto justamente pelo fato de o roteirista, Allan Loeb (*Wall Street: O Dinheiro Nunca Dorme*, *Rock of Ages: O Filme*), tratar do tema "perda" com um viés mais positivo. "A parte central que me fez querer entrar para o elenco foi o tratamento do conceito de luz e trevas. A essência do filme é a habilidade do ser humano de fazer belas conexões, mesmo nos momentos mais sombrios. Uma das coisas que amo nele é que pessoas religiosas podem se ver representadas ali, e se você não é religioso – eu não sou – pode sentir isso da mesma forma."

Naomie Harris dá vida à integrante de um grupo de apoio para pais que perderam filhos. Para lidar com o tema, a atriz que até então não havia passado pelo processo de luto de ninguém próximo na vida real – buscou ajuda na história de uma amiga que experienciou a mesma situação que Howard, além de contar com uma inspiração especial de dentro da própria equipe nos bastidores. "A assistente de figurino do Will perdeu um filho pequeno, então ela também nos ajudou muito a entender isso", conta.

> "A essência do filme é a habilidade do ser humano de fazer belas conexões, mesmo nos momentos mais sombrios", diz Helen Mirren

Já Smith passava por um paralelo na vida pessoal quando se iniciaram as gravações. "Logo antes de começarmos a rodar o filme, deram seis semanas de vida para o meu pai. Foi uma experiência muito bonita para mim, como ator, mergulhar no universo do personagem, e em Elizabeth Kübler-Ross [*psiquiatra autora do livro* Sobre a Morte e o Morrer], no *Livro Tibetano do Viver e do Morrer*. Foi interessante ter que lidar com isso na minha vida e depois expandir essa dor e esse crescimento para o personagem. O filme veio em um timing perfeito." À época da entrevista, em outubro de 2016, o pai de Smith, Willard Carroll Smith, havia ultrapassado em 11 semanas o diagnóstico dos médicos; ele morreu em novembro, de câncer.

Segundo David Frankel, as plateias para quem *Beleza Oculta* foi mostrado antes da estreia tinham uma coisa em comum: choravam em diversos trechos do filme, ainda que a mensagem final seja positiva. O diretor conta que "tenta não deixar a sala de edição até ter chorado" quando trabalha em uma obra como essa, mas que não costuma verter lágrimas nos cinemas. "Sabe quando costumo chorar mais? Em comerciais. Sinto que esses pequenos vídeos, às vezes clichês, me atingem em cheio." BRUNA VELOSO

BARRY WETCHER

CALENDÁRIO *shows*

FEVEREIRO | MARÇO

UMA SELEÇÃO DOS MELHORES EVENTOS MUSICAIS NO BRASIL

FEVEREIRO

1 | Quarta

JASON MRAZ

Live Curitiba – Curitiba (PR)

O norte-americano Jason Mraz fará um novo giro pelo Brasil no começo de 2017. Além de Curitiba, Mraz também tocará em São Paulo (Citibank Hall, 26/1), Belo Horizonte (Festival Planeta Brasil, 28/1), Xangri-Lá (Festival Planeta Atlântida, 3/2) e Florianópolis (Parador 12, 5/2). Será a quarta vinda do cantor ao país: ele esteve por aqui em 2009, 2013 e 2015.

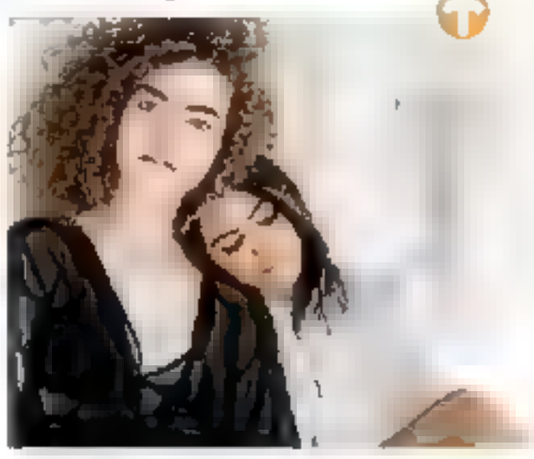
2 | Quinta

QUEREMOS! TROPICAL

Fundição Progresso

Rio de Janeiro (RJ)

O Queremos! Tropical é uma série de shows nacionais com artistas de quatro regiões do país. As duas últimas apresentações da programação serão nos dias 2 e 16 de fevereiro, com Anavitória (*foto*) e Dona Onete (acompanhada por Felipe Cordeiro), respectivamente.



3 | Sexta

PLANETA ATLÂNTIDA

Sesc Atlântida – Xangri-Lá (RS)

A 22ª edição do Festival Planeta Atlântida, maior evento do tipo no Sul do país, também ocorrerá em 4 de fevereiro. O line-up conta com Jason Mraz, Alok, O Rappa, Marcelo D2 & Sain, Capital Inicial, Gabriel, o Pensador & Karol Conka, Ego Kill Talent, Emicida e muitos outros.

4 | Sábado

FESTIVAL DEKMANTEL

Jockey Club – São Paulo (SP)

O evento sairá de Amsterdã, sua cidade natal, para realizar a primeira edição por aqui nos dias 4 e 5 de fevereiro, na capital paulista. A proposta é apresentar grandes nomes da música contemporânea e eletrônica, incluindo brasileiros. Os headliners confirmados são Nicolas Jaar (*foto*), Jeff Mills, Nina Kraviz e Moodymann. Entre os artistas nacionais, estão Bixiga 70 e Hermeto Pascoal.

10 | Sexta

TOQUINHO, IVAN LINS E MPB4

Teatro de Uberlândia – Uberlândia (MG)

Toquinho convida Ivan Lins e MPB4 para comemorarem juntos meio século de carreira. Depois de Uberlândia, eles ainda passarão por São Paulo para subir ao palco do Tom Brasil, em 11 de fevereiro.

24 | Sexta

FESTIVAL PSICODÁLIA

Sesc Pompeia – São Paulo (SP)

Entre 24/2 e 1/3, será realizada a 20ª edição do festival Psicodália. Além de oficinas, peças de teatro e mostras de cinema, uma série de artistas está escalada para shows ao longo dos seis dias. Ney Matogrosso, Erasmo Carlos, Casa das Máquinas, Céu, Pertobá Chingó e Metá Metá são apenas alguns deles.

MARÇO

7 | Terça

THE PRETTY RECKLESS

Pedreira Paulo Leminski – Curitiba (PR)

A banda liderada pela cantora e atriz Taylor Momsen seguirá para outras capitais: Rio de Janeiro (Vivo Rio, 9/3), São Paulo (Espaço das Américas, 10/3) e Belo Horizonte (Serraria Souza Pinto, 11/3).

9 | Quinta

JAKE BUGG

Citibank Hall – São Paulo (SP)

O cantor e compositor inglês Jake Bugg trará a turnê do álbum *On My One* (2016). Serão três apresentações, em São Paulo, no Rio de Janeiro (Circo Voador, 10/3) e em Belo Horizonte (Music Hall, 11/3). Em 2014, ele veio ao Brasil em duas ocasiões – em abril, para apresentação no Lollapalooza, e em novembro, para shows próprios.

18 | Sábado

ROGER HODGSON

Arena Vitória – Vitória (ES)

O ex-vocalista do Supertramp chegará em março para se apresentar em sete capitais. A turnê *Breakfast in America* começará em São Paulo (Citibank Hall, 15/3) e além de Vitória também passará por Florianópolis (Centro Sul, 16/3), Porto Alegre (Pepsi on Stage, 21/3), Brasília (Centro de Convenções, 23/3), Belo Horizonte (Chevrolet Hall, 25/3) e Rio de Janeiro (Metropolitan, 26/3)

25 | Sábado

LOLLAPALOOZA

Autódromo de Interlagos

São Paulo (SP)

A edição de 2017 do evento continua em 26 de março. O primeiro dia será liderado por Metallica, The xx e The Chainsmokers, enquanto o segundo terá The Strokes, The Weeknd, Flume e Martin Garrix como atrações principais. Além dos headliners, estão confirmados The 1975, Cage the Elephant, Duran Duran, Tove Lo e Two Door Cinema Club, entre outros

29 | Quarta

JUSTIN BIEBER

Praça da Apoteose

Rio de Janeiro (RJ)

A nova passagem de Justin Bieber pelo país começa no final de março no Rio de Janeiro e se estende até o começo de abril, com dois shows em São Paulo (Allianz Parque, 1/4 e 2/4).

DIVULGAÇÃO JASON MRAZ; BRENO GALTER; ANAVITÓRIA; CARLO & EDUARDO IMAGES; NICOLAS JAAR; DIVULGAÇÃO TAYLOR MOMSEN; DIVULGAÇÃO

PETROBRAS vivo BAHIA GOVERNO DO ESTADO

apresentam

21ª EDIÇÃO

PERC PAN

PANORAMA PERCUSSIVO MUNDIAL

PERC PAN 2017

19 A 21 DE JANEIRO DE 2017 EM SALVADOR

19 JAN
- Glass Duo
- Sona Jobarteh
- Khusugtun

20 JAN
- Trio Multiface
- Projeto Neoiabás
- Projeto Guri
- Coletivo Rumpilezzinho

21 JAN
- Roberto Mendes
- Lucas & Orquestra dos Prazeres
- Staff Benda Bilili
- Bloco Afro Muzenza
- Potex

MESTRE DE CERIMÔNIA: Mateus Aleluia

Apoio

Air Europa

Patrocínio

PETROBRAS vivo Fazcultura SECRETARIA DA FAZENDA SECRETARIA DE CULTURA BAHIA GOVERNO DO ESTADO

SALTUR Empresa Salvador Turismo

SALVADOR PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

R&R

Ator fala sobre maquiagem, premiações, filhos e o Conde Olaf, de *Desventuras em Série*

Por Stella Rodrigues

Neil Patrick Harris

"Tentamos sempre fazer a coisa certa, mas quando sou pago para ser mau esse é um dia divertido de trabalho"

COMEDIANTE, APRESENTADOR. Mágica, canto, atuação. Musicais, séries, filmes, premiações. No caso de Neil Patrick Harris, de 43 anos, o clichê do artista polivalente é válido. A bola da vez é o vilão Conde Olaf nos oito episódios da primeira temporada de *Desventuras em Série*, que chegam à Netflix em 13 de janeiro. O programa tem como base os famosos livros infantis de Lemony Snicket, que contam a história de órfãos sob a terrível custódia de Olaf, que tenta roubar a herança das crianças. "É mais seco e intenso, um pouco mais Tim Burton", conforme ele define, em comparação ao filme de 2004 protagonizado por Jim Carrey. Em uma conversa com jornalistas, Harris – que está sob escrutínio público desde criança, quando começou a atuar, e ficou famoso com o prodigioso doutor Doogie Howser em *Tal Pai, Tal Filho* – fala sobre o novo papel, antigos trabalhos e a adorável família [o *chef* e ator *David Burtka, marido, e os gêmeos Gideon e Harper, filhos do casal*], cujas fotos nas redes sociais são um ímã de likes.

Você gostou de ser um pouco malvado nesse papel?

Eu me deleito sendo malvado sempre que posso. É uma parte que na vida, por causa da natureza humana, nos tentamos suprimir. Tentamos fazer a coisa certa o tempo todo – pelo menos é isso que tento ensinar aos meus filhos. Mas quando sou pago para fazer o oposto esse é um dia divertido de trabalho.

Ter filhos pequenos é algo que tem te levado a procurar papéis nesse universo? Eles já te pediram para interpretar ou se vestir como algum personagem?

Eles ainda estão com 6 anos. David e eu lemos muitos livros para eles antes de dormir. Essa é a nossa melhor oportunidade de interpretar o maior número possível de personagens diferentes. Mas eles não me viram fazendo muitos papéis. Já sabem que eu sou ator, me viram no [*musical da Broadway*] *Hedwig and the Angry Inch* e estiveram no set de gravações de *Desventuras em Série*, mas muita coisa continua fora do radar deles. O que provavelmente é melhor!

O que as crianças acharam de te ver como vilão?

Eles riram de mim! Eles sabem que não sou aquele sujeito agourento e obscuro que é o Olaf. Eu me pergunto o que eles vão achar sobre o que o papai faz como profissão quando forem mais velhos... ir de Hedwig para Olaf.

A série moderniza a história? No trailer vemos algo sobre estar online em uma das falas.

É, isso foi um certo improviso. É um conto atemporal e tivemos que pensar em vários elementos, porque fazemos piada com mídia de streaming, tem humor sobre coisas online, mas as crianças não têm celular. Acho que é mais uma questão de "dar uma piscadela" para um público específico do que contextualizar em que ano estamos. Gosto de pensar que é como em *Os Muppets*, que parecia uma coisa de vaudeville, com a orquestra e o teatro, mas ao mesmo tempo eles podem fazer piadas que são atuais. A ideia é mais curtir o escapismo do programa.

A aparência de Olaf te deixava na cadeira de maquiagem por muitas horas, certo?

No fim do dia, depois de 14 ou 15 horas, era delicioso poder tirar a maquiagem, as próteses. Eu ficava contente com o quão jovem eu parecia! Acho que eu não dizia isso fazia décadas. Foi um processo interessante, porque me forçou a olhar muito para a minha cara, mostrou como narinas infladas ou uma sobrancelha erguida ficam no meu rosto, sabe? Nunca tinha prestado tanta atenção em certas minúcias.

Você pode terminar uma piada? Doogie Howser, Barney Stinson (personagem de Harris na série* How I Met Your Mother*), Hedwig e Olaf entram em um bar...

[*Risos*] Doogie seria barrado na porta, por ser menor de idade. Hedwig ganharia bebidas de graça porque ela faria sexo oral no barman, Olaf roubaria quantas garrafas conseguisse para poder beber mais tarde, ele estocaria. E Barney Stinson provavelmente iria comer a garçonete no banheiro.

Sendo um apresentador veterano de cerimônias de premiação, diga algo para Jimmy Kimmel, que estará à frente do próximo Oscar.

Ah, ele não precisa de conselho algum, é fantástico. Ele tem a habilidade de ser cáustico, mas ao mesmo tempo muito cativante. Essa é uma linha complicada na qual caminhar.

CHRIS PIZZELLO/INVISION/AP

NOVO ENSINO MÉDIO.

QUEM CONHECE APROVA.

JÁ É ASSIM COM 72% DOS BRASILEIROS.

Agora, com o Novo Ensino Médio, você tem mais liberdade para escolher o que estudar, de acordo com sua vocação. É a liberdade que você queria para decidir o seu futuro.

Acesse [illegible].gov.br e saiba mais.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

BRASIL

SOM & VISUAL George Michael ao vivo no Live Aid, no dia 13 de julho de 1985. Nessa época, ele ainda estava no Wham!

AP/ASSOCIATED PRESS VIA AP IMAGES

Pop sem Preconceito

Quebrando tabus e levantando debates, George Michael ajudou a definir o som da década de 1980

Em 1984, 20 anos depois da chamada invasão britânica – que levou às paradas dos Estados Unidos Beatles, Rolling Stones e outros –, os ingleses novamente espalharam sua música mundo afora. Desta vez, os protagonistas eram nomes como Wham!, Duran Duran, Culture Club e The Police, que aproveitavam o boom da MTV para vender a imagem de ícones da new wave por meio de clipes muito bem produzidos.

De cara, o Wham! sobressaiu. George Michael e Andrew Ridgeley eram dois vistosos rapazes ingleses que não estavam nem um pouco interessados na angústia do pós-punk. Eles queriam reviver o som dançante da gravadora Motown, aparecer nas capas de revista e ser cobiçados pelas garotas. Hoje, é curioso lembrar desses tempos ingênuos de George Michael no Wham! e depois ver como seguiu a carreira dele.

Georgios Kyriacos Panayiotou nasceu em Londres, no dia 25 de junho de 1963, e morreu enquanto dormia no dia 25 de dezembro de 2016, em decorrência de problemas cardíacos. Ele estava na casa em que morava, em Goring-on-Thames, na região de Reading, Inglaterra. No começo da década de 1980, Michael era o arquétipo do astro pop. Para alguns detratores, fazia música "descartável". Pete Burns, do Dead or Alive, falecido no último mês de outubro, na época ironizou o Wham!: "Eles são dois anúncios ambulantes de pasta de dente com um microfone, não são?" Mas Michael viria a provar que sua música tinha alma.

A música de Michael celebrava a vida e as diversas facetas do amor, mas também tinha melancolia e uma percepção da mortalidade

A dupla dominou as paradas até metade dos anos 1980 com hits que alcançaram as rádios do mundo todo – "Wake Me Up Before You Go-Go", "Careless Whisper", "Freedom", "Everything She Wants", "I'm Your Man". George Michael era o verdadeiro astro da dupla e, em meados da década, começou a preparar a carreira solo. Foi um verdadeiro acontecimento. Ele estreou em 1987 com *Faith*, disco que não deixou espaço para a concorrência. Foram 25 milhões de cópias vendidas. Canções como "Faith", "Father Figure" e "I Want You Sex" tocaram à exaustão. Sensual, sexual, dançante, hedonista e hipnótica, a música de Michael celebrava a vida e as diversas facetas do amor, mas também tinha melancolia e uma percepção da mortalidade, uma sensação de que nada era duradouro. *Faith* era uma poderosa declaração de um artista que começava a quebrar as barras da gaiola em que se encontrava.

Rivalizando com Michael Jackson, George Michael era, naquele momento, um dos maiores astros pop do planeta. E ele tinha uma personalidade complexa: suas motivações e interesses iam muito além de bancar a celebridade perfeita. Talvez exista algum significado mais amplo no fato de ele ter morrido no mesmo ano em que também se foram David Bowie e Prince. Os três redefiniram as regras musicais e comportamentais nos anos 1980, lidando explicitamente com a sexualidade na música que faziam e desafiando convenções de gênero e de orientação sexual.

No auge do estrelato do Wham!, George Michael saía com garotas. Levou um bom tempo para ele se assumir homossexual. Nos álbuns *Faith* e *Listen without Prejudice Vol. 1.* (1990), ele já dava dicas sobre sua sexualidade, mas ainda não havia "saído do armário". Em 1998, foi acusado de atentado ao pudor por manter relações com outro homem em um banheiro público em Beverly Hills, na região de Los Angeles. Foi exposto e humilhado pela mídia conservadora. Michael não se intimidou: transformou o episódio em arte e mostrou o dedo do meio aos hipócritas e moralistas na canção e no vídeo de "Outside". No clipe, ele reproduziu o incidente do banheiro e mostrou dois homens policiais se beijando. Se antes ele era um ícone gay de forma velada, posteriormente se transformou em um combativo defensor dos direitos das minorias.

Em 1994, George Michael processou a Sony Music, em um imbróglio desgastante e bem documentado. O artista alegava que a gravadora não havia promovido *Listen without Prejudice Vol. 1.* adequadamente, e que o contrato dele com a empresa se assemelhava a "escravidão". Michael foi derrotado nos tribunais depois de um processo que se arrastou por anos. A briga na Justiça acabou com as energias dele; o artista foi perdendo o interesse na carreira. Além disso, o panorama musical também mudava. Ainda assim, ele mantinha algum fôlego criativo. O melancólico *Older* (1996), que saiu pela gravadora Virgin, foi um tributo a Anselmo Feleppa, estilista brasileiro (que namorou Michael e morreu em 1993 vitimado por complicações causadas pelo HIV). Os dois se conheceram em 1991, quando Michael veio ao Brasil para se apresentar no Rock in Rio. Em 1999, ele revelou seu lado de cantor de jazz ao gravar *Songs from the Last Century*. Seu último trabalho de estúdio foi *Patience* (2004).

Em *Listen without Prejudice Vol. 1.*, George Michael deixou a mensagem de que as pessoas deveriam ouvir sua música "sem preconceito". É o que importa agora. No dia seguinte à morte do artista, diversas instituições e pessoas que cruzaram o caminho dele revelaram histórias de caridade, serviços voluntários e outros atos de bondade que Michael nunca fez questão de alardear. A única coisa que ele queria exibir era seu trabalho. E é principalmente por isso que ele deve ser lembrado: um artista dono de uma imagem poderosa e de uma voz expressiva e elástica, que ajudou a representar toda uma era do pop.

PAULO CAVALCANTI

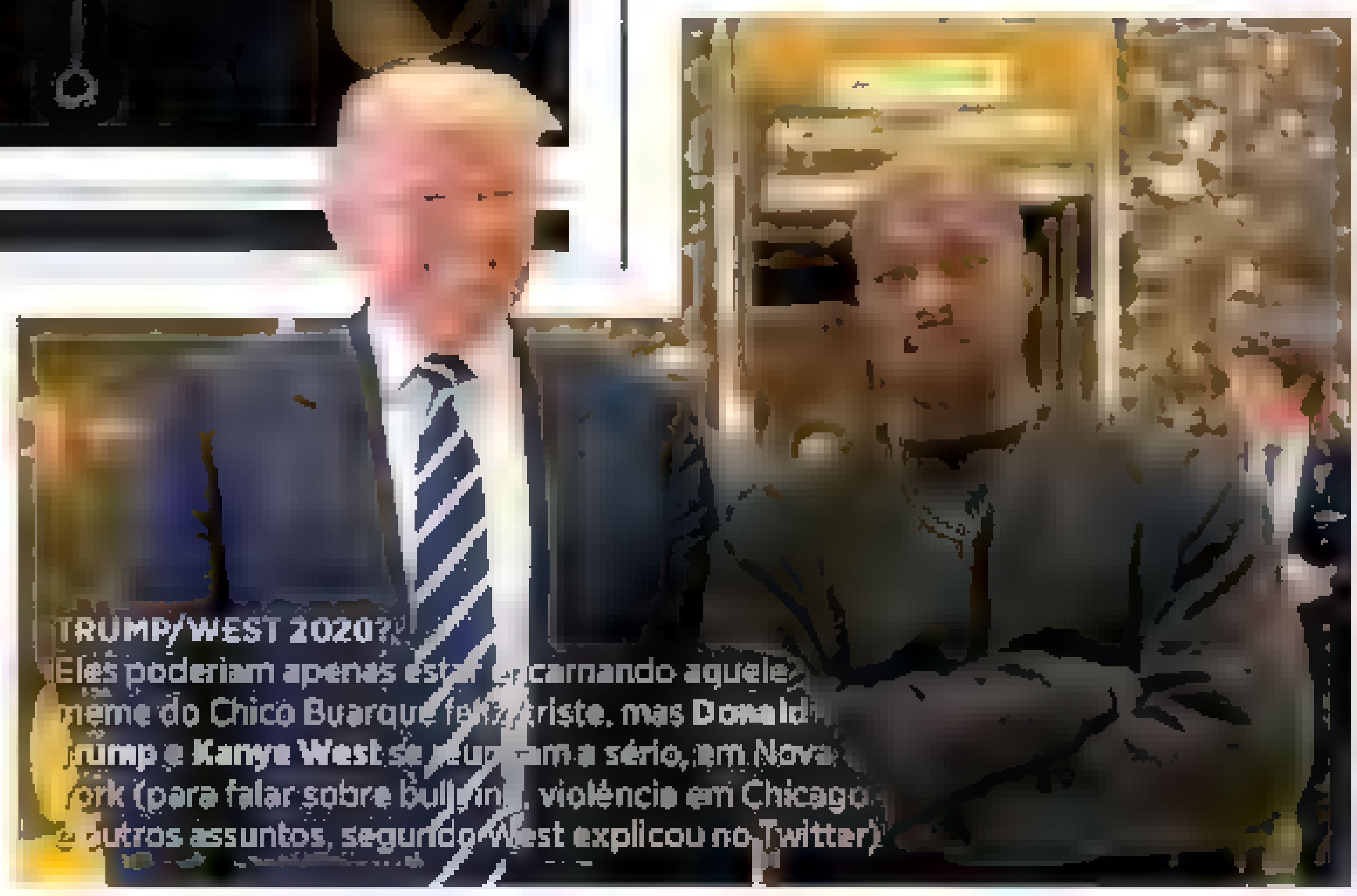
www.rollingstone.com.br
Relembre as canções mais emblemáticas da carreira do cantor

Randômicas

Porque a Noite Pertence a Dylan

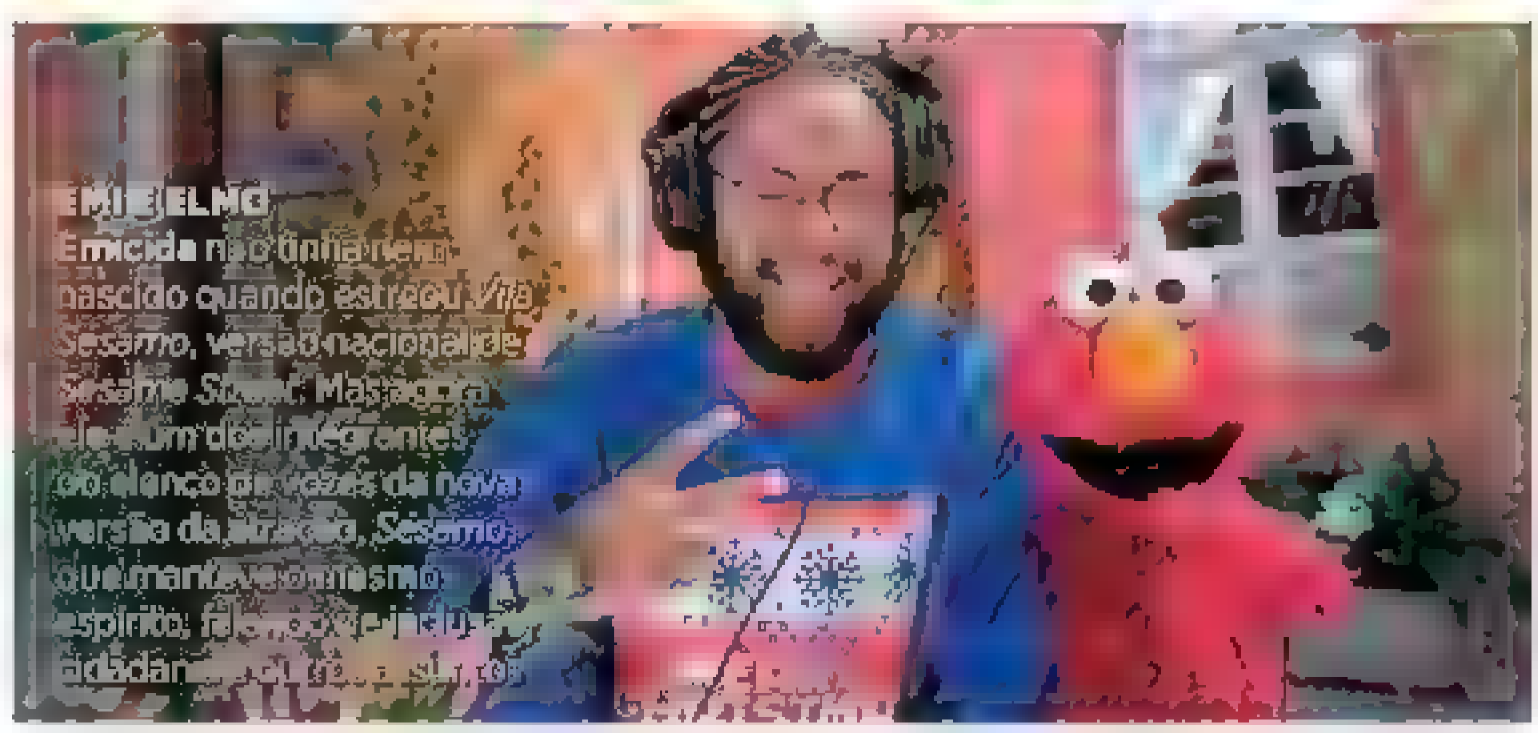
Patti Smith cantou de forma emocionada e nervosa a faixa "A Hard Rain's a-Gonna Fall" na cerimônia de premiação do Nobel – na qual o dono da canção, Bob Dylan, recebeu o Nobel de Literatura. Conforme já vinha sido noticiado faz tempo, o próprio homenageado [illegible] de comparecer ao evento, realizado em Estocolmo.

OLÊ, OLÊ, OLÁ
No dia em que comemorou [illegible] anos, **Silvio Santos** foi visitar a exposição em homenagem a ele que está [illegible] no MIS, em São Paulo. [illegible] Veja [illegible] a histó[illegible] [illegible] ao rever parte do material.

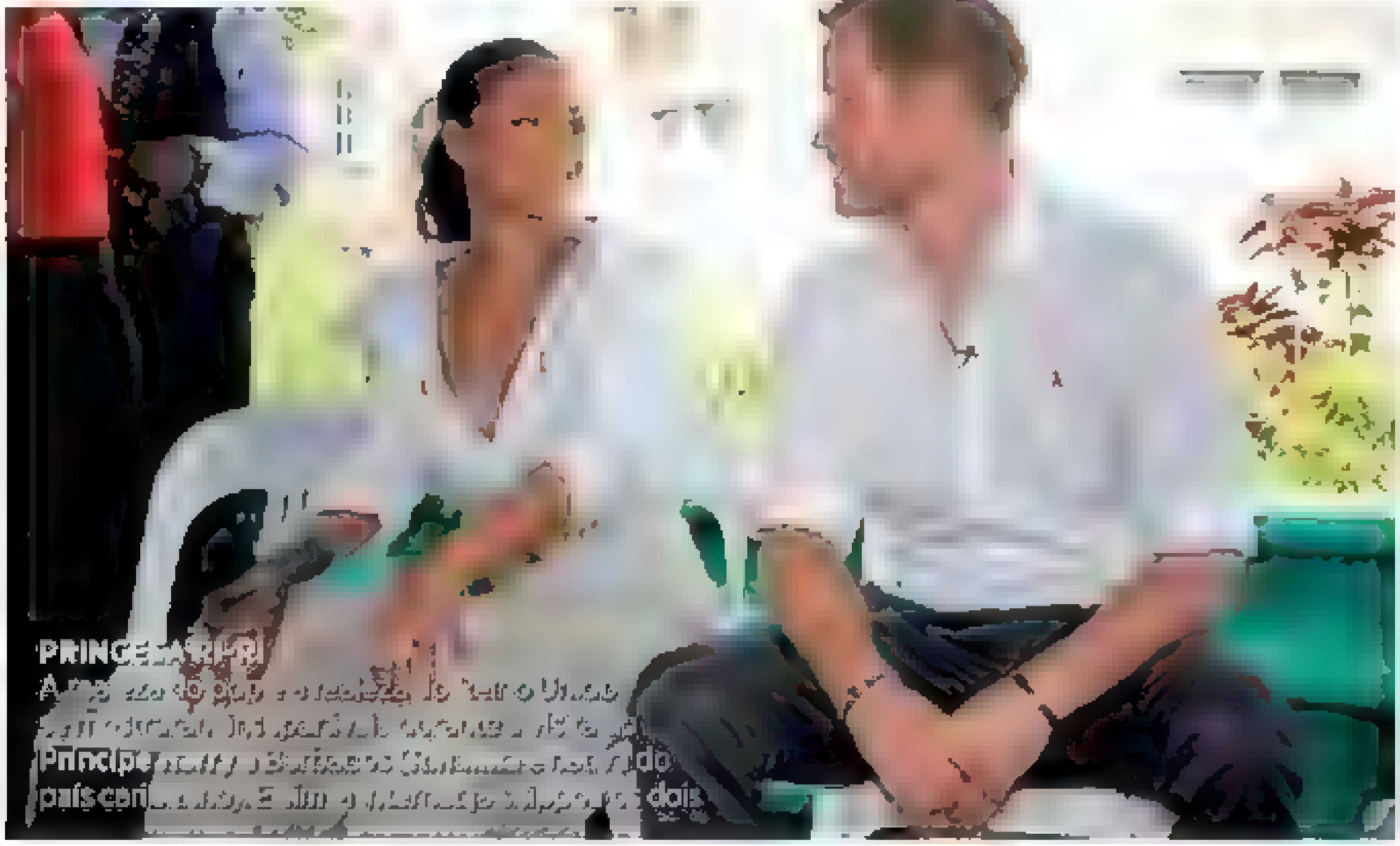


TRUMP/WEST 2020?
Eles poderiam apenas estar encarnando aquele meme do Chico Buarque feliz/triste, mas **Donald Trump** e **Kanye West** se reuniram a sério, em Nova York (para falar sobre bullying, violência em Chicago e outros assuntos, segundo West explicou no Twitter).

CARTÃO DE NATAL
Quando sua mãe é **Mariah Carey** ou **Beyoncé**, você aprende a coordenar as cores de uma foto antes mesmo de aprender a ler. Bey foi a um show de Mariah em Nova York e, nos bastidores, elas posaram ao lado dos gêmeos desta, **Moroccan** e **Monroe**, da sempre estilosa **Blue Ivy** (*com o leque*) e de uma amiguinha das crianças.

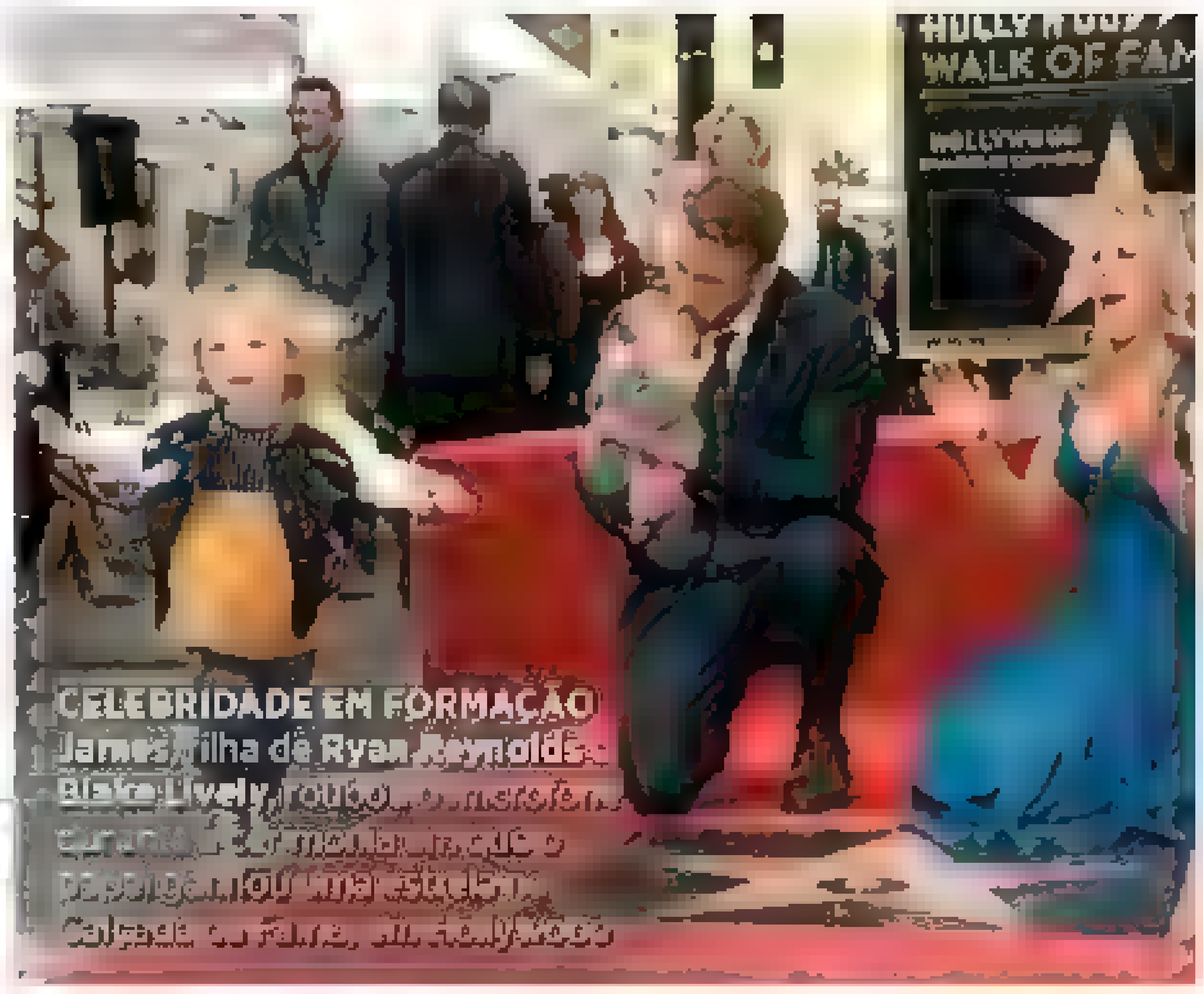


EMI E ELMO
Emicida não tinha nem nascido quando estreou *Vila Sésamo*, versão nacional de *Sesame Street*. Mas agora ele é um dos integrantes do elenco de vozes da nova versão da atração, *Sésamo*, que mantém o mesmo espírito, [illegible]

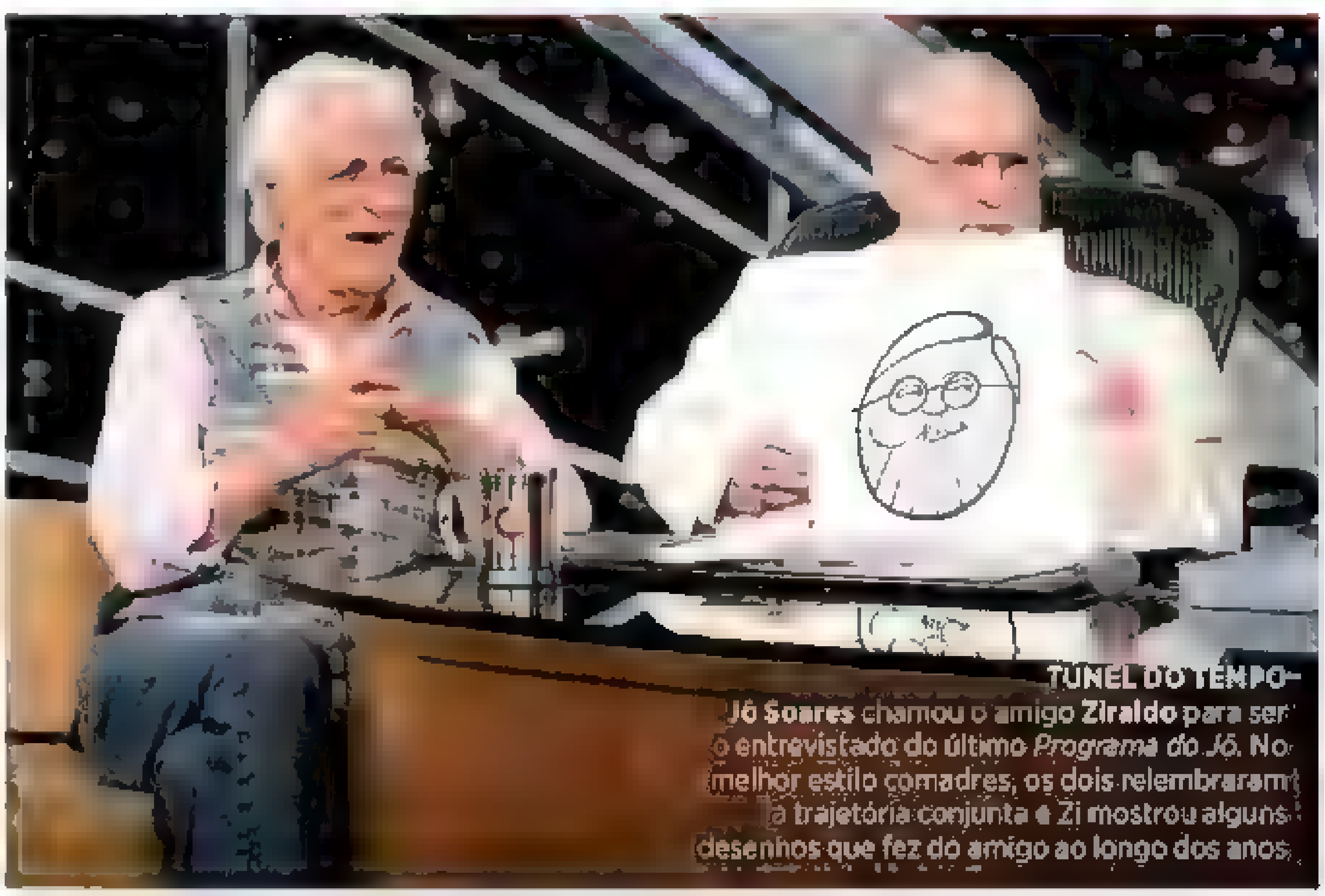


PRINCE[illegible]
A [illegible] Príncipe [illegible] país [illegible] dois [illegible]

NOVO [illegible]
[illegible] estava na [illegible] Porto [illegible] estúdio [illegible] Alegre que é um dos [illegible] da América Latina



CELEBRIDADE EM FORMAÇÃO
James, filha de **Ryan Reynolds** e **Blake Lively**, roubou [illegible] Calçada da Fama, em Hollywood

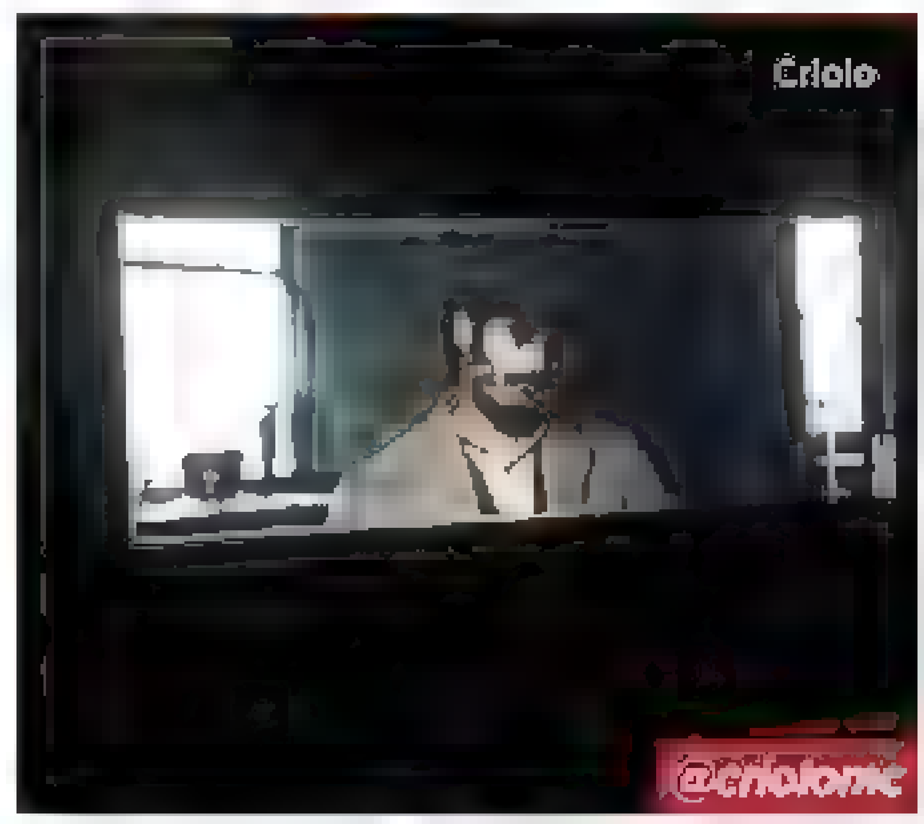


TÚNEL DO TEMPO
Jô Soares chamou o amigo **Ziraldo** para ser o entrevistado do último *Programa do Jô*. No melhor estilo comadres, os dois relembraram a trajetória conjunta e Zi mostrou alguns desenhos que fez do amigo ao longo dos anos.

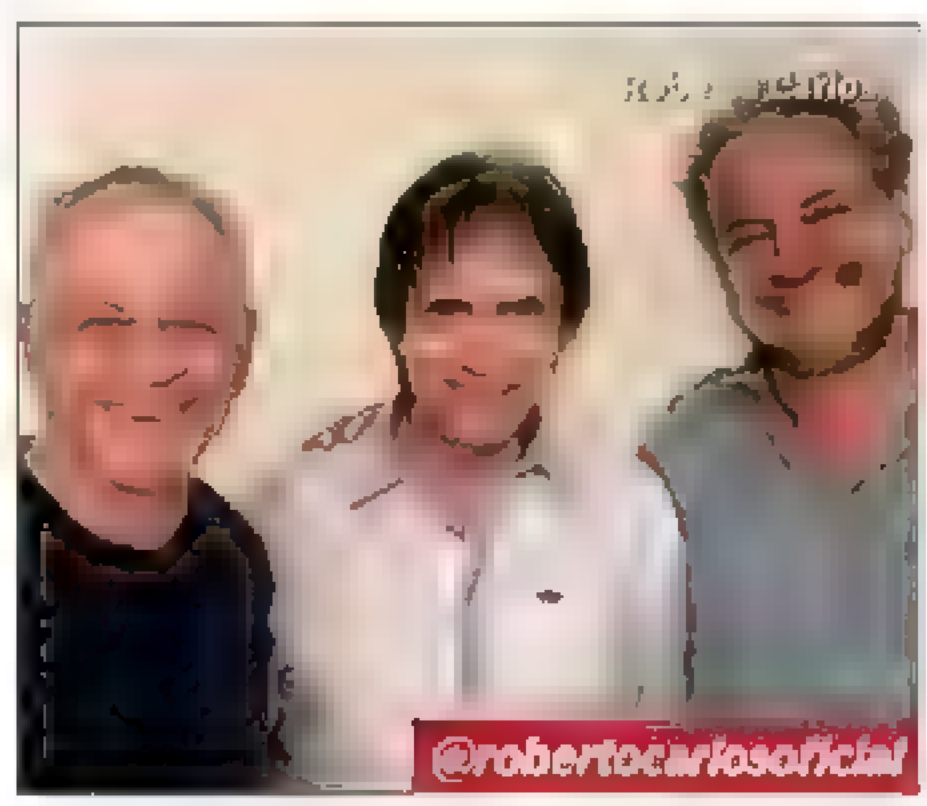
INSTAMANIA

O MÊS DAS CELEBRIDADES NO INSTAGRAM

"Esse cara 😍"



"Set de filmagem de *O Juízo*, um suspense paranormal de Fernanda Torres com direção do amigo Andrucha Waddington. Uma honra fazer parte desse filme ao lado de grandes atores."



"Começou! Ontem foi a primeira reunião para produção do filme sobre a história da vida de Roberto Carlos. No Estúdio Amigo, RC recebeu o diretor Breno Silveira e Nelson Motta. Pela cara dos três na foto, só pode vir coisa boa por aí."

MELHORES DISCOS DE 2016

No Brasil, uma mescla interessante de batidas tropicais, rap, MPB e psicodelia; lá fora, novamente foram tempos de pop e mais hip-hop, mas com bons riffs de guitarra

NACIONAIS

1 Céu
Tropix

ELOGIADO PELA IMPRENSA nacional, pela imprensa internacional, vencedor de Grammy Latino... O quarto álbum de Céu é uma unanimidade. Ter disco incensado não é novidade para a cantora paulistana, é preciso lembrar. Mas certamente ela nunca ouviu tanto que "este é seu melhor trabalho". E os fãs de *Vagarosa* (2009), segundo e cultuado registro dela, hão de entender que motivo é o que não falta para *Tropix* ganhar tanto holofote – mais um agora, com o primeiro lugar na eleição de melhores do ano da *Rolling Stone Brasil*. O disco, que combina referências tropicais e sonoridade sintética, foi costurado com esmero por Maria do Céu e seus agregados. Merecem crédito os produtores Pupillo (Nação Zumbi) e o francês Hervé Salters (General Elektriks), que também coescreveu duas faixas; vale menção à colaboração da cantora com Dinho, do Boogarins, na elaboração de "Camadas"; e tem de ser aplaudida a sacada de recuperar "Chico Buarque Song", do Fellini, veterano grupo indie de São Paulo.

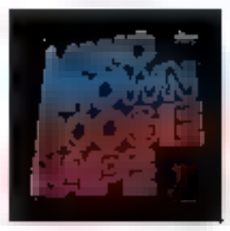
FOTO: ADRIANO VIZONI/FOLHAPRESS

2 | Sabotage
Sabotage

AGUARDADO POR ANOS, o disco póstumo de Sabotage fez mais que justificar a espera. A produção não se limitou a ser apenas uma homenagem, tratando as ideias até hoje atuais do rapper com ousadia e frescor sonoro. Mais uma obra grandiosa do maestro do canão.

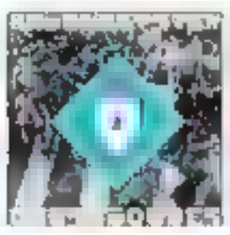
3 | Liniker e os Caramelows
Remonta

PRIMEIRO DISCO DE Liniker e os Caramelows, *Remonta* é intenso: um álbum profundamente confessional, que traz entranhado o soul, o funk e o R&B norte-americanos, fugindo dos clichês do lado mais suave da MPB radiofônica.



4 | Mano Brown
Boogie Naipe

A ESTREIA SOLO DO maior MC do país não poderia ser mais surpreendente: ele cai na pista de dança, solta a voz e disseca os ensejos da noite paulistana. O coletivo dá lugar ao individual e tudo é feito com a autenticidade de quem nunca tirou os pés da rua.



5 | BaianaSystem
Duas Cidades

PELA SEGUNDA VEZ, O diálogo entre a guitarra baiana de Roberto Barreto e os vocais de Russo Passapusso rendem um trabalho excelente. Especulação imobiliária e lucro a todo custo viram música experimental para brincar o Carnaval. Mais original, impossível.

6 | Mahmundi
Mahmundi

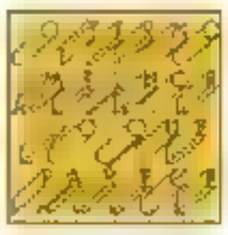
PRODUZIDO PELA PRÓpria artista, este primeiro álbum recupera canções de EPs ("Calor do Amor", "Desaguar") e apresenta inéditas irresistíveis, como "Eterno Verão" e "Meu Amor", mostrando que Mahmundi é uma serva do pop de raro talento.

7 | Metá Metá
MM3

O DISCO FLERTA COM escalas árabes e brinca com os ruídos dissonantes do noise rock – tudo isso enquanto acena ao samba experimental da Vanguarda Paulista. As parcerias com Siba e Rodrigo Campos foram cruciais na construção da versatilidade do LP

8 | Arthur Verocai
No Voo do Urubu

QUEBRANDO O JEJUM DE oito anos, *No Voo do Urubu* reafirma a verve criativa e inventiva de Arthur Verocai. Cheio de parcerias – Mano Brown, Seu Jorge e Criolo, entre outros –, o álbum do carioca surge como o casamento certo entre a música popular e a música erudita.



9 | O Terno
Melhor do Que Parece

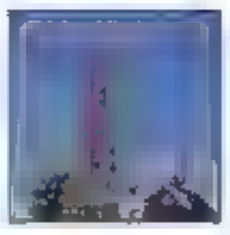
A ESSÊNCIA SONORA DO trio se desenrola em novos tons, com inserções de harpa, cordas, sopros, órgão e vocais simultâneos, além das influências de soul e R&B. Com letras confessionais e maior meticulosidade, O Terno nunca soou tão original quanto neste álbum.

10 | Carne Doce
Princesa

PRINCESA ACENTUA O que há de mais lídico, poético e melancólico no som do quinteto goiano Experimental, o segundo álbum da banda dialoga com questões universais sob o ponto de vista feminino, fazendo o ouvinte oscilar entre o arrebatador e o imperturbável.

11 | João Donato
Donato Elétrico

ACOMPANHADO POR MÚsicos bem mais jovens de São Paulo, incluindo toda a gangue do Bixiga 70, a maior lenda viva do Acre fez altas estrapulias em estúdio. Entre pianos elétricos siderais, Donato gravou alguns de seus melhores funks, entre outros balanços.



12 | Ed Motta
Perpetual Gateways

NÃO EXISTE NENHUMA nota errada nesta nova incursão de Ed Motta pelo universo do pop adulto. Os ecos são vários e perceptíveis: de Stevie Wonder a Steely Dan, tem um pouco de tudo. Mas no final a assinatura sonora do artista carioca prevalece.

RUI MENDES, EVANDRO FABIO BIÃO, DIVULGAÇÃO (ARTHUR VEROCAI E MANO BROWN)

13 Fernanda Abreu
Amor Geral

O AMOR E SEUS CONFLITOS aparecem em diferentes proporções ao longo das canções, que têm Fernanda em toda a sua essência, ao mesmo tempo que ela reinventa a própria sonoridade (caso de "Tambor", com Afrika Bambaataa)

14 Hyldon
As Coisas Simples da Vida

SE O GROOVE COM A CARA brasileira agora está mais em alta do que nunca, Hyldon merece grande parte do mérito. Nesta coleção de balanços ("Um Trem para Bangu") e canções românticas ("Depois do Inverno"), o soulman dá o recado.

15 Hurtmold & Paulo Santos
Curado

PARCERIA ENTRE O GRUPO e o ex-integrante do coletivo experimental Uakti, *Curado* é um compilado de referências. Do jazz ao noise rock, o álbum projeta ao ouvinte um caleidoscópio de paisagens instrumentais ora violentas, ora tranquilas

16 Macaco Bong
Macaco Bong

DE VOLTA À VELHA FORma, mas com nova formação, o power trio oriundo de Cuiabá (MT) fincou suas patas em São Paulo e registrou um quarto álbum redentor. Rocks instrumentais com um pé no jazz fusion ainda dominam, mas ritmos nordestinos entraram na receita.

17 Bruno Souto
Forte

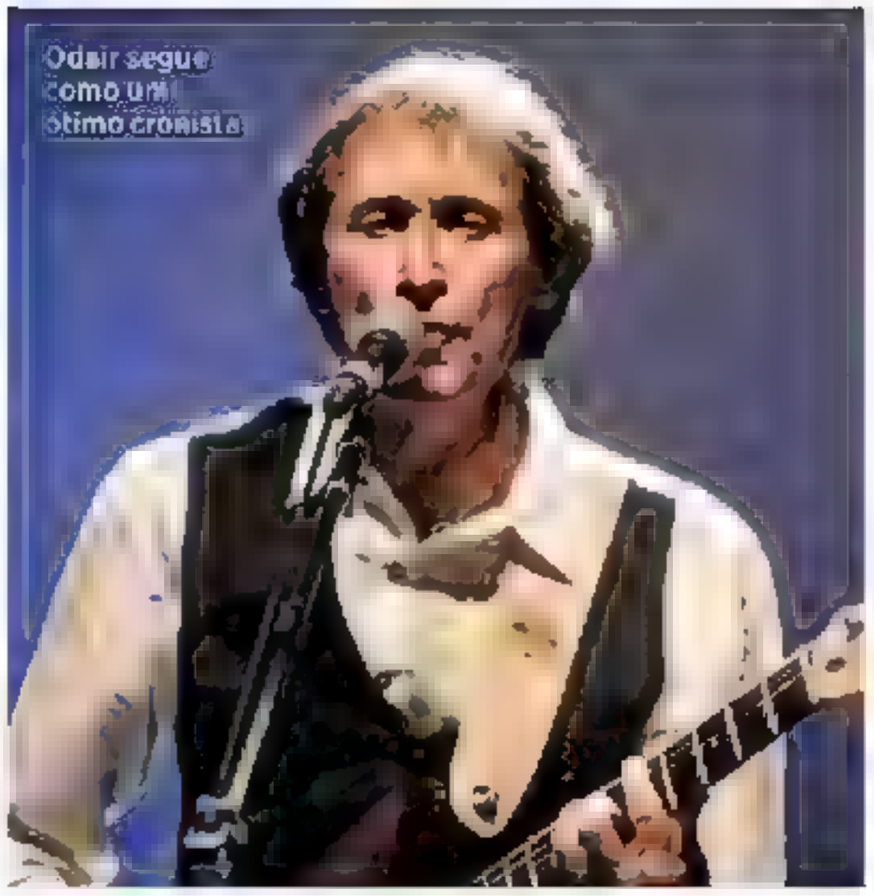
A FACETA "MARVIN GAYE do Cariri" brilha neste segundo voo solo do vocalista da banda Volver. É no falsete e no saxofone de "Madrugada" que o pernambucano ganha o ouvinte. E ainda tem "Faz Parte do Amor", balada soul adulta de versos repletos de volúpia.

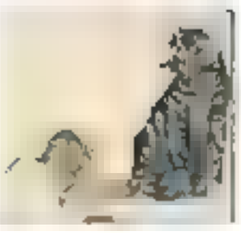
18 Tássia Reis
Outra Esfera

EM APENAS SETE FAIXAS, Tássia medita com profundidade sobre situações cotidianas e absorve parte do que há de mais contemporâneo no hip-hop, do soul etéreo de Solange ao jazz revivalista de Kendrick Lamar Novo sem ser modernoso, aéreo com os pés no chão.

19 Criolo
Ainda Há Tempo

MUITO ACONTECEU NA vida de Criolo desde que saiu o debute dele, *Ainda Há Tempo* (2006). Essa releitura não só adequa velhas canções a um artista renovado, ela as torna compatíveis com o atual momento do rap nacional, em parte forjado pelo próprio Criolo.



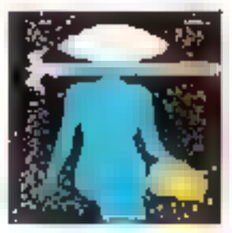


20 Odair José
Gatos e Ratos

VERDADEIRO CRONISTA das mazelas brasileiras, o cantor e compositor Odair José segue comentando, e por vezes atacando, o que realmente nos incomoda no dia a dia. No rock "Cobrador de Impostos", ele diz tudo: "Sou, sou eu/ o cara que você elegeu".

21 The Baggios
Brahma

O DUO IGNORA AS LIMItações da formação e inclui mais baixo, teclados e instrumentos de sopro, além de diversas participações. O conceito é elevado: além de histórias inspiradas por São Cristóvão, há personagens fictícios da cidade que dá nome ao álbum.



22 Tagore
Pineal

ENTRE O PRIMEIRO E ESte segundo disco, o Tagore passou por muitas transformações. A influência de Alceu Valença vem mais diluída e a psicodelia, antes tímida, chega dominante. Artesanal e orgânico, o álbum abre caminhos frescos para a psicodelia nordestina.

23 Tom Zé
Canções Fritleas de Ninar

AO COMPLETAR 80 anos, o longevo compositor paulista resolveu falar a respeito de sexo, tratando o assunto com inspiração e leveza juvenil. Em 13 canções, ele detalha tabus, mistérios e alegrias envolvendo o tema.

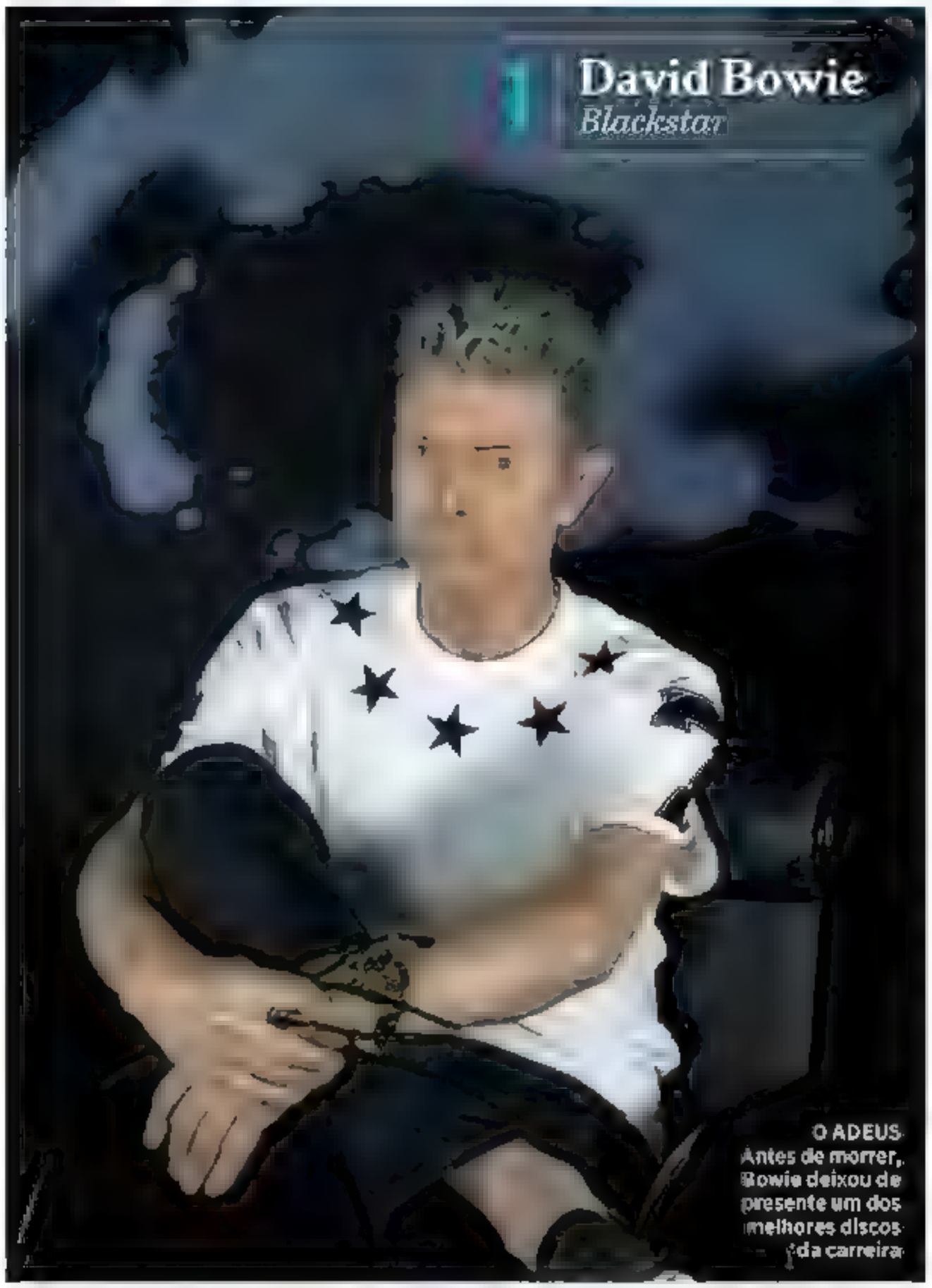
24 Silva
Silva Canta Marisa

AQUI, O MÚSICO DÁ ÀS canções do repertório de Marisa Monte uma roupagem minimalista, cujas bases e batidas remetem à sonoridade de gente como James Blake. Fugindo do óbvio, Silva se reafirma como força criativa no pop brasileiro.

25 Violeta de Outono
Spaces

OS MAGOS DA PSICODELIA e do art rock brasileiros ainda destoam de tudo o que é feito em nosso cenário da música popular. *Spaces* é mais um testemunho sonoro de que o Violeta é único quando o assunto é criar texturas e atmosferas lisérgicas.

FOTO DE DIVULGAÇÃO



O ADEUS
Antes de morrer, Bowie deixou de presente um dos melhores discos da carreira

1 | David Bowie
Blackstar

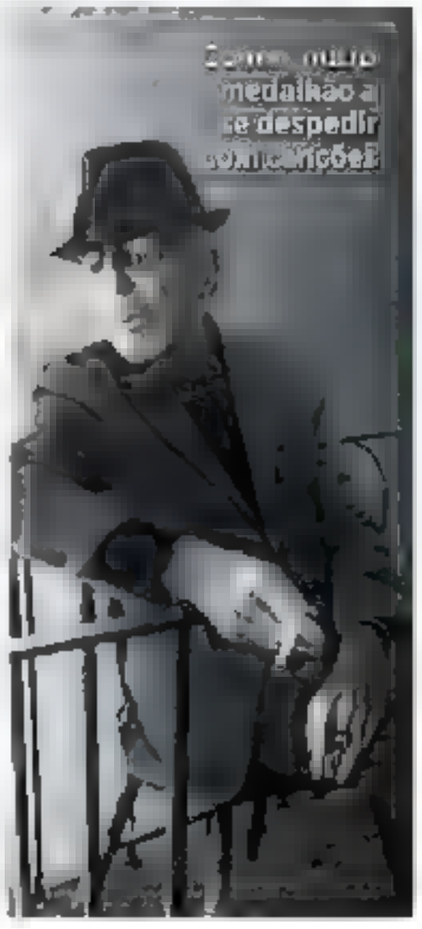
NUNCA HOUVE UMA despedida musical como *Blackstar* – Bowie deixou sua performance mais corajosa e ousada para o final. No dia em que completou 69 anos, o cantor e compositor lançou de surpresa esta obra-prima. Deixou um mundo espantado esmiuçando as faixas por alguns dias e, então, subiu aos céus. Um ano depois, *Blackstar* ainda oferece novos mistérios a cada audição. É um dos álbuns mais estonteantemente aventureiros do Starman, alongando-se em baladas espaciais jazzísticas como "Lazarus" ou a faixa-título épica de dez minutos (o produtor, Tony Visconti, revelou que Bowie estava absorvendo inspiração de artistas como Kendrick Lamar e D'Angelo). No entanto, foi preciso Bowie morrer para mostrar que *Blackstar* era sua ruminação sobre a mortalidade – angustiada, agridoce, lamentosa, recusando-se a ceder à autopiedade mesmo enquanto canta sua emocionada palavra final, "I Can't Give Everything Away", uma música tão comovente quanto "Heroes".

2 | Beyoncé
Lemonade

BEYONCÉ EMBASBACOU O público com canções de alma incendiária, em um testemunho sobre raiva, preconceito e traição e soando extremamente real. É um disco experimental e grandioso; íntimo, mas que também pinta o retrato de sociedades em chamas.

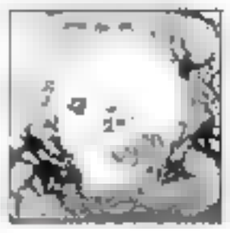
3 | Leonard Cohen
You Want It Darker

ASSIM COMO *BLACKSTAR*, de Bowie, esta declaração poderosa veio pouco antes de Cohen nos deixar. Aos 82 anos, o canadense ofereceu ao público canções meditando sobre amor e morte. "Estou pronto, meu Senhor", canta na faixa-título, com a voz ecoando na eternidade.



4 | Nick Cave & The Bad Seeds
Skeleton Tree

O ÍCONE DO ROCK GÓTICO nunca se mostrou tão soturno, desesperado e urgente. Em *Skeleton Tree*, com a voz fraquejando, Cave reage à perda trágica de um filho com baladas agoniadas que mergulham a fundo na escuridão.



5 | Radiohead
A Moon Shaped Pool

O PRIMEIRO ÁLBUM DO Radiohead em cinco anos está entre os mais belos da carreira da banda. As canções são adornadas por piano, violinos e floreios de violão. Ainda assim, ele nunca é confortador – como Thom Yorke adverte aqui, a verdade vai bagunçar sua cabeça.

6 | Frank Ocean
Blonde

PASSARAM-SE QUATRO anos entre o audacioso sucessor de *Channel Orange* (2012), disco de Ocean que deu uma nova cara ao R&B moderno, e esta nova pérola. O cuidado continua transparecendo: *Blonde* é uma maravilha viajante de psicodelia da era digital.

Jagger e Richards novamente fincaram os pés (e as guitarras) no blues

7 | The Rolling Stones
Blue & Lonesome

A BANDA DE MICK JAGGER e Keith Richards voltou às suas raízes mais profundas com uma coletânea crua de covers de blues de Chicago. Os Stones soam como se estivessem em 1963, mas a sabedoria da idade os ajuda a se conectar com estes clássicos.

8 | Iggy Pop
Post Pop Depression

AS SESSÕES FORAM CAPItaneadas por Josh Homme (Queens of the Stone Age), que criou o som sombrio perfeito para Iggy Pop brilhar. Depois da morte de David Bowie e Lou Reed, a sensação de raiva e a resiliência de sobrevivente do artista deram urgência ao álbum.

9 | Kanye West
The Life of Pablo

ÁLBUM MAIS PROBLEMÁtico do rapper, no qual ele continuou trabalhando mesmo depois de lançada uma primeira versão, este é um retrato do tamanho de *Guernica* para fazer a cabeça de Picasso girar. Faixas como "30 Hours" são West em sua melhor forma.

10 | Wilco
Schmilco

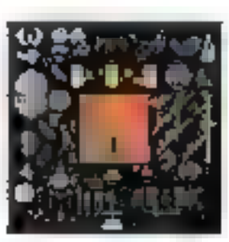
O LÍDER, JEFF TWEEDY, está mais discreto e melancólico. *Schmilco* é um disco de detalhes sutis a serem apreciados, dos rabiscos de guitarra apáticos às batidas galopantes, em meio a melodias estranhas, mas perfeitas para cantar junto.

11 | Angel Olsen
My Woman

MY WOMAN EXPANDE O modelo de folk-grunge estabelecido na estreia de Angel, *Burn Your Fire for No Witness* (2014). Embora haja autoconfiança, as figuras centrais na música dela nem sempre têm clareza, mas mantêm a decisão de seguir colocando um pé diante do outro.

12 | Lady Gaga
Joanne

ESQUEÇA POR UM MOmento a excêntrica diva pop dançante. Em *Joanne*, Lady Gaga revelou uma coleção de elegantes canções, algumas acústicas e outras com pique de classic rock. Além disso, a Rainha dos Monstrinhos abriu um lado mais confessional nas letras.

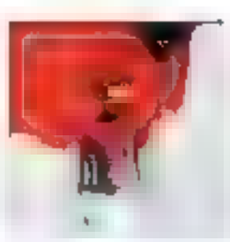


13 | Bon Iver
22, a Million

O ASTRO DO FOLK ALternativo Justin Vernon deixou o violão de lado e entrou no futuro para um álbum de R&B androide, etéreo e luxuoso. *22, a Million* a princípio causou alguma estranheza, mas também apontou caminhos inéditos para o artista.

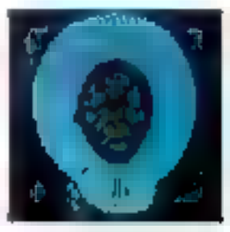
14 | Chance the Rapper
Coloring Book

UM DOS GRANDES TRAbalhos de hip-hop do ano, a terceira mixtape do rapper teve uma visão tão radiante quanto a arte da capa. Combina política radical e enlevo celestial para criar uma música afirmadora que não se esconde da dura realidade.



15 | Rihanna
Anti

O DEMORADAMENTE BUrilado oitavo disco da cantora foi o menos pop até aqui, juntando canções pungentes que exemplificaram como nunca a veia provocadora dela, tanto em matéria de estilo quanto de canto. "Work", com Drake, foi um dos hinos de 2016.



16 | Childish Gambino
"Awaken, My Love!"

UMA GRANDE SURPRESA, que chegou ao mercado apenas em dezembro, o terceiro álbum do norte-americano marca um afastamento do rap e um mergulho no funk mais psicodélico. Soa como um encontro de Sly Stone e Prince em alto-astral.

17 | Solange
A Seat at the Table

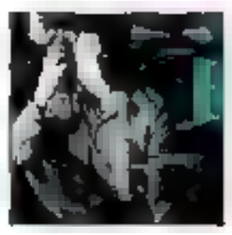
TENDO AO MESMO TEMPO influências de soul das antigas e de rock indie, o novo disco da irmã mais nova de Beyoncé é uma carta de amor à autossuficiência (mesmo quando se está diante de dores inimagináveis) e um manifesto para a mulher negra moderna.

18 | Bob Dylan
Fallen Angels

NESTA SEQUÊNCIA DO álbum *Shadows in the Night* (2015), o agora ganhador do Nobel de Literatura seguiu reinventando a obra de Frank Sinatra. Ele aplica aos velhos standards norte-americanos a melancolia e a simplicidade do folk e do country.

19 | Car Seat Headrest
Teens of Denial

A BANDA ENGENDROU UM mix de guitarras certeiro, em uma alquimia cheia de riffs que giram como luzes estroboscópicas e letras que jogam opiniões, slogans e piadas tão rapidamente que apagam qualquer possível diferença de discurso entre eles.



20 | Jack White
Acoustic Recordings 1998 - 2016

ESTA COLEÇÃO DE 26 faixas trazendo material inédito é um tesouro para os fãs, que já haviam ouvido falar delas, mas antes não tinham tido a chance de escutá-las. White comprova ser um craque no blues, no country e no gospel

21 | Kendrick Lamar
Untitled Unmastered

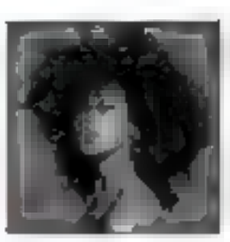
UM DISCO DE SOBRAS DO MC californiano interessa por quê? Porque traz Cee-Lo Green cantando uma bossa-rap, Bilal em outras duas faixas, Robert Glasper colocando seu piano jazzy em uma... Novamente, Lamar teve um ano de grandes canções.

22 | Sia
This Is Acting

O SÉTIMO ÁLBUM DA australiana é recheado de músicas que ela compôs pensando em outras artistas (Adele, Katy Perry, Shakira). São canções de eletropop motivacionais perfeitas para a nossa era. "Cheap Thrills", que Rihanna esnobou, virou um mega-hit.

23 | The Monkees
Good Times!

O AGORA TRIO (SEM DAVY Jones, morto em 2012) riu por último no ano do cinquentenário da banda ao revelar em *Good Times!* um repertório contendo pop e folk rock que consegue ser simultaneamente nostálgico e repleto de frescor.



24 | Alicia Keys
Here

EM DISCO COM MAIS VIOlão do que de costume, a cantora e pianista cessou um hiato de quatro anos sem gravar. Questões raciais abordadas nas letras chamam atenção, mas Alicia não deixou de escrever sobre relações afetivas, como no single "In Common".

25 | Blink-182
Californa

PARA O PESSOAL DO Blink-182, os bons tempos dos anos 1990 não acabaram. Em *California*, o trio celebra o pop punk ensolarado feito no estado onde o grupo nasceu, constantemente com um sorriso nos lábios e uma tirada na ponta da língua.

EVAN AGOSTINI/INVISION/AP/VEJA ENCARTE DIVULGAÇÃO

MELHORES MÚSICAS DE 2016

Tom confessional, mazelas sociais e feminismo deram as caras aqui e no mundo. A diversão e a leveza de hits para as rádios, no entanto, também marcaram presença

NACIONAIS

1 Mahmundi
"Hit"

DEPOIS DE "ETERNO VERÃO", MÚSICA que deu a largada na divulgação do álbum de estreia de Mahmundi, "Hit" era a escolha natural para a sequência. A faixa de abertura do disco então ganhou videoclipe, rodado no bairro paulistano da Liberdade, com a carioca zanzando pelas ruas da cidade que adotou para viver em 2016. E não poderiam faltar os karaokês da região, que combinam perfeitamente com a ideia de "Hit", uma canção solar, com vocação para ser cantada por muita gente. A levada reggae poderia até fazer dela um fenômeno praiano neste verão. Por enquanto, a criação mais conhecida de Mahmundi é "Sentimento", lançada como single no último álbum em formato acústico d'O Rappa. Mas ela tem outros hits na manga. Um deles, campeão.

TEMPO LEVE Mahmundi e a boa música do verão

2 Sabotage com DJ Cia
"Pelo du Fome (Homens Animais)"

NEM É PRECISO CONHECER a história de Sabotage para se emocionar: nesta faixa o rapper agoniza em confissões até esboçar um choro, enquanto DJ Cia amplifica os sensíveis arranjos.

3 Céu
"Perfume do Invisível"

SINGLE QUE APRESENTOU a sonoridade peculiar de *Tropix* para o mundo, "Perfume do Invisível" vai crescendo com suas batidas minimalistas e vocais que enfeitiçam. O café preto e o cigarro da letra ajudam na ambientação.

4 Liniker e os Caramelows
"Remonta"

A CANÇÃO SINTETIZA O tom confessional e sacolejado sobre o qual o primeiro álbum da banda foi arquitetado. Em um fraseado jazzístico, Liniker vocifera que depois da crueza da desconstrução é necessário remontar.

5 Arthur Verocai com Criolo
"O Tambor"

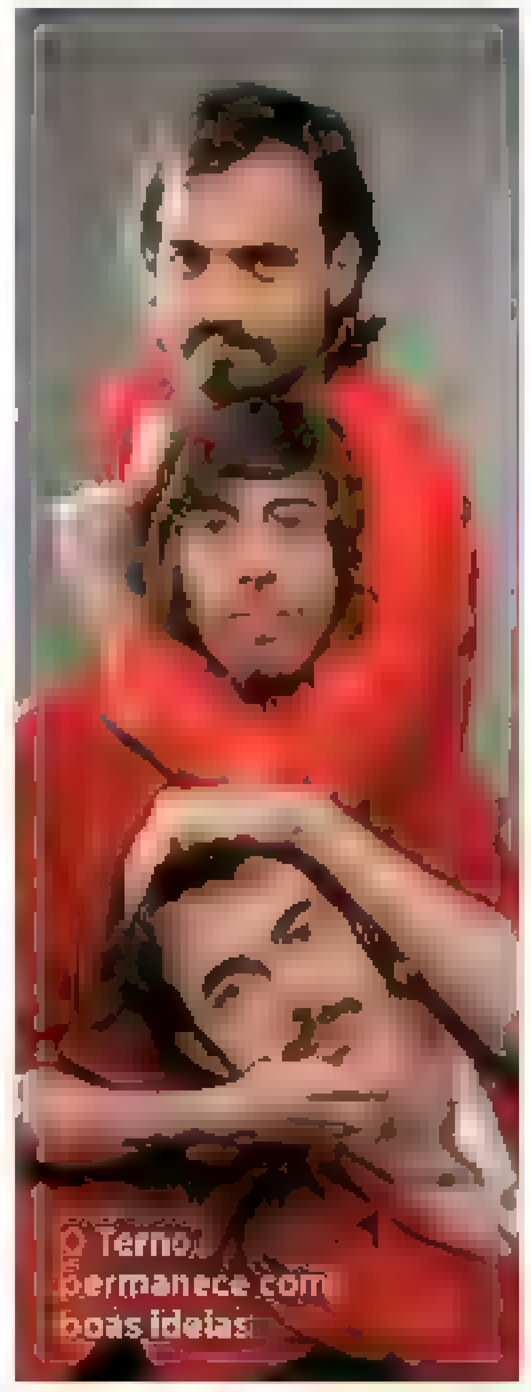
A PARCERIA ENTRE O maestro e o rapper promove o encontro do groove pontuado pela orquestração de Arthur Verocai com o lirismo cru de Criolo.

6 Mano Brown com Lino Krizz
"Gangsta Boogie"

O MC PRECISA DE TRÊS minutos para sintetizar a atual fase dançante, com os agudos de Lino Krizz, rimas malandras e um cantar encantadoramente desengonçado.

7 Carne Doce
"Princesa"

FAIXA-TÍTULO DO SEgundo álbum da banda goiana, "Princesa" subverte a lógica do pop romântico em uma psicodelia melódica e compassada, permeada por guitarras ácidas e efervescentes.



O Terno permanece com boas ideias

8 O Terno
"Melhor do Que Parece"

OTIMISMO E PESSIMISmo são explorados com franqueza poética neste épico incrementado por cordas e órgão. A epifania do encerramento ganha tons irônicos com o arranjo de sopro.

9 Tássia Reis
"Ouça-Me"

O DISCO *OUTRA ESFERA* É espacial e viajado, mas em "Ouça-Me" Tássia Reis abre espaço para um beat parrudo, enquanto almeja elevar "o agudo ao infinito". É impossível não escutá-la.

10 BaianaSystem
"Bala na Agulha"

"DIGNIDADE É PODER trabalhar", canta Russo Passapusso em uma das faixas que constroem o verdadeiro manifesto que é o segundo álbum do grupo de Salvador. Contundente e necessário.

11 Boogarins
"Elogio à Instituição do Cinismo"

SINTETIZADORES E BATIdas eletrônicas decoram as guitarras saturadas e os vocais pastosos de uma das bandas mais inquietas e criativas – e em franco crescimento – do país.

12 Karol Conka e MC Carol
"100% Feminista"

KAROL, CAROL, A PRODUção de Leo Justi e Tropkillaz e mulheres lutando continuaram a brilhar em 2016. Afinal, "século 21 e ainda querem nos limitar com novas leis".

13 Luisa Maita
"Fio da Memória"

O PULSO QUE REGE "FIO da Memória" dilui samba no som processado que permeia o trabalho de Luisa. A voz doce e picante dela entrega uma letra simples mas marcante.

14 Mallu Magalhães
"Casa Pronta"

SORTE É COMEÇAR A VIda no ventre amável de Mallu. Na categoria de "canção para a prole", essa bossa nova feita para a pequena Luisa é uma ótima adição.

15 Dona Onete
"Banzeiro"

TEMA QUE BATIZA O SEgundo disco da paraense, "Banzeiro" é pura festa. Na letra, menções à pororoca, à priprioca e ao popopô, expressões de um Brasil amazônico a ser explorado.

16 Fresno com Caetano Veloso
"Hoje Sou Trovão"

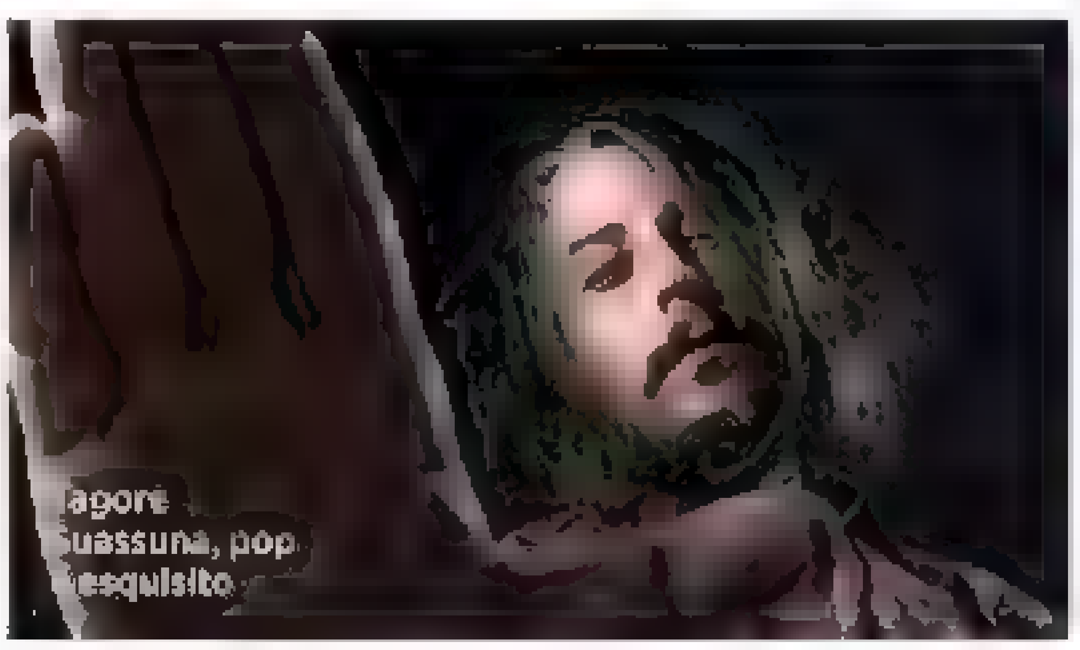
A BANDA GAÚCHA CONvenceu o ídolo a participar de seu trabalho mais ambicioso. E Caetano deu sua contribuição à ópera-rock com a versatilidade habitual

17 Silva com Marisa Monte
"Noturna (Nada de Novo na Noite)"

COM UM PIANO CADENciado e uma letra poética e introspectiva, o músico capixaba e a cantora carioca cravam uma bela parceria nesta delicada balada de clima intimista.

18 Tagore
"Mudo"

POR TRÁS DE UMA DENSA camada de guitarras e teclados ecoados, o Tagore interpreta uma canção assobiável, dando um resultado irresistivelmente lúdico à mescla de "pop" e "esquisito" da banda.



Tagore Suassuna, pop esquisito

19 Metá Metá
"Corpo Vão"

ENCORPADA POR UM SAX dissonante e uma guitarra errática, a canção é coroada pelo canto cru e soturno de Juçara Marçal, que divaga sobre a efemeridade da vida e do corpo humano.

20 João Donato
"Tartaruga"

É NECESSÁRIO UM BOM fone de ouvido para ouvir Donato cantarolando o nome do animal que dá nome à faixa. Mas vale entrar na brincadeira e procurar o momento exato da peraltice.

21 Anavitória com Tiago Iorc
"Trevo (Tu)"

A CANDURA DA JUNÇÃO das vozes desta dupla do Tocantins – e também do padrinho das duas, Tiago Iorc – impressiona e justifica a rápida ascensão vivida por elas.

22 Ed Motta
"Captain's Refusal"

NESTE JAZZ POP DE VELOcidade mediana conduzido por teclados, Motta nos leva aos tempos em que canções com sonoridade similar eram executadas em rádios FM do mundo todo.

23 DeFalla
"Mate-Me"

SEGUNDO O PRÓPRIO Edu K, é a versão 2016 de uma das maiores canções do grupo: "Não Me Mande Flores". Infelizmente, a reunião do DeFalla chegou ao fim. Mas "Mate-Me" ficará.

24 Tom Zé
"Descaminho Familiar"

PONTO ALTO DE CAN*ções Eróticas de Ninar*, esta faixa é um xote eletrônico que fala da descoberta da sexualidade e da libido, tema do mais recente trabalho do artista baiano.

25 Alok com Bruno Martini e Zeeba
"Hear Me Now"

DESTAQUE DA MÚSICA eletrônica nacional, Alok se junta a Bruno Martini e à voz de Zeeba neste drinque duas partes despretensão millennial, uma parte hit para as pistas.

1 Beyoncé
"Formation"

FOI O HIT QUE SE MANTEVE onipresente o ano todo, e que conseguiu se tornar ainda maior com o passar do tempo. Mesmo antes de o resto de *Lemonade* existir, ele passou a ser o manifesto mais desafiador, em termos de letra, e mais militante, musicalmente, a respeito de quem é Beyoncé, de onde ela é e para onde vai. Vindo de uma artista que já passou muito tempo no centro da cultura norte-americana, foi uma afirmação de negritude e feminismo (com Big Freedia representando a voz dos gays), mas também um convite para a festa ao qual ninguém conseguiu resistir.

BATIDA FORTE Beyoncé foi aonde nunca havíamos imaginado

2 David Bowie
"No Plan"

GRAVADA DURANTE AS sessões para o derradeiro álbum da carreira, *Blackstar*, mas reservada para a trilha sonora da peça *Lazarus*, esta sinistra canção de fossa sobre flutuar no espaço é um encerramento magnífico para a jornada de David Bowie.

3 Leonard Cohen
"You Want It Darker"

A FAIXA QUE DÁ NOME AO álbum que Cohen lançou cerca de um mês antes de morrer começa com uma prece fúnebre. O cantor segue desfilando desespero até demonstrar, com firmeza, ter aceitado o fato de que a hora de sua partida estava próxima.

4 Nick Cave & The Bad Seeds
"I Need You"

"NADA IMPORTA QUANdo a pessoa que você ama se vai." Com a voz partida e repleta de tristeza, Nick Cave canta esses versos ao recordar o filho Arthur, que morreu em 2015, aos 15 anos, depois de cair de um penhasco.

5 Iggy Pop
"Gardenia"

JOSH HOMME JÁ TINHA escrito uma "Gardenia" com o Kyuss, sua primeira banda. Mas a parceria com Iggy vai em outra direção, com uma cama sonora hipnótica – o que é aquele baixo de Dean Fertita? – perfeita para o vozeirão do ídolo.

6 Radiohead
"True Love Waits"

O AMOR VERDADEIRO espera, de fato. A música é conhecida pelos fãs desde 1995, quando Thom Yorke começou a mostrá-la ao vivo. Mas foi só quando o grupo forjou este arranjo simples e apurado que sentiu que ela estava pronta para ser registrada.

7 Regina Spektor
"Bleeding Heart"

MAIS UMA BELA JORNAda emocional da cantora e pianista de origem russa. "Bleeding Heart" fala sobre superar a ansiedade cotidiana. A música alterna picos ásperos e doces, em uma representação dos dois lados da vida.

8 Rihanna com Drake
"Work"

TÃO GRUDENTO QUANTO difícil de cantar, o hit que embalou o lançamento do disco *Anti* marcou o retorno da cantora ao dancehall, tão presente no início da carreira. Difícil é segurar a vontade de se mexer ao ouvir "work, work, work".

9 Frank Ocean
"Ivy"

OCEAN NARRA UM CONto sobre um coração partido por cima de uma guitarra distorcida, com a voz lamuriosa confessando: "Eu achei que estivesse sonhando quando você disse que me amava". É a música mais poderosa que ele já criou.

10 Wilco
"If I Ever Was a Child"

COM O LÍDER E VOCAlista, Jeff Tweedy, em seu momento mais retraído e adorável, essa faixa de três minutos traz memórias sobre crescer infeliz no subúrbio do Meio-Oeste, com um gostinho de Neil Cline para ajudar a digerir melhor a dor.

11 The xx
"On Hold"

O PRIMEIRO SINGLE DE *I See You* destila um lado dançante até então pouco explorado pelos britânicos. Embora seja mais pop do que as canções de *xx* (2009) e *Coexist* (2012), "On Hold" preserva na letra a melancolia introspectiva do grupo.

12 Kanye West
"Ultralight Beam"

KANYE VAI À IGREJA, com um coral gospel cantando "Este é um sonho de Deus". Ele traz Kirk Franklin, Kelly Price, The-Dream e Chance the Rapper para ajudá-lo a manter o demônio longe.

13 Red Hot Chili Peppers
"Dark Necessities"

O HIT DA VOLTA DO CHILI Peppers às rádios depois de meia década é uma colaboração com Danger Mouse, com Anthony Kiedis se abrindo sobre momentos sombrios e movidos a drogas.

14 Chance the Rapper
"Angels"

COM ESTE FUNK, CHANce espalha positividade pelas ruas de Chicago ("Vovó diz que eu sou kosher, mamãe diz que eu sou cultura") até conseguir fazer todo mundo gingar com ele.

15 Green Day
"Bang Bang"

DESDE A ERA BUSH NOS Estados Unidos o Green Day não soava tão ameaçador e agressivo. Foi necessária a sombra de Donald Trump para o trio recuperar a motivação, o discurso e as guitarras inflamadas.

16 Sia
"The Greatest"

COM UMA LETRA EDIFIcante que funciona desde o nível existencial até como hino de incentivo para ouvir na academia, esta canção na verdade é uma homenagem tocante às vítimas do atentado à boate Pulse, em Orlando.

17 A Tribe Called Quest
"The Space Program"

FOI A VOLTA TRIUNFANte do grupo – incluindo o grande e saudoso Phife Dawg, que morreu antes do lançamento. Eles trocam rimas sobre o fim do mundo (Q-Tip diz que "não vamos desistir").

18 Solange
"Cranes in the Sky"

UMA CANÇÃO QUE FAZ você parar e sentir a dor, não importa onde a esteja ouvindo. Descreve o tipo de tristeza da qual Solange não consegue escapar nem chorando, nem bebendo, transando ou fazendo compras.

19 Paul Simon
"Cool Papa Bell"

CINQUENTA ANOS DEpois do sucesso de "The Sound of Silence", Simon segue em seu impressionante retorno tardio à música, desta vez sobre uma base grooveada de guitarra com inspirações africanas.

20 Alicia Keys
"Blended Family (What You Do for Love)"

NÃO FICA MAIS PESSOAL do que isso. Alicia fez uma canção tocante sobre sua "família misturada": os próprios filhos, o marido (o produtor, Swizz Beatz), a ex dele e os enteados.

21 Elton John
"Looking Up"

NO ÁLBUM *WONDERFUL* *Crazy Night*, base para a turnê que trará ao Brasil, o pianista deixa de lado as baladas e prioriza o rock. "Lookin Up" é uma das melhores desta safra, com um riff hipnótico difícil de esquecer.

22 Garbage
"Empty"

SE SHIRLEY MANSON POde expressar insegurança a essa altura, você também pode. Ela faz isso na melhor música do disco *Strange Little Birds*, que não deve nada aos sucessos do auge do Garbage.

23 PJ Harvey
"The Wheel"

NA DOLOROSA CANÇÃO, pautada pela viagem de PJ para Kosovo e marcada por palmas ritmadas, ela expressa sentimentos comuns a todos que estão acompanhando relatos de guerra a partir da segurança do próprio lar.

24 Bon Iver
"33 'GOD'"

EM 2016, O BON IVER fez uma inesperada viagem pelo universo experimental, indo fundo em vozes e timbres processados. Esta música engloba tudo isso e ainda prova que Justin Vernon continua sentimental.

25 Childish Gambino
"Me and Your Mama"

UM TRABALHO 3 EM 1, assim como o comediante, ator e músico. Nas três partes distintas da canção há soul, trecho instrumental e cacofonia. Também mostra Gambino abrindo o coração.

QUEM VOTOU

André Aloi • André Rodrigues • Antônio do Amaral Rocha • Bruna Veloso • Carlos Sartori • Christina Fuscaldo • Cleber Facchi • Elson Barbosa • Gabriel Nunes • Guilherme Bryan • Guilherme Guedes • Itaici Brunetti • Itamar Montalvão • João Paulo Carvalho de Assis • José Flavio Junior • José Julio do Espirito Santo • José Norberto Flesch • Julia de Camillo • Leandro Saueia • Leo Belling • Lucas Brêda • Marcos Lauro • Mariana Tramontina • Mauricio Duarte • Mauro Ferreira • Pablo Miyazawa • Paulo Cavalcanti • Pedro Antunes • Ricardo Schott • Roberta Martinelli • Sergio Martins • Stella Rodrigues • Tamara Emy

TEXTOS POR GABRIEL NUNES, JOSÉ FLÁVIO JÚNIOR, LUCAS BRÊDA, PAULO CAVALCANTI E STELLA RODRIGUES · JOSEPH C... / DIVULGAÇÃO GARBAGE / DIVULGAÇÃO

MELHORES DO ANO
A Escolha do Leitor

O impactante ano de 2016 vai entrar para a história, pelo bem ou pelo mal. Mas uma coisa é certa: teve música para todos os gostos

MÚSICAS

NACIONAIS

1 **Selvagens à Procura de Lei**
"Tarde Livre"

2 **Céu**
"Perfume do Invisível"

3 **Karol Conka e MC Carol**
"100% Feminista"

4 **O Terno**
"Melhor do Que Parece"

5 **Nando Reis**
"Só Posso Dizer"

6 **Liniker e Os Caramelows**
"Remonta"

7 **Anavitória com Tiago Iorc**
"Trevo (Tu)"

8 **Zeca Baleiro**
"Era Domingo"

9 **Mallu Magalhães**
"Casa Pronta"

10 **Sabotage com DJ Cia**
"Pais da Fome (Homens Animais)"

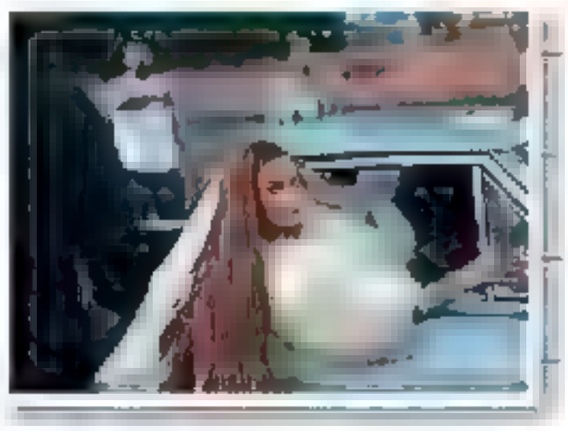
INTERNACIONAIS

1 **David Bowie**
"No Plan"

2 **Beyoncé**
"Formation"

3 **Red Hot Chili Peppers**
"Dark Necessities"

4 **Radiohead**
"True Love Waits"



5 **Lady Gaga**
"Perfect Illusion"

6 **Rihanna com Drake**
"Work"

7 **Metallica**
"Hardwired"

8 **Sia**
"The Greatest"

9 **Bruno Mars**
"24K Magic"

10 **Calvin Harris com Rihanna**
"This Is What You Came For"

DISCOS

NACIONAIS

1 **Céu**
Tropix

2 **O Terno**
Melhor do Que Parece

3 **Criolo**
Ainda Há Tempo

4 **Liniker e Os Caramelows**
Remonta

5 **Sabotage**
Sabotage

6 **BaianaSystem**
Duas Cidades

7 **Tom Zé**
Canções Eróticas de Ninar

8 **MC Carol**
Bandida

9 **Carne Doce**
Princesa

10 **Zeca Baleiro**
Era Domingo

INTERNACIONAIS

1 **David Bowie**
Blackstar

2 **Radiohead**
A Moon Shaped Pool

3 **Beyoncé**
Lemonade

4 **Lady Gaga**
Joanne

5 **Red Hot Chili Peppers**
The Getaway

6 **Rihanna**
Anti

7 **Frank Ocean**
Blonde

8 **The Rolling Stones**
Blue & Lonesome

9 **Iggy Pop**
Post Pop Depression

10 **The Weeknd**
Starboy

FOTO DO VENCEDOR: GRAÇAS ZECA BALEIRO, PARA MOOG ENTERTAINMENT; DEMAIS: DIVULGAÇÃO

A MAIOR REVISTA DE AGRONEGÓCIO DO MUNDO CHEGA AO BRASIL

JÁ NAS BANCAS

meredithagrimedia

WWW.SFAGRO.COM.BR

@successfulfarmingbrasil

@sfarmingbrasil

ENTREVISTA RS

Bruce Springsteen

Aos 67 anos, o ícone aprofunda as revelações de sua autobiografia, fala de depressão e especula a respeito do futuro com a E Street Band

Por BRIAN HIATT *Foto* DANNY CLINCH

Bruce Springsteen

BRUCE SPRINGSTEEN CHEGA ASSOBIANDO. CARREGA um par de jaquetas de couro para este ensaio fotográfico e parece um tanto cansado, provavelmente porque há 36 horas estava em um estádio nos arredores de Boston para a última de uma série de apresentações com mais de quatro horas com a E Street Band. Uma semana antes de completar 67 anos, Springsteen está de volta a seu sítio no condado de Monmouth, em Nova Jersey, em uma tarde sem nuvens de meados de setembro. Acaba de caminhar da casa onde mora até seu estúdio, que fica na mesma propriedade.

Em todos os aspectos, isso aqui está bem distante do gravador de fita cassete que ele usou para registrar *Nebraska* (1982). A sala principal é cheia de objetos ligados à música, na maior parte relacionados a Elvis Presley ou ao próprio Springsteen. O lugar transborda de livros, muitos deles com temas musicais, variando da autobiografia de Chuck Berry à história do soul *Nowhere to Run*, de Gerri Hirshey, passando por *When We Were Good*, um estudo sobre o revival do folk dos anos 1960.

Springsteen acaba de acrescentar um adicional perfeito à coleção: sua autobiografia lúcida, pé no chão e recheada de fatos interessantes, *Born to Run* (recém-lançada no Brasil pela Editora LeYa). Junto a histórias do rock and roll (nada de drogas, um pouco de sexo, apenas uma guitarra destruída), o livro oferece a receita psicológica para a criação de um superastro que se autoflagela: a adoração desmedida da avó em relação a ele; o pai controlador que no fim das contas tinha problemas mentais em vez de ser apenas um operário rígido demais; a mãe incansável que vivia de acordo com a ideia de que "não é pecado ser feliz por estar vivo".

Em uma sala de estar ensolarada na qual as janelas dão vista para a imensidão da propriedade, Springsteen fala sobre a gênese do livro, sua luta contra a depressão, o futuro da carreira e muito mais.

Por que escrever uma autobiografia?
Meio que aconteceu por acaso. No começo, não pensei naqueles escritos como se fossem um livro. Eu estava escrevendo para matar o tempo e achei que, se não fizesse nada com aquilo, talvez meus filhos fossem gostar de ler. Escrevi bastante durante duas ou três semanas. Quando retomei e li, disse: "Isso aqui parece bem bom". Eu escrevia à mão e depois deixava de lado durante meses. Ou ditava a Mary Mac, minha assistente, e depois reescrevia até soar sólido e conciso. Acabou se transformando em um projeto. Quando fazíamos turnê, eu deixava de lado durante todo o período na estrada, um ano e meio. Quando terminei o que viria a ser a primeira das três partes, disse "Bom, tem uma história aqui, e talvez seja interessante para os outros".

Você escreveu em ordem cronológica?
Escrevi. Deixei a terceira parte descansando um bom tempo. É a mais difícil, porque você está escrevendo sobre a sua vida atual a as pessoas que fazem parte dela no momento. Muitos tipos de ponderações precisam ser feitos.

Você não hesitou em revelar fatos que destroem sua figura de homem 100% correto. Foi intencional acabar com a aura de santo que foi construída em torno da sua imagem?
Foi, essa parte sempre me incomodou. É demais, sabe? Então, qualquer brecha que eu puder abrir me deixa feliz. Quer dizer, não é algo que eu estivesse determinado a fazer. Eu só estava escrevendo sobre a vida e todos os seus vários aspectos. Mas também resolvi que era um livro sobre a minha música em primeiro lugar, e sobre a minha vida mais ou menos em segundo. Se eu não queria escrever sobre alguma coisa, não escrevia. Eu não segui nenhuma regra, só queria que o que estivesse no livro tivesse relação com a minha música. Então, quanto às revelações que fiz sobre a minha família ou sobre como a minha cabeça funciona, achei que aquilo poderia ser importante para entender de onde uma parte da minha música veio. Não escrevi tudo sobre mim. Guardei muita coisa.

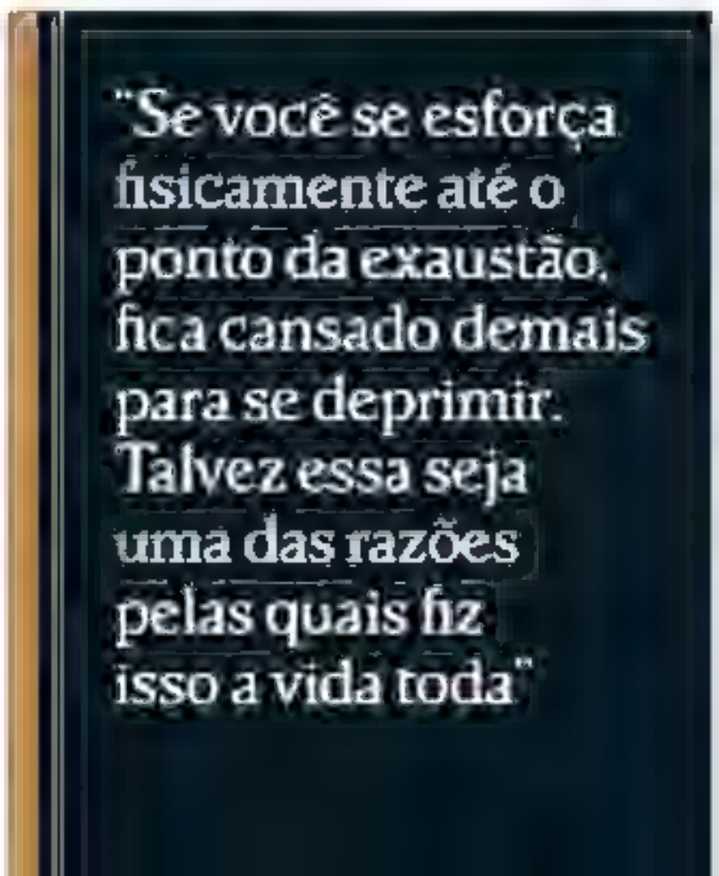
***Você deu poder de veto a alguma pessoa em relação à última parte do livro? Principalmente a Patti* (Scialfa, integrante da E Street Band e esposa de Springsteen desde 1991)?**
Eu tive que revelar coisas da nossa vida. Ela é artista, entende essa parte do nosso trabalho. Mas, mesmo assim, foi muito forte e generoso da parte dela, e eu me sinto agradecido profundamente. Tudo o que eu sei sobre mulheres aprendi com a Patti. Era um conhecimento que eu procurava, e ela simplesmente apareceu na minha vida e me ofereceu uma quantidade enorme de visão e de amor e de segurança que eu nunca tinha tido. Ela é o amor da minha vida.

Há outros livros escritos sobre você. O que acha deles?
Não acompanhei muito de perto. Eu li o livro de Dave Marsh [*Born to Run*] há muito tempo, na década de 1970. E o de Peter Ames Carlin [*Bruce*], que saiu recentemente. São bons se você estiver interessado em diferentes lados meus e diferentes partes da minha história.

Onde está o lado depressivo da sua natureza nas músicas que escreve?
Nas minhas músicas? Provavelmente em um álbum sim, outro não [*risos*]. Obviamente, tem muito disso em *The Ghost of Tom Joad* (1995) e *Nebraska*, e em *Tunnel of Love* (1987). Em *Tunnel of Love*, trato do assunto na música "Two Faces". É algo sobre o que tenho falado à medida que me alterno entre aqueles que podem ser considerados álbuns da E Street Band e aqueles que podem ser considerados álbuns solo. Se você pegar *Darkness on the Edge of Town* (1978), tem muito disso ali.

Você escreve sobre a depressão que sofreu aos 60 e poucos anos. Isso afetou o trabalho?
Não muito. Não sou capaz de dar uma resposta para explicar o porquê de eu funcionar assim, mas eu estava no limbo, daí entrava no estúdio e simplesmente começava a trabalhar. Eu escrevia, gravava.

Com que frequência fez turnês enquanto estava naquele estado?



TOQUE HUMANO

Springsteen no estudio de sua casa em Nova Jersey. "Na minha idade, é um dia de cada vez", diz o músico de 67 anos

Aconteceu no meio de algumas turnês. De maneira geral, não me afeta no palco nem nas escolhas que eu faço, mas pode me afetar um pouco fora do palco. Pode ser que eu me sinta para baixo ou confuso em algum momento. É muito raro, porque fazer turnê é muito catártico do ponto de vista emocional e físico. Se você se esforça fisicamente até o ponto da quase exaustão, fica cansado demais para se deprimir, e talvez essa seja uma das razões pelas quais eu fiz isso a vida toda. A sua cabeça não fica à toa – não tem energia para começar a procurar confusão. Em vez disso, é uma experiência que limpa a cabeça e a deixa centrada, e não há o tipo de espaço para a depressão se instalar.

Costumava haver um elemento de autoflagelação naqueles longos shows que fazia no passado.

Eu era um bom menino católico. Então, tinha algo na linha de ritual de purificação.

Agora você faz a mesma coisa, com shows de quatro horas, só que de um jeito mais saudável?

Não tenho bem certeza [*risos*]. Por que alguém toca durante quatro horas por noite? Eu ainda não sei exatamente por que, sabe? E eu teria que dizer que ainda remonta a alguns daqueles impulsos originais e ao fato de que eu preciso dar tudo de mim, toda vez.

Tem uma passagem em que você descreve os jantares com a família da sua mãe em termos que se assemelham muito aos seus shows.

Sempre tinha um nível de histeria que talvez não seja incomum em famílias italianas, e a minha com certeza não era diferente. As pessoas gritavam e berravam. Mas também tinha uma quantidade tremenda de alegria e de uma animação pela vida fora do comum – não era por nada, só pelo fato de estar vivo.

Você escolheu universalizar a história do seu pai de um jeito que não correspondia à realidade. A verdade era complicada demais para canções de rock?

Talvez. Ou talvez eu tenha sido influenciado pelo [*filme*] *Vidas Amargas* e por aqueles tipos de arquétipos, e escalo nós dois para aqueles papéis. É por isso que no livro digo que fui um pouco injusto com meu pai, porque nossa vida era bem mais complexa [*do que eu retratava nas canções*].

Você revela que ficou meio traumatizado pelo que acontecia na sua casa.

Aquilo bastava para me deixar com os nervos à flor da pele, e também não era só por causa do meu pai. A natureza da minha relação com os meus avós, que era muito intensa, talvez provocasse uma grande ansiedade. Eu não tinha nenhuma válvula de escape para isso. Então, mordia os nós dos dedos até ficarem duros feito pedra ou piscava sem controle.

Você chegou muitas vezes perto do fracasso total. Em algum momento você voltava para Nova Jersey e sentia que não passava do maior líder de banda de bar que já existiu?

Você pode ser muito, muito bom e errar o alvo. Mas se eu pessoalmente penso na hipótese de que isso poderia ter acontecido? Não [*risos*]. Ou talvez eu simplesmente prefira não pensar nisso. Eu era um leão em busca das coisas das quais precisava.

E, nas minhas viagens, não vejo tanta gente assim que é melhor do que eu. Vi algumas, sabe? Mas é claro que a gente estava muito isolado em Nova Jersey naquela época.

Qual é para você o limite de idade para se apresentar ao vivo? Temos Paul McCartney, que está com o que, 76 anos?

Ele tem 74

Setenta e quatro. Você está ligado! Ele tem feito shows de três horas. Como tem funcionado para você contemplar esse futuro?

Na minha idade, é um dia de cada vez. Dependendo da sua saúde, você pode estar em um ponto bem diferente da vida na minha idade. Então, depende de como você está fisicamente e de como se sente emocional e espiritualmente por dentro, o que está a fim de fazer e quanto esforço e dedicação ainda quer colocar no que faz. Ainda estou com tudo. Tenho dedicação total, como tinha quando estava com 16 ou 21 anos de idade. Ainda consigo fazer isso sem problema. Mas a vida, à medida que você envelhece, fica mais do tipo: "Que belo dia. Deixe-me ver, o que eu vou fazer? O que eu vou fazer nos próximos seis meses ou no próximo ano?" Mas não existe uma resposta verdadeira para essa pergunta, porque tudo depende do seu momento atual. Você percebe que existe uma finitude. Então, isso muda sua experiência noite a noite. Você pode olhar para a frente e dizer: "Certo, estou com 67 anos. Daqui a dez anos, vou ter 77. Talvez sejam mais umas quatro ou cinco turnês". Pode pensar assim e dizer: "Uau". Pode especular, mas não passa disso.

Você disse no palco que, com a idade, os shows ganham mais importância. É essa a finitude?

É a finitude. A intensidade que o público traz ao show agora... a plateia também experimenta a finitude. A gente passa a apreciar um pouco mais. E a experiência toda fica elevada.

Para os próximos anos a ideia é ficar alternando entre E Street, trabalhos solo, lançamentos de arquivo?

É. Tudo isso aí, sabe? A esta altura, meu plano é fazer tudo o que já faço com diferentes intervalos entre cada coisa. Não tenho nenhum plano para os próximos cinco ou seis anos fora trabalhar a música que eu estiver fazendo no momento e sair por aí, simplesmente tocando minha vida profissional em frente.

Você disse que tem um álbum pronto influenciado por colaborações com Glen Campbell e Jimmy Webb.

Eu não quero dar muita ênfase às influências, porque senão as pessoas podem ouvir o disco e se perguntar: "O que tem a ver uma coisa com a outra?" Mas foi meio que um lugar onde encontrei inspiração.

É o álbum que você quase terminou antes de* Wrecking Ball *(2012)?

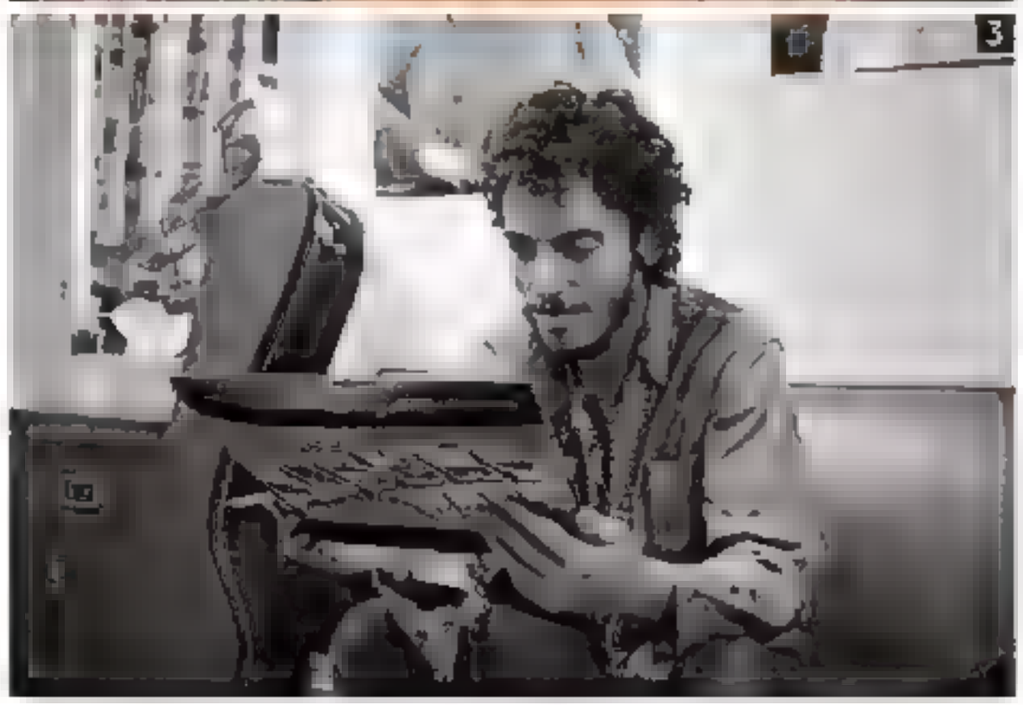
Compus antes de *Wrecking Ball*, mas não consegui terminar, e na tentativa de terminar eu compus *Wrecking Ball*. Então, as raízes do álbum remontam a um bom tempo atrás. Às vezes é preciso esperar para que esses quebra-cabeças se encaixem sozinhos, e pode demorar anos. Quer dizer, tem um álbum em que estou trabalhando que tem 20 anos. É só a maneira como o processo está funcionando no momento.

Qual é o seu ritmo de composição agora, em comparação ao da década de 2000, quando você foi extremamente prolífico?

Bom, eu diria que *Wrecking Ball* saiu fácil. Os álbuns e as músicas têm corrido bem há um tempo. Mas agora já faz um tempinho que eu não componho, tirando o álbum que tenho pronto.

Você escreveu que a E Street Band pegou o jeito no estúdio com* The River *(1980). Mas, depois de mais um álbum com a banda, esperou 18 anos para fazer o próximo. Não parece um pouco estranho?

Foi só o jeito como as coisas aconteceram. Acho que nós finalmente aprendemos a gravar em *The River*, apesar de termos feito uma certa confusão. Estávamos fazendo o tipo de som que queríamos fazer, e isso continuou com *Born in the U.S.A.* (1984). Mas *Born in the U.S.A.* foi um acontecimento tão transformador que depois eu na



THE BOSS NO COMEÇO

1. A primeira foto de Bruce Springsteen. O registro é de 1949, quando o futuro astro tinha apenas alguns dias de vida. 2. The Castiles, banda de garagem da qual Springsteen fez parte em Nova Jersey em meados da década de 1960. O músico é o terceiro da esquerda para a direita. 3. O cantor em 1973, contemplando o recém-lançado *Greetings from Asbury Park, N.J.* Este foi o LP de estreia da carreira dele

"O rock, no momento, não é o veículo principal para determinadas ideias. Tem uma mistura de pop e hip-hop que agora é o transporte para o comentário cultural"

verdade não sabia para onde ir com a banda. Então, segui em outra direção. Além disso, eu também quis fazer com que tudo ficasse mais enxuto imediatamente porque não queria entrar no jogo de "Você tem que fazer melhor do que isso e vender mais do que isso". Não quero me transformar nesse tipo de artista.

Dito isso, como você se sentiu com o fraco desempenho comercial de* Human Touch *e* Lucky Town *em 1992, que saíram em meio ao sucesso do grunge?

Acho que o Nirvana estourou no momento em que aqueles álbuns saíram. Eu lembro que Jon [*Landau, produtor*], na época, estava nervoso com o fato de os álbuns não terem ido tão bem quanto ele esperava ou quanto nós esperávamos. A gente teve uma conversa: "Jon, é só que este não é o nosso momento. Nos vamos ter outros momentos". E, se a sua vida é longa e a sua vida profissional é longa, você vai passar por isso. As vezes, simplesmente não é o seu momento. Era o momento de outra pessoa.

Você escreve que* The Ghost of Tom Joad *foi um ponto fundamental para que você voltasse a compor sobre o mundo de maneira geral. Qual é a leitura que você faz de ter evitado compor a respeito de assuntos específicos durante tantos anos?

Você está sempre dentro de uma caixa, e é um daqueles mágicos que conseguem sair dela se fizer o que eu faço... ou se for uma pessoa criativa, ponto. Você constrói a sua caixa e depois sai dela. Isso acontece o tempo todo. E a certa altura você pode ter conseguido sair de tantas caixas que se vê de volta à primeira e pensa: "Ah, não achei que eu tinha mais nada para dizer sobre estas coisas. Espera um pouquinho, tenho, sim. Tenho muito mais a dizer a respeito destas coisas!"

Como você equilibra a magia que acontece com a E Street Band com as realidade diária de ser o chefe?

Você tem que aceitar o fato de que, com o passar do tempo, a coisa se transforma em negócio: se não aceitar isso, vai foder com tudo muito profundamente. Então, você só tem a ajudar a todo mundo ao reconhecer que isso faz parte da sua relação, negociando o melhor caminho como amigos e adultos.

Você escreveu que não podia andar com Clarence Clemons porque isso destruiria a sua vida.

Clarence tinha uma vida maluca, e era fabulosa. Mas não fiquem achando que podem fazer isso em casa, crianças. Ele era uma alma sincera

Você tem amizades profundas que não são o tipo de amizade de estar junto o tempo todo?

Claro que sim. Tenho várias delas. E a maior alegria quando estou com, digamos, Steve [*Van Zandt*]. Não passamos muito tempo juntos. Então, é uma alegria tremenda quando estou com ele. Era uma alegria enorme estar com Clarence. Ele era hilário. Um dos sujeitos mais engraçados do planeta, uma pessoa que deixava você animado quando estava próximo.

Você achava que* Wrecking Ball *teria mais impacto e acabou concluindo que as pessoas não estão mais buscando o rock para aquele tipo de afirmação.

O rock, no momento, não é o veículo principal para comunicar aquelas ideias. Tem uma espécie de mistura de pop e hip-hop que agora domina as transmissões e é o meio de transporte para o comentário cultural.

Como você se sente em relação a isso?

É só o jeito como as coisas estão. O pop nunca fica parado e se transforma o tempo todo. Há ótima música sendo feita agora. Kanye West faz álbuns fantásticos. Kendrick Lamar é incrível. Você não vai querer que as coisas fiquem estáticas ou que haja uma hegemonia duradoura em relação ao que se fala na música. Mas provavelmente tem alguém em uma garagem neste exato momento, com uma guitarra, encontrando algum jeito diferente de reinventar o som. Isso sempre acontece

Com a vantagem de poder olhar para trás, por que o rock and roll foi uma força de transformação tão poderosa na sua vida e no mundo de maneira geral?

Houve uma explosão da identidade do rock que tinha sido reprimida anteriormente em larga escala. Quando havia Little Richard e Chuck Berry e Elvis e Jerry Lee Lewis, tinha essa coisa que havia sido contida de repente explodindo nas transmissões, no mundo, dando permissão para se viver com aquela parte do seu espírito e do seu corpo que tinha sido negada anteriormente. Isso também surgiu em um momento em que as pessoas estavam questionando a religião. Então, tinha um lado secular-espiritual naquilo, baseado na satisfação e na alegria e na transcendência pessoal das circunstâncias. Aquilo atingiu bem o centro do sonho americano, o sonho de sucesso e de satisfação. Era uma força poderosa e explosiva que apareceu em um momento em que a história quase a exigia.

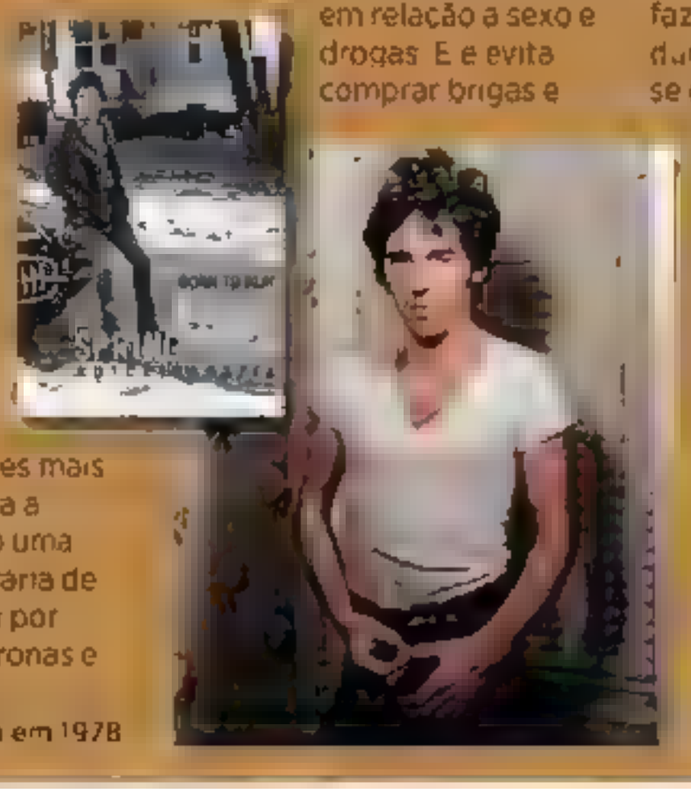
E quando era necessária para você também.

Eu nasci na época certa. ●

CORAÇÃO ABERTO

Livro mostra que o roqueiro pé no chão ainda tem questões íntimas a resolver

Assim como um show de Bruce Springsteen, *Born to Run – Autobiografia* (★★★★ LeYa) parece que não acaba nunca – são 500 páginas. Mas a sensação da leitura é similar a de ver The Boss ao vivo: no final, você vai estar exausto, mas ainda com vontade de encarar mais algumas horas ao lado dele. O tom é solto e discursivo, são palavras de uma pessoa contando histórias para ela mesma tentando colocar para fora suas questões mais profundas. Ele recorda a infância, descrevendo uma família de classe operária de Nova Jersey, formada por mulheres italianas duronas e homens irlandeses pensativos. A sombra do pai ainda assusta Springsteen: ele o descreve como um homem hostil, amargo e solitário. O músico se mostra um craque no rock, mas um total ingênuo em relação a sexo e drogas. E evita comprar brigas e tem uma palavra para todo mundo, desde os fiéis companheiros da E Street Band até os mais amargos desafetos. Springsteen tenta explicar as razões para sempre querer se superar, fazendo apresentações que duram mais de três horas. Ele se questiona se é carência emocional ou algum tipo de obsessão compulsiva. E diz que se sente vivo em cima do palco. "Lá, exposto a uma multidão de desconhecidos, me sinto seguro". escreve *Born to Run – Autobiografia* não é a história definitiva de Bruce Springsteen. É um capítulo a mais de uma história de vida que ele vem contando há quase 50 anos, no palco, nos discos e em entrevistas



Springsteen em 1978

ROB SHEFFIELD

CLOSE-UP

Versatilidade Vital

À frente de duas produções audiovisuais de grande porte, Emanuelle Araújo explora conexões brasileiras no primeiro disco solo

"Acho que estou meio acostumada a viver essa coisa de muito movimento", diz a atriz e cantora Emanuelle Araújo, contentando-se ao telefone que atendia à reportagem da *Rolling Stone Brasil* em um dos intervalos das gravações da novela *A Lei do Amor*, em que interpreta a personagem Yara. "Minha vida pode ser agitada, mas eu sou uma pessoa muito tranquila. Tem um botãozinho que eu aperto e foco no [Nesse momento estou centrada aqui falando com você; quando vou gravar, minha cabeça está lá."

Especialmente nesta virada de ano, Emanuelle, baseada em Salvador, vem ainda mais atribulada. Além do trabalho na TV, ela lança o primeiro disco solo da profícua carreira musical – sugestivamente chamado *O Problema É a Velocidade* – e se prepara para a estreia do filme *Bingo, o Rei das Manhãs*, baseado na vida do palhaço Bozo, no qual ela interpreta a dançarina e cantora Gretchen. "Hoje em dia tem muita expectativa, muita cobrança, mas faço tudo com tranquilidade, porque sou focada, sou muito treinada para isso", explica ela, acrescentando que o "treino" para suportar a demanda artística inclui sessões diárias de meditação. "Eu tenho uma relação com ioga, budismo e meditação. Não curto nenhuma religião, mas acho que estamos hoje em um mundo no qual se exigem muitas coisas, em muitas falas: Internet, redes sociais, comunicação múltipla. Você tem que ter um tempinho para silenciar a mente."

Emanuelle, que frequentemente se define como "uma mulher simples", vê o atual momento da vida extremamente conectado com a personagem dela em *A Lei do Amor*. "Ela mata um leão por dia, mas é muito sóbria", opina. "Uma mulher que tem três filhos e toca a casa ainda assim leva a vida profissional." Diferentemente de Yara, contudo, ela admite que reserva a sobriedade para as atividades profissionais. "Tenho um espírito mais aventureiro", diz a artista, que terminou o último casamento, de menos de três anos de duração, há cerca de um ano e meio. Ela teve uma filha, Bruna, aos 17 anos e, agora, aos 40, quando colocou uma foto das duas juntas no Instagram, seguidores foram efusivos ao comentar: "Parecem irmãs!"

Afundado no momento em duas produções audiovisuais de grande escala, Emanuelle pouco guarda dos três Carnavais em que comandou a Banda Eva, quando ganhou notoriedade no cenário musical. E isso se reflete no disco solo dela, lançado pela Deck Disc e que vai render uma parte de shows nesse primeiro semestre. "Apesar de ter vivido um tempo do Carnaval, minha essência é da música brasileira misturada com a minha brasilidade", sugere. *O Problema É a Velocidade* de fato, conecta-se muito mais com o trabalho dela nos grupos Moinho e Orquestra Imperial, recheado de sambas e bossas, ora mais balançado, ora mais melancólico. "Fiz um trabalho de intérprete como era feito antigamente. Fui à casa dos compositores, conversei, falei o que eu queria. A banda se reuniu no estúdio e buscou interpretar essas canções com a nossa química."

> "Fiz um trabalho de intérprete como era feito antigamente. Fui à casa dos compositores, conversei, falei o que eu queria"

"Existiram momentos em que eu estive mais no palco da atriz e senti falta da música, e outros em que o bicho do teatro cobrava", confessa, ressaltando a importância essencial das duas vertentes na vida dela. "Sinto-me completa quando transito entre essas carreiras de uma forma fluida. Eu me considero uma artista. Gosto da manufatura da arte."

LUCAS BRÊDA

DO MUNDO
Apesar do disco com alma brasileira, Emanuelle escolheu a cidade de Nova York para fazer as fotos de divulgação do trabalho

"Um fio perpassa todas as coisas, os mundos estão todos nele enfiados como num colar de contas, e os homens, os fatos, a vida, está tudo diante de nós por causa desse fio".

Ralph W. Emerson, escritor, filósofo e poeta.

ISTOÉ, como um fio que alinhava a história que corre a olhos vistos, tem investido, ao longo dos seus 40 anos, na busca incansável pela verdade dos fatos com um jornalismo investigativo, democrático, plural e independente.

Relevante, influente e sempre ligada na modernidade de seus leitores, ISTOÉ transmite ideias, valores e atitudes em consonância com o seu tempo. E em qualquer plataforma: impressa, digital, ou na forma de seminários e eventos.

A imagem usada na capa da edição 2275 de junho de 2013.

VOCÊ E QUEM MANDA.

A melhor ferramenta para entender o aqui, o agora e os próximos 40 anos.

ISTOÉ 40 anos

Conectada com o espírito do seu tempo

As 100 MAIORES SÉRIES (E Outros Programas de TV) DE TODOS OS TEMPOS

NUNCA HOUVE UM BOOM CRIATIVO na televisão como o que vivemos atualmente. Desde que *Família Soprano* mudou o jogo, na virada do século, estamos em uma corrida do ouro que não dá sinais de arrefecimento. Que melhor momento para olhar em retrospecto e celebrar os maiores representantes dessa forma de arte? A *Rolling Stone EUA* fez uma enquete com atores, roteiristas, produtores e críticos. Dentre eles, lendas como Carl Reiner e Garry Marshall, que nos enviou seus votos pouco antes de morrer, aos 81 anos, em julho. Todos os programas de TV, de todas as eras, eram elegíveis; qualquer um podia votar em qualquer série pela qual sentisse alguma paixão, dos anos do preto e branco à era em que se assiste a tudo em maratonas. Índices de audiência não importam – só a qualidade. Como toda lista, esta deve gerar discussões acaloradas, mas a beleza da TV é que, independente disso, ela continuará nos dando muito sobre o que debater.

Por **Rob Sheffield**

1 Família Soprano

-2007 É a saga de crime que corta em duas partes a história da TV, iniciando uma era de ouro em que, de repente, tudo parecia possível. O criador, David Chase, rompeu todos os parâmetros do quanto se pode fugir das regras na telinha. E ele criou um anti-herói norte-americano imortal com James Gandolfini no papel de Tony Soprano, chefe [*Cont. na pág. 46*]

O saudoso James Gandolfini como Tony Soprano

REPRODUÇÃO

[*Cont. da pág. 45*] da Máfia em Nova Jersey, dirigindo um time de gângsteres que também eram maridos e pais avariados, homens tentando viver com seus segredos sanguinários e lembranças sombrias. Como o grande Gandolfini disse à *Rolling Stone* em 2001: "Eu ouvi David Chase dizer uma vez que a série era sobre pessoas que mentem para si próprias, como todos nós fazemos. [*Era sobre*] mentir para nós mesmos diariamente e a bagunça que isso cria".

Que bagunça inspiradora e aterrorizante. Todas as séries que estouraram nos anos seguintes – *The Wire*, *Mad Men*, *Breaking Bad* – não teriam acontecido se *Família Soprano* (*The Sopranos*, no original) não tivesse chutado a porta.

Os personagens perduram no longo prazo no nosso imaginário: Carmela (Edie Falco), Junior (Dominic Chianese), Christopher (Michael Imperioli), Paulie Walnuts (Tony Sirico). E tem ainda o guitarrista Steve Van Zandt, da E Street Band, como Silvio, conselheiro de Tony – Chase o viu na capa de um álbum de Bruce Springsteen e, conforme contou à *Rolling Stone*, achou que "havia algo na E Street Band que parecia uma gangue".

Não teria sido possível sem a intensidade gradual de Gandolfini – ele era o único ator capaz de dar vida ao mal-estar de Tony. Mas o roteiro, as atuações e a direção foram a lugares onde a televisão nunca havia estado.

Em *Família Soprano*, as lealdades mudam, tanto nas ruas quanto em casa. Personagens amados podiam ser mortos a qualquer momento e isso manteve aquela sensação de perigo viva até os segundos finais. Quase uma década após a tela escurecer em uma lanchonete em Jersey, com a jukebox tocando "Don't Stop Believin'" (Journey), *Família Soprano* continua sendo o padrão que toda série com ambição aspira alcançar

Omar, de *The Wire*, com seus conhecidos sobretudo e escopeta

2 The Wire

2002-2008 O ex-repórter David Simon mirou alto com esta narrativa épica sobre o mundo das drogas em Baltimore, criando uma cidade inteira cheia de políticos corruptos, rapazes nas esquinas e policiais que aprendem constantemente que o maior crime é "se importar quando não é a sua vez de se importar". *The Wire* nos deu personagens que ninguém havia visto antes, do ameaçador Stringer Bell, de Idris Elba, ao eternamente citável Proposition Joe, de Robert F. Chew. Mas Michael K. Williams criou o durão definitivo com Omar. Como Joe disse a Omar: "Um homem de negócios como eu não acredita em nutrir hostilidades com um homem como você. Perturba o sono". Há muitos momentos inesquecíveis em *The Wire* e uma sensação de aflição permanece por toda a série: o jogo ganha – todos eles perdem.

3 Breaking Bad

2008-2013 Bryan Cranston, antes conhecido como o dentista de *Seinfeld* e o pai adorável de *Malcolm in the Middle*, se tornou um vilão incomparável pelas mãos do criador de *Breaking Bad*, Vince Gilligan. Walter White, um amargurado professor de química, tem câncer de pulmão e decide que deixará sustento para os filhos se tornando o principal produtor de metanfetamina do Novo Mexico. Infelizmente para sua família, suas vítimas e praticamente todo mundo que ele encontra, White ama essa vida secreta como Heisenberg, o chefão das drogas assassino. "Eu não corro perigo, Skyler", ele diz à esposa em uma das cenas mais marcantes da série. "Eu sou o perigo. Um cara abre a porta e leva um tiro e você pensa que isso pode acontecer comigo? Não. Eu sou aquele que bate à porta!"

White perde a cabeça em *Breaking Bad*

4 | Mad Men 2007-2015

Para Don Draper (vivido por Jon Hamm) e funcionários da Sterling Cooper, o mais importante é como vender o sonho americano. *Mad Men* se tornou uma sensação assim que surgiu, em parte por causa da superfície glamourosa (uma agência de publicidade em Nova York durante a era JFK, com todo sexo, dinheiro, bebida e cigarros envolvidos nisso), mas também porque era um drama adulto ambicioso que não era sobre policiais ou bandidos (ou médicos ou advogados). "Um bom publicitário é como um artista, canalizando a cultura", o criador, Matthew Weiner, disse à *RS*. "Eles estão segurando um espelho e dizendo 'esse é o modo como gostaríamos que vocês fossem'."

5 | Seinfeld

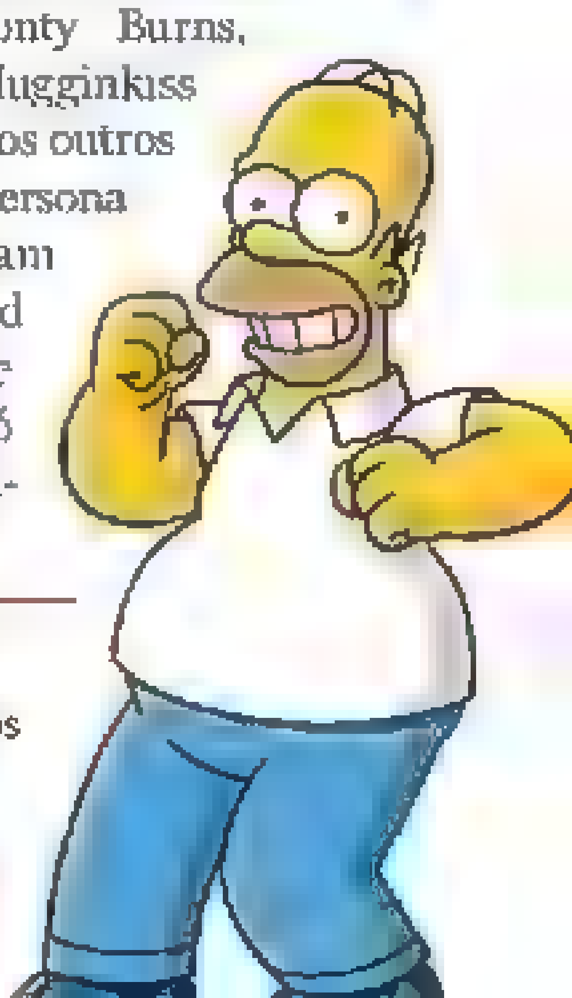
1989-1998

A série sobre nada que se tornou a grande comédia norte-americana. Jerry, George, Elaine e Kramer: quatro amigos que por coincidência são pessoas horríveis, em uma Nova York cheia de "Soup Nazis" e gente que fala perto demais. Mesmo na época, todo mundo já sabia que *Seinfeld* era a série mais engraçada que já tínhamos visto, um milagre semana após semana. Mas, não importa quantas vezes você veja todos os 180 episódios; eles continuam te atraindo como pretzels que te deixam com sede. Jerry Seinfeld e o cocriador Larry David fixaram as regras no começo – "sem abraços, sem aprendizado". Como Julia Louis-Dreyfus disse à *Rolling Stone* em 1998: "A realidade é que esses quatro personagens são um grupo patético, e eles deveriam se separar imediatamente. Eles fazem coisas terríveis uns com os outros. É coisa de sociopata". Não que haja algo de errado com isso.

6 | Os Simpsons

Desde 1989

Como a família de desenho animado favorita do planeta durou tanto tempo? Porque ela também é a família mais verdadeira. Especialmente Homer, o pai bobão que todo mundo tem medo de se tornar. Ou talvez a filha mais velha, Lisa, a voz da sabedoria. Sem mencionar Apu, Krusty, Flanders, Monty Burns, Amanda Hugginkiss ou qualquer dos outros excêntricos personagens que tornam Springfield uma cidade como a sua, só que mais engraçada.



Homer, de *Os Simpsons*, o pai mais incorreto dos Estados Unidos

7 Além da Imaginação

1959-1964

"Essa é a dimensão da fantasia. É uma área que nós chamamos de *Além da Imaginação* [Twilight Zone, *no original*]." A série antológica de ficção científica de Rod Serling é o oposto de uma peça de época – é capaz de te fazer pirar ainda hoje. Os melhores episódios procuravam por esquisitices no dia a dia: invasores do espaço posando de delinquentes juvenis com carrões envenenados, vizinhanças suburbanas se tornando multidões histéricas, máscaras mortuárias grotescas, bonecas falantes. Inúmeras vinhetas continuam clássicas, de William Shatner olhando pela janela do avião e vendo um gremlin na asa a Richard Kiel como um gigante e sorridente alienígena que chega à Terra com a solução para todos os problemas.

8 | Saturday Night Live

Desde 1975

Ao vivo de Nova York, é sábado à noite – mais de 40 anos após o pessoal do Not Ready for Prime Time Players, como era chamado o primeiro elenco do programa, ter reinventado a comédia. Como o criador, Lorne Michaels, gosta de dizer: "Não entramos no ar porque estamos prontos. Entramos no ar porque são 23h30". O *SNL* mantém essa atmosfera eletrizante rolando, mesmo que isso signifique ficarem por quatro episódios ou até mesmo temporadas sem acertar uma. Todo mundo achava que o elenco dos anos 1970 – John Belushi, Gilda Radner, Bill Murray e Dan Aykroyd – era frenético e louco demais para ser substituído. Mas o *SNL* deu ao mundo Eddie Murphy nos anos 1980, Mike Myers e Chris Rock nos anos 1990, Will Ferrell e Tina Fey nos 2000 e Kate McKinnon e Aidy Bryant hoje. Nenhum outro programa soltou no mundo tantos artistas maravilhosamente perturbados.

9 | Tudo em Família

1971-1979

Que chocante ver esse sucesso da TV em 1971, no meio dos anos Nixon – o falastrão Archie Bunker, sua esposa, Edith, a filha feminista, Gloria, e seu marido hippie, Mike, todos sob o mesmo teto, tendo as discussões que as famílias de verdade tinham na época. E era número 1 de audiência todos os anos porque não menosprezava seus personagens – como o criador, Norman Lear, disse à *Rolling Stone*: "As pessoas estavam interessadas em serem representadas muito corretamente". Carroll O'Connor deu a Archie dignidade e decência, mesmo quando ele expressava opiniões como "A Inglaterra é um país de bichas". *Tudo em Família* (*All in the Family*, no original) foi a lugares aonde a TV não havia ousado ir (racismo, homofobia, aborto, controle de armas, sexo antes do casamento, religião).

Tudo em Família Archie Bunker (interpretado por Carroll O'Connor) em cena

10 | The Daily Show

Desde 1996

O programa satírico de notícias passou a ter mais credibilidade do que os jornais de verdade. Lançado pelo canal Comedy Central em 1996, mas alcançando o auge quando Jon Stewart assumiu, em 1999, o *The Daily Show* foi se tornando politicamente mais áspero conforme as notícias foram ficando progressivamente piores. Stewart tinha a raiva de um homem que concordou em fazer esse trabalho no final dos anos Clinton e acabou tendo que analisar um país muito mais assustador. E essa cólera ficava cada vez mais evidente a cada edição. Enquanto o programa se esforça para continuar sem ele, os ex-integrantes do elenco John Oliver e Samantha Bee mantêm vivo o espírito direto e honesto em seus próprios programas.

Quase todos os atores de *Freaks and Geeks* fizeram sucesso posteriormente

11 | Freaks and Geeks

1999-2000

Um momento tipicamente brilhante de *Freaks and Geeks*: Lindsay (Linda Cardellini) dá seu primeiro trago em um baseado e é flagrada por um de seus camaradas nerds, que diz: "Eu reconheço gente chapada. Eu fui a um show do Seals & Crofts!" Paul Feig e Judd Apatow realmente capturaram as agonias da adolescência nos Estados Unidos nessa comédia situada em 1980. Tragicamente, ela só durou uma temporada, mas todos os 18 episódios foram um acerto, com uma trilha sonora de rock e um elenco de futuras lendas. Os personagens eram jovens que não se enquadravam, ansiando por um lugar a que pertencessem, fosse em uma partida de *Dungeons & Dragons*, fosse em uma van seguindo uma turnê do Grateful Dead

12 | Game of Thrones

Desde 2011

A noite é sombria e cheia de terrores, especialmente aos domingos, quando *Game of Thrones* é exibida. Com sua premissa de "*Família Soprano* na Terra Média", é a série de fantasia da HBO que quebrou barreiras entre gêneros para reivindicar o título de uma das mais realistas da atualidade, indo além dos livros de George R.R. Martin. Ela pode chamar atenção com a nudez, os dragões e as cabeças cortadas, mas na essência é um thriller político. Como Martin disse à *Rolling Stone*: "A história é escrita em sangue, é uma mina de ouro. Os reis, as princesas, os generais e as putas e todas as traições, guerras e confidências: é melhor do que 90% do que os escritores de fantasia inventam".

Peter Dinklage é uma das revelações de *Game of Thrones*

13 | Late Night with David Letterman

1982-2015

Um homem do tempo fracassado de Indiana substitui Johnny Carson no comando das madrugadas e muda completamente a maneira como os Estados Unidos veem a si mesmos. Letterman levou esquisitões para a TV como nunca havíamos visto antes: Pee-wee Herman, Sandra Bernhard, R.E.M. e Andy Kaufman, sem contar o indispensável homem do piano, Paul Shaffer. Quando Letterman mudou para o *Late Show*, da CBS, em 1993, ele mudou o nome do programa e o horário de exibição, mas manteve o mesmo espírito áspero. Especialmente em suas magníficas semanas finais, quando ele mostrou tudo em estatísticas: "Foram 33 anos, 6.028 programas e oito minutos de risadas".

REPRODUÇÃO (TUDO EM FAMÍLIA, FREAKS AND GEEKS); DIVULGAÇÃO (GAME OF THRONES)

O elenco de *M*A*S*H*, cujo episódio final é recordista de audiência na TV

14 | The Larry Sanders Show 1992-1998

O fantástico Garry Shandling poderia ter assumido como apresentador do *The Tonight Show*, mas em vez disso estrelou uma aterrorizante versão ficcional dele. Larry Sanders era um monstro da indústria do entretenimento cujo desprezo por toda forma de humanidade (especialmente por si próprio) não lhe dava outra escolha a não ser falar amenidades com estranhos em um programa de fim de noite. Inúmeras lendas da comédia deram os primeiros passos aqui, como Judd Apatow, Sarah Silverman, Bob Odenkirk e Dave Chappelle

Martin Sheen como o presidente norte-americano em *The West Wing*

15 | The West Wing: Nos Bastidores do Poder

1999-2006

Aaron Sorkin deu aos Estados Unidos o líder que o país não necessariamente merece na figura do benevolente presidente Jed Bartlet (Martin Sheen). *The West Wing* era uma fantasia de como seria o futuro político (se os democratas fossem um pouco mais corajosos ou os republicanos tivessem um princípio ou dois), mas que logo se tornou completamente fora de esquadro durante os anos Bush-Cheney. No entanto, os diálogos ágeis característicos de Sorkin e o idealismo da administração de Bartlet fizeram desse um universo paralelo bem-vindo.

16 | M*A*S*H 1972-1983

A série sobre a Guerra da Coreia durou três vezes mais que a própria guerra. Nela, os médicos e as enfermeiras do 4.077º Hospital Móvel Cirúrgico do Exército esperavam pelo próximo helicóptero com a próxima leva de feridos. *M*A*S*H* começou como uma comedia corajosa, com a equipe tentando manter o senso de humor em meio à carnificina diária com bebidas, sexo e travessuras. Evoluiu para uma solene meditação sobre a futilidade da guerra. O episódio final teve mais de 120 milhões de telespectadores - é até hoje o evento televisivo mais assistido de todos os tempos

17 | Twin Peaks [illegible]

A pequena cidade de Twin Peaks é cheia de mulheres que carregam segredos mortais, da rainha do baile assassinada, Laura Palmer, até a mais que viva e sedutora Audrey Horne. Alguns anos após o filme *Veludo Azul*, a surreal série de mistério do diretor David Lynch acompanha o ator Kyle MacLachlan na pele do agente do FBI Dale Cooper, que está em uma jornada atrás de "um café muito bom" e também da solução do caso do assassinato de Laura Palmer.

18 | Jornada nas Estrelas

[illegible]

A nave espacial Enterprise decolou em uma missão de cinco anos: "Explorar estranhos novos mundos, procurar novas formas de vida e civilizações". E teve sucesso em criar uma das mais amadas séries de ficção científica, não só inspirando inúmeras séries derivadas dentro da franquia *Star Trek*, mas também codificando a ficção feita por fãs como uma forma de arte. A série de Gene Roddenberry permanece como o alicerce, ao lado do Capitão Kirk de William Shatner, o Mr. Spock de Leonard Nimoy e McCoy, Sulu, Uhura e Scotty.

Larry David, o pai de *Seinfeld*, em *Curb Your Enthusiasm*

19 | Curb Your Enthusiasm

Desde 2000

Nos pensávamos que já conhecíamos Larry David via seu alter ego George Costanza em *Seinfeld*, mas graças a *Curb Your Enthusiasm* pudemos vê-lo como o "assassino social", o virtuoso das catástrofes. De religião a raça, da falsa reunião de *Seinfeld* ao urgente dilema ético de homens usarem ou não short em aviões, Larry está sempre lá para tornar qualquer situação constrangedora pior ainda.

20 | Cheers [illegible]

Você precisa de um lugar onde todo mundo saiba o seu nome – mesmo que seja só um boteco em Boston cheio de clientes habituais que não têm mais para onde ir. *Cheers* começou com foco no flerte entre o par romântico incompatível Sam (Ted Danson), um arremessador do time de beisebol Red Sox, e a rata de biblioteca Diane (Shelley Long). Mas a série se renovou regularmente, trazendo sangue novo, como Woody Harrelson, Kirstie Alley e Kelsey Grammer. *Cheers* era como aquele bar, a ponto de você ligar a TV só para ver quem era o cliente que passaria um tempo com você naquela noite.

21 | The Office (Reino Unido) 2001-2003

Ricky Gervais criou um dos tiranos cômicos mais angustiantes da TV com David Brent – um homem amargo e inoportuno, uma bola pomposa de vaidade que aterrorizava seus empregados em uma empresa de papéis em Londres. Ele se inquieta, afaga a própria gravata, conta piadas terríveis, toca guitarra ("Free Love Freeway"), tudo de forma invisível a todo mundo, exceto aos resignados funcionários que têm que aguentá-lo. Esse falso documentário aumentou o nível de desconforto nas séries em todo canto, resultando na surpreendentemente ótima versão norte-americana enquanto pavimentava o caminho para as glórias de *Parks & Recreation* e *Peep Show*.

22 | Louie Desde 2010

A série autoral de Louis C.K. não se parece com mais nada que existe na televisão. Ele escreve, dirige e estrela como ele mesmo, um pai solteiro e comediante em Nova York. Se Louie

Louis C.K. tem total liberdade criativa e quase nunca erra em *Louie*

REPRODUÇÃO/IMAGEM DA SÉRIE LOUIE/FX/DIVULGAÇÃO

quer se mostrar no carro fingindo tocar bateria no ar ao som de "Who Are You?" (The Who), matando suas filhas de vergonha, ele faz isso. Se ele quer abandonar o formato de comédia de meia-hora completamente para investir em uma onda meio cinema independente com Charles Grodin e Ellen Burstyn, ele também faz. Louis C.K. pode se perder dentro da própria cabeça por temporadas inteiras, mas o ator também alcança picos emocionais totalmente originais, como quando ele viaja para Miami e acidentalmente faz um amigo (não, a amizade não dura muito).

A presidente Selina em um de seus discursos em *Veep*

23 | Deadwood
2004-2006

A filosofia moral de Al Swearengen: "Você não pode cortar a garganta de todo imbecil cujo caráter isso melhoraria". Ele é o vilão do faroeste épico do criador, David Milch, em uma série que se passa em um campo de mineração de ouro na Dakota do Sul, em 1870. No centro de tudo, Al, personagem de Ian McShane, serve bebidas, conta dinheiro e corta gargantas. As duas primeiras temporadas são ouro puro. *Deadwood* é sobre como comunidades são construídas – e todo o trabalho sujo que isso envolve.

24 | Friday Night Lights
2006-2011

"Olhos limpos, corações plenos, não tem como perder" é a regra de ouro em uma cidade no Texas onde todo mundo vive e morre pelo time de futebol americano do colegial. Mas *Friday Night Lights* não é realmente sobre futebol americano tanto quanto é sobre família, trabalho, classe, o gosto amargo de sonhos frustrados. Kyle Chandler é o treinador Taylor, Connie Britton é a esposa dele, Tami, e Taylor Kitsch é Tim Riggins – o mais memorável de muitos garotos vulneráveis que passaram pelos vestiários dos Panthers.

25 | Veep Desde 2012

Julia Louis-Dreyfus preside a Sala Oval nessa sátira política que fica ainda mais assustadoramente brilhante a cada temporada. A presidente Selina Meyer é um dos grandes monstros da história da TV, alguém com quem você pode contar para dizer coisas como "você vai cancelar essa recontagem como fizeram com o bat mitzvah da Anne Frank". Cada episódio é uma enxurrada de insultos disparados em uma velocidade insana. O ápice de *Veep* talvez seja o episódio "Testimony", 30 minutos frenéticos nos quais quase todas as falas são perjúrios. Mais quatro anos, por favor.

26 | Friends 1994-2004

Um grupo de jovens de 20 e poucos anos em Nova York que reclama do emprego, da vida sexual e da família problemática. É uma fórmula que inúmeras séries tentaram acertar, mas foi o pessoal do Central Perk que mirou de maneira impressionante na mistura certa de personalidades, da excêntrica cantora folk interpretada por Lisa Kudrow ao romance entre Ross (David Schwimmer) e Rachel (Jennifer Aniston).

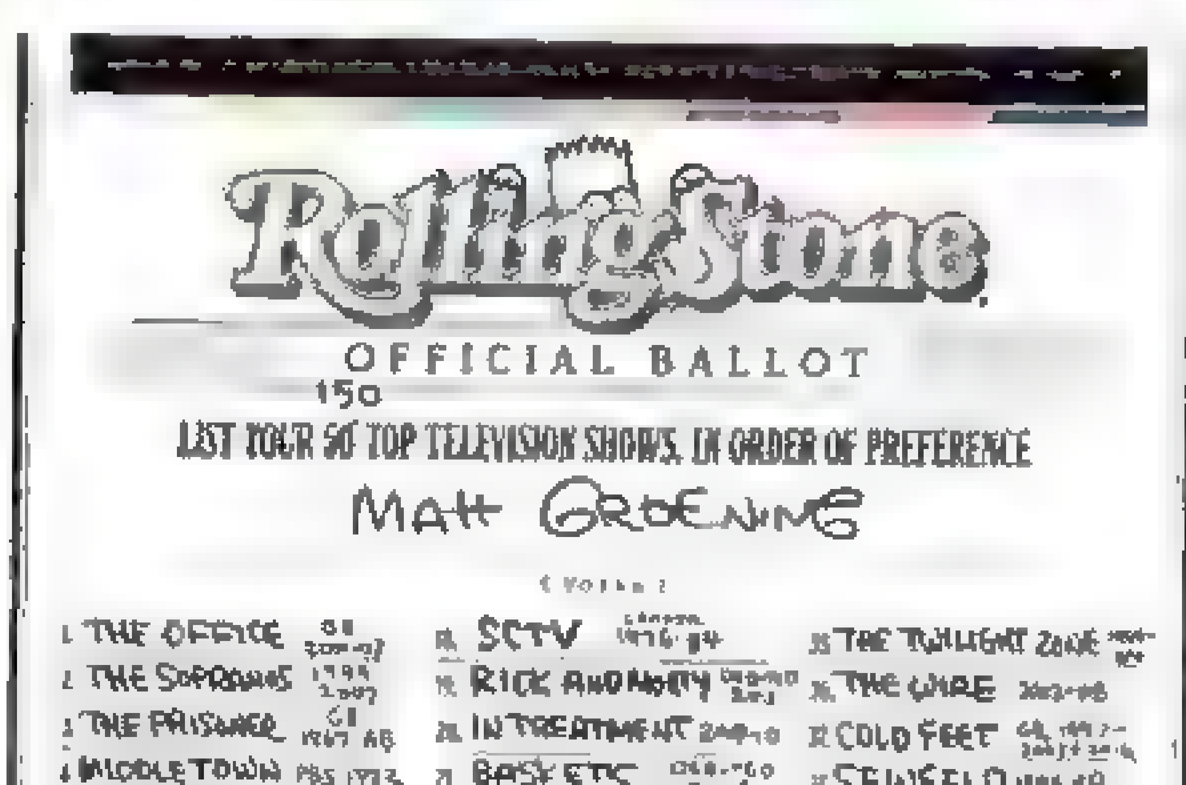
27 | Arrested Development
2003-2006, 2013

A história absurda de Mitch Hurwitz sobre a família Bluth parecia muito avançada para sobreviver no solo improdutivo dos canais de TV. No entanto, ela durou três temporadas na Fox (foi resgatada em 2013 pela Netflix) sem perder suas peculiaridades, graças a Will Arnett, Jason Bateman e David Cross, entre outros. Ela alcança estranhos patamares emocionais, como quando Jeffrey Tambor se esconde no sótão para espiar o próprio funeral enquanto Portia de Rossi honra sua memória: "Vou colocar uma minissaia, tirar a calcinha e deixá-lo orgulhoso".

David Cross em *Arrested Development*

AS SÉRIES FAVORITAS DE MATT GROENING, CRIADOR DOS *SIMPSONS*

Groening enviou à *Rolling Stone EUA* três cédulas classificando 150 séries, com tudo escrito na letra icônica dos créditos de abertura da animação criada por ele, *Os Simpsons*. "Levou um tempo", ele conta. A lista vai de escolhas óbvias (*The Daily Show* e *Seinfeld*) a surpresas (*Charlie Rose*) e obscuridades (*Klovn*, da Dinamarca, 2005-2009). O difícil, para ele, foi decidir entre *The Office* (do Reino Unido) e *Família Soprano*. "Ambas são as melhores", diz. "Na minha primeira lista eu coloquei os *Sopranos* em primeiro lugar, e aí mudei. Pensei: 'Tenho que colocar uma comédia em primeiro'." O denominador comum entre as duas, Groening reflete, é que "elas te recompensam por prestar atenção".



Rolling Stone

OFFICIAL BALLOT

LIST YOUR ~~50~~ 150 TOP TELEVISION SHOWS, IN ORDER OF PREFERENCE

MATT GROENING

1. THE OFFICE
2. THE SOPRANOS
3. THE PRISONER
4. MIDDLETOWN

SCTV
RICK AND MORTY
IN TREATMENT
BASKETS

THE TWILIGHT ZONE
THE WIRE
COLD FEET
SEINFELD

28 | Arquivo X
1993-2002, 2016

Ah, os anos 1990 – quando nossas piores preocupações com o governo eram que ele estivesse escondendo de nós abduções alienígenas. Chris Carter criou toda uma mitologia de ficção científica com a série. Todas as conspirações sinistras do Universo não são tão fortes quanto o elo entre os dois agentes do FBI: o Mulder de David Duchovny (ele queria acreditar) e a Scully de Gillian Anderson (ela não queria).

29 | Monty Python's Flying Circus 1969-1974

E agora algo completamente diferente. A mistura perfeita da comédia – cinco intelectuais britânicos e um norte-americano, Terry Gilliam, enlouquecendo na BBC. Os integrantes do Monty Python eram os Beatles da comédia, cada qual um elemento indispensável na química, do balbuciar raivoso de John Cleese aos incisivos jogos de palavras de Eric Idle. Os membros da trupe foram os pais espirituais de todos os comediantes de peso que surgiram depois – Lorne Michaels e Chevy Chase se conheceram na fila de uma exibição do filme *Em Busca do Cálice Sagrado*.

30 | The Tonight Show with John Carson
1962-1992

Há razões para Carson permanecer como o modelo para todo apresentador de programas de fim de noite, após reinar no *The Tonight Show* por três décadas. Como uma resposta da TV ao estilo cool de Frank Sinatra, seus monólogos eram a trilha sonora de gerações de norte-americanos se embriagando para dormir todas as noites. Quase 25 anos após sair do ar (e mais de dez anos depois de ele morrer), Carson é o rei fantasma que ainda assombra as madrugadas. Em seu último programa, David Letterman brincou: "Parece que não vou conseguir o *The Tonight Show*".

DIVULGAÇÃO; VEEP ... DEVELOPMENT; REPRODUÇÃO

Elmo, de *Vila Sésamo*

81 | Sesame Street
Desde 1969

Nenhum programa infantil foi amado tão intensamente quanto essa fantasia urbana utópica, conhecida no Brasil como *Vila Sésamo*, passada em uma vizinhança povoada por um elenco multirracial de adultos sorridentes, um pássaro amarelo gigante, um resmungão em uma lata de lixo e vampiros amantes de matemática, além de inúmeras letras e números falantes. Tem grandes canções, mas, o mais importante, tem muita alma, que é o motivo de o ar ter ficado agradável por 40 anos – ou como o Conde diria, 45! 46! 47 anos!

82 | I Love Lucy 1951-1957

Mostra as aventuras do casal da vida real Lucille Ball e Desi Arnaz – ele era um bandleader cubano chamado Ricky Ricardo e ela uma dona de casa amalucada e rainha da comédia. Eles foram o primeiro casal na TV em uma era em que os canais só permitiam que eles dormissem em camas separadas. Ainda tiveram que esperar a chegada de Little Ricky sem permitir que ninguém proferisse a palavra "grávida" no ar.

83 | South Park
Desde 1997

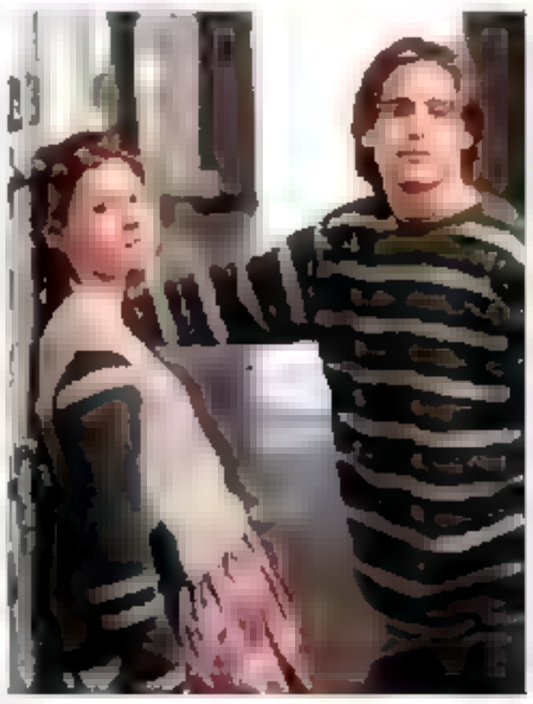
Os criadores Trey Parker e Matt Stone tocaram os Estados Unidos em algum nigar profundo e especial. Ano após ano, essa turma de animação de garotos boca-suja do Colorado oferece uma sátira mordaz das boba gens hipócritas da nossa sociedade, enquanto nós sofremos junto a Cartman, Butters, Stan, Kyle, Scott Tenorman e Scrotie McBoogerballs. Não deveria acabar nunca, não enquanto ainda há tantos aspectos da natureza humana implorando para serem retratados em *South Park*. Voltando ao passado, quando estava começando, Matt Stone disse à *Rolling Stone*: "Nós enxergaríamos sucesso quando finalmente chegássemos ao ponto de cancelarem porque ninguém entendia". Lá se vão 20 anos de fracasso – e esperamos que venham mais 20.

84 | 30 Rock 2006-2013

Alec Baldwin explicou melhor que todo mundo: "Você é realmente o Picasso da solidão" Ele tem um ponto. A Liz Lemon de Tina Fey é uma garota solteira que passa as noites jogando Banco Imobiliário sozinha, comendo queijo ou assistindo ao filme da Lifetime *Meu Filho Adotivo é o Meu Marido Cibernético*. Mas Tina fez dela uma heroína atemporal, transformando a experiência que teve na sala de roteiristas do *SNL* em algo como os bastidores do *The Girlie Show*. O elenco da série, que no Brasil ganhou o título *Um Maluco na TV*, incluía Tracy Morgan, Jane Krakowski e Jack McBrayer.

85 | Minha Vida de Cão
1994-1995

"Ignore a Angela. Não é culpa dela, é que ela é o produto de uma casa com dois pais." Claire Danes se tornou a heroína do mal-estar adolescente nesse clássico teen (*My So-Called Life*, no original), tão à frente de seu tempo que foi cancelado após uma temporada. O episódio do baile – em que dois garotos perdidos e solitários encontram um momento de redenção juntos – deve ser a hora mais emo da TV dos anos 1990.



Os jovens Claire Danes e Jaret Leto em *Minha Vida de Cão*

86 | Lei e Ordem
1990-2010

A série criada por Dick Wolf, que ficou duas décadas no ar e deu origem a uma franquia de subtítulos, desenvolveu sua própria fórmula – crimes assustadoramente violentos retirados das manchetes, policiais que batem ponto, advogados idealistas e juízes severos que batem o martelo. Cada personagem de *Lei e Ordem* (*Law & Order*, no original) é um diferente dente da engrenagem na máquina de solucionar crimes até a cena de julgamento no final. Em todas as suas diferentes encarnações ficou provado o quanto a fórmula era rica. Fora que a série deu a oportunidade para inúmeros atores principiantes de Nova York de ter sua primeira experiência com um serviço de catering.

87 | Orange is the New Black Desde 20[illegible]

Quando o drama prisional de Jenji Kohan começou, não havia como saber que continuaria fantástico após quatro anos na verdade, a genialidade da primeira temporada parecia um acaso feliz. Mas continua crescendo – a recente quarta temporada é a mais intensa até o momento. Nenhum outro drama consegue se equiparar a esse elenco, que tem atrizes como Uzo Aduba, Jessica Pimentel, Danielle Brooks e Samira Wiley indo fundo nessas personagens e nas histórias de despedaçar o coração que as levaram até ali.

88 | Buffy, a Caça-Vampiros [illegible]

SarahMichelleGellarcriouuma vingadora feminista sobrenatural na saga de Joss Whedon. Buffy é um garota californiana que vive a vida quebrando a cara de vampiros. Para ela, sobreviver à adolescência e lutar contra as forças sobrenaturais do mal acaba sendo a mesma coisa. O episódio musical, intitulado "Once More, with Feeling", é um clássico por si só

A protagonista de *OITNB*, Piper (*ao centro*), fica apagada entre tantas boas atrizes

89 | Lost 2004-2010

Uma viagem cósmica misteriosa tão complexa que ninguém nunca conseguiu decifrar tudo. Um bando de náufragos aprisionados em uma ilha após o voo 815 da Oceanic, com um monstro de fumaça e o enigmático grupo chamado Os Outros, múltiplas linhas do tempo, além da história prévia da Iniciativa Dharma nos anos 1970. Cada episódio era abarrotado de pistas para serem discutidas nos anos que viriam. *Lost* provou que havia uma ampla audiência que queria ver na TV algo que fosse mais imprevisível e desafiador, não menos. E a partir dali a TV nunca mais seria a mesma.

REPRODUÇÃO (CESAME STREET, MINHA VIDA DE CÃO, BARBARA NITKE, NETFLIX/ORANGE IS THE NEW BLACK)

10 | The Shield: Acima da Lei 2002-2008

No nosso primeiro contato com Vic Mackey, ele está atirando em um companheiro da polícia para impedir que este o denuncie. Como seu capitão diz no primeiro episódio, "ele é o Al Capone com um distintivo". Michael Chiklis criou um dos mais temidos policiais da TV com Mackey, um detetive sujo com muita habilidade e quase nenhum escrúpulo e feliz – exceto que esses dois fazem coisas como matar um assassino de aluguel ao som de "Tainted Love" (Soft Cell). A obra magistral é tanto um thriller sobre espionagem quanto um deprimente e profundo drama conjugal.

Vic Mackey, de *The Shield*

11 | The Honeymooners 1955-1956

A comédia surgiu como um spin-off de um esquete do programa de Jackie Gleason, sobre o motorista de ônibus Ralph Kramden e sua esposa, Alice, interpretada por Audrey Meadows. O mote aqui era a brutalidade da vida da população trabalhadora de Nova York. Foi o modelo para toda série sobre o casamento entre o homem grosseiro e porcão e a mulher bruxa reprovadora.

12 | Nova York Contra o Crime 1993-2005

Quase uma década após a lendária série *Chumbo Grosso* (*Hill Street Blues*), Steven Bochco subiu os padrões para o realismo policial baixo e sujo. O 15º Distrito era o lar de detetives durões trazidos à vida por caras como Jimmy Smits, Amy Brenneman e David Caruso. O detetive Sipowicz (Dennis Franz) era um alcoólatra racista boca-suja e valentão – e ele era o policial mais amável do programa (*NYPD Blue*, no original)

13 | The Americans Desde 2013

Nunca houve um casamento na TV como este: Keri Russell e Matthew Rhys fazem um casal de espiões russos disfarçados vivendo nos subúrbios de Washington, D.C., nos anos 1980. Eles fingem ser um casal norte-americano agradável, normal e feliz – exceto que esses dois fazem coisas como matar um assassino de aluguel ao som de "Tainted Love" (Soft Cell). A obra magistral é tanto um thriller sobre espionagem quanto um deprimente e profundo drama conjugal.

14 | Columbo 1971-1978

O detetive interpretado por Peter Falk era o policial mais bacana da TV nos anos 1970. Com todo respeito a Kojak, Baretta, Starsky, Hutch e as Panteras, foi o tenente Columbo que apareceu na capa da *Rolling Stone*. Falk ia para as ruas sujo e desgrenhado, usando uma capa de chuva, sempre balbuciando e pedindo por um lápis, afastando-se do vilão para no final se virar com um de seus risos forçados e dizer: "Ah, só mais uma coisa". Ele é sempre a zebra da história, mas é assim que joga seus jogos psicológicos com os tipos presunçosos da alta sociedade de Los Angeles, que cometem o erro fatal de acharem que Columbo é um idiota.

15 | Battlestar Galactica 2003-2009

O original dos anos 1970 era uma franquia de ficção científica promissora, mas fracassada, uma das muitas feitas às pressas depois do sucesso de *Star Wars*. Mas a versão de Ronald D. Moore é o caso raro do reboot que superou o original, com uma colônia espacial de humanos escapando dos Cylons e procurando por um lar em algum lugar do Universo – talvez esse planeta de que eles ouviram falar, chamado Terra. Edward James Olmos é o comandante e Mary McDonnell é a presidente com uma visão diferente sobre essa sociedade. E a personagem Kara "Starbuck", interpretada por Katee Sackhoff, segue como uma das heroínas de ação mais duronas de todos os tempos.

16 | Mary Tyler Moore 1970-1977

O modelo definitivo de como extrair pura comédia a partir de ser um adulto neurótico tentando viver às próprias custas na cidade grande. Ela trabalhou na redação de uma TV de Minneapolis cheia de excêntricos, como o âncora falastrão Ted Knight e o chefe beberrão Lou Grant, interpretado por Ed Asner. Revolucionária na época, blasé ao falar sobre sexo e métodos contraceptivos, também foi pioneira no conceito bem raro de parar quando se está no topo – saiu do ar em 1977 e foi um sucesso absoluto até o final. Toda série ainda rouba algo de *Mary Tyler Moore*, mas o coração e a alma do programa continuam singulares.

Garner em *Arquivo Confidencial*

17 | Arquivo Confidencial 1974-1980

James Garner era um tipo novo de detetive televisivo – um investigador particular insignificante que acabava ficando com os casos que ninguém queria, morando em um trailer em Malibu com o pai idoso. Jim Rockford não vivia uma vida exatamente glamourosa na série (*The Rockford Files*, no original). Ele era um ex-estelionatário pianista que tinha cumprido pena em San Quentin e agora sobrevivia como um freelancer que vivia apanhando ou recebia menos do que o combinado pelo trabalho. Mas, graças a Garner, ele sempre tinha um suprimento de charme abusado.

18 | The Office (Estados Unidos) 2005-2013

Ninguém esperava que isso fosse mais do que outro exemplo da TV dos Estados Unidos tentando imitar uma série inglesa instigante e entendendo tudo errado. Exceto que, com Steve Carell como o pior chefe do mundo, se tornou uma comédia original a seu próprio modo, com um time dos sonhos de empregados excêntricos perdidos nos cubículos da Dunder Mifflin. Era mais solta, corria mais riscos e era mais ambiciosa do que a versão inglesa, sem mencionar que era mais afetuosa – o Michael Scott vivido por Carell não era odiável, era só um bobão.

19 | Taxi 1978-1983

Parecia uma ideia improvável: motoristas de táxi depressivos trabalhando no turno noturno, tentando não pensar nas decepções que os levaram a ficar empacados na Companhia de Táxis Sunshine. Mas *Taxi* tinha ternura, conforme esses perdedores criavam laços – o ingênuo tagarela de Andy Kaufman, o hippie doidão de Christopher Lloyd, além de Tony Danza, Judd Hirsch e Danny DeVito.

20 | Plantão Médico 1994-2009

O drama hospitalar que mandou todos os outros para a UTI. *Plantão Medico* (*ER*, no original) transformou em celebridades Julianna Margulies e o anteriormente obscuro George Clooney, até então conhecido só como o professor gostosão de *The Facts of Life*. Mas a real surpresa foi como *ER* continuou prosperando por 15 anos, mesmo substituindo todo o elenco original.

Plantão Médico: a série revelou grandes atores

REPRODUÇÃO

51 Fargo

Desde 2014

Bom, esta foi uma ideia obviamente horrível – transformar o filme clássico dos irmãos Coen sobre um crime verdadeiro em uma série. Qualquer um poderia ter dito ao canal FX que *Fargo* nunca daria certo, mas Noah Hawley provou que ideias horríveis podem ter sementes de grandeza. A primeira temporada foi uma surpresa bem-vinda, mas a segunda foi uma das melhores temporadas que qualquer seriado já teve: uma história de gângsteres de uma cidade pequena envolvendo o policial Patrick Wilson, a dona de casa desesperada Kirsten Dunst e Bruce Campbell como Ronald Reagan.

52 | The Colbert Report

2005-2011

"Qualquer um pode ler notícias para você. Prometo que vou te fazer sentir a notícia." Com essa meta, o correspondente do *Daily Show* Stephen Colbert deu início a uma abordagem totalmente nova aos programas de "fake news". "Queremos que as pessoas sintam dor e confusão", ele disse à *Rolling Stone* em 2006. "Não tenho problema em inventar as coisas, porque não tenho credibilidade a perder."

53 | The Bob Newhart Show

1972-1978

Newhart já era uma lenda da comédia graças aos brilhantes monólogos de stand-up nos anos 1960 – seus álbuns frequentemente ficavam no topo das paradas. A mente certinha dele parecia seca e cerebral demais para a TV, mas Newhart acertou em cheio como um psicólogo de Chicago que atende um maluco atrás do outro. Ele conseguia arrancar risadas simplesmente pigarreando (ninguém era tão bom nisso).

54 | Muppet Show 1976-1981

Os Muppets, criados por Jim Henson, se tornaram um fenômeno global nos anos 1970 – um sucesso que apenas Statler e Waldorf poderiam odiar, estrelando Kermit (Caco), o Grande Gonzo, o cão Rowlf, pianista ao estilo Tom Waits, o chef sueco, Dr. Bunsen Honeydew (no Brasil, Dr. Bico de Bunsen), e o preferido de todos, Jairo. As piadas eram totalmente infames, mas ele também era cheio de momentos musicais inesquecíveis, como Elton John cantando "Crocodile Rock" com um coral de jacarés ou o Animal detonando a bateria em "Wild Thing". Graças a esses personagens, o gentil espírito hippie de Henson vive para sempre.

Henson, criador dos Muppets, com o sapo Kermit e Miss Piggy ao fundo

55 | A Sete Palmos

2001-2005

Uma família da Califórnia com uma funerária para comandar – o que significa que mortalidade e tristeza nunca saem da cabeça de ninguém. Cada episódio da série (*Six Feet Under*, no original) começava com uma cena de morte perturbadora (ou cômica, ou ambas). O drama sombrio, mas terno, criado por Alan Ball, explorou um novo terreno e os episódios ajudaram a inovar a ideia de que um final de série deveria ser um epitáfio artístico, em vez de uma "simples" morte.

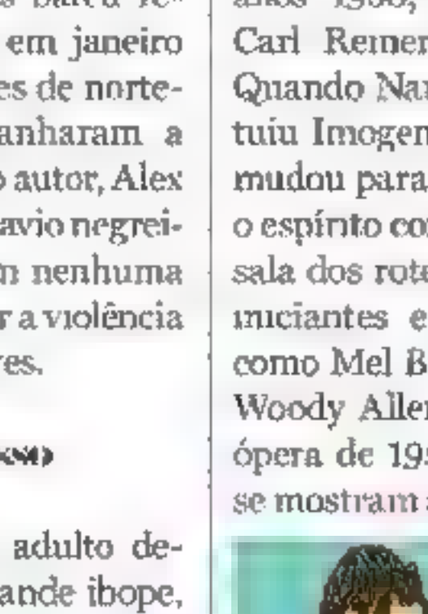
56 | 24 Horas 2001-2010

O agente Jack Bauer pode salvar os Estados Unidos? Este thriller cheio de adrenalina tinha Kiefer Sutherland como a arma mais letal da Unidade contra Terrorismo, não deixando nenhum princípio de liberdade civil ileso. A série também é lembrada pela estrutura inovadora em tempo real, com cada temporada sendo mais uma crise de 24 horas e cada episódio mais uma hora de Jack correndo contra o relógio.

57 | Fawlty Towers

1975-1979

John Cleese se baseou em um resort no qual a gangue do Monty Python se hospedou para representar os piores donos de hotel já vistos. Basil Fawlty é o personagem mais maldoso de Cleese – uma famosa cena o mostra vociferando contra uma freira. Ninguém o irrita mais que os clientes, especialmente aquele que teve o desplante de morrer em um quarto.



Bauer na época em que a bateria do celular durava 24 horas

58 | Raízes 1977

Raízes (*Roots*, no original) só teve oito episódios, mas mudou a forma como os Estados Unidos viam sua própria história – o tópico da escravidão era um tabu do qual não se falava na cultura norte-americana até essa minissérie dar vida aos detalhes horrorizantes. *Raízes* bateu recordes de audiência em janeiro de 1977 – 100 milhões de norte-americanos acompanharam a história da família do autor, Alex Haley, da África ao navio negreiro e à plantação, sem nenhuma tentativa de amenizar a violência para os telespectadores.

59 | Chumbo Grosso

1981-1987

Um seriado policial adulto demais para ter um grande ibope, mas adorado em uma época na qual os dramas em canais abertos estavam em baixa. Esses policiais eram pessoas problemáticas lidando com conflitos morais, corrupção e suas bagunçadas vidas pessoais. O capitão Frank Furillo (Daniel J. Travanti) e a defensora pública Joyce Davenport (Veronica Hamel) secretamente formavam um casal depois do expediente – era ousado mostrar, nos anos 1980, duas pessoas não casadas que gostavam de ficar juntas na banheira. Entre os roteiristas do programa (*Hill Street Blues*, no original) estavam Dick Wolf, de *Law & Order*, e David Milch, de *Deadwood*, sem falar do produtor Steve Bochco.

60 | Beavis & Butt-Head

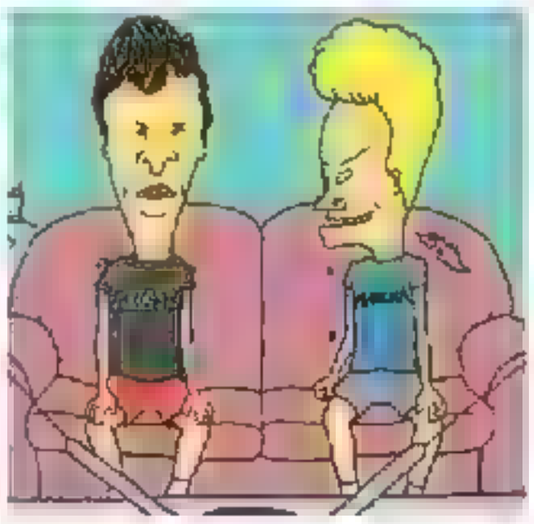
1993-1997, 2011

Mike Judge capturou o espírito da adolescência norte-americana, simbolizado por dois idiotas que vivem para o metal, nachos e infringir a lei (ou, pelo menos, colocar poodles na máquina de lavar). Foi libertador ver a animação tosca e barata, quando comparada ao estilo mais sofisticado de *The Simpsons* ou *Ren & Stimpy*. Beavis e Butt-Head faziam seu próprio tipo de poesia ruim ao detonar a MTV.

61 | Your Show of Shows

1950-1957

Sid Caesar aperfeiçoou o formato de comédia de esquetes nos anos 1950, com lendas como Carl Reiner e Imogene Coca. Quando Nanette Fabray substituiu Imogene em 1954, o nome mudou para *Caesar's Hour*, mas o espírito continuou o mesmo. A sala dos roteiristas tinha jovens iniciantes e de muito talento, como Mel Brooks, Neil Simon e Woody Allen. Esquetes como a ópera de 1955 *Gallipacci* ainda se mostram atuais



Beavis e Butt-Head, risadas muito toscas, mas inesquecíveis

AGENCE FRANCE-PRESSE / GETTY IMAGES

62 | Sex and the City
1998-2004

Ou *Supergatas: Os Primeiros Anos*. Esta fantasia de Manhattan para taradas por sapatos era onipresente, a ponto de Jay Z dizer em um rap que Beyoncé não falava com ele quando a série estava passando na TV. Sarah Jessica Parker (Carrie) e sua panelinha – Cynthia Nixon, Kristin Davis, Kim Cattrall – namoram, compram e conversam em um mundo cheio de rapazes ricos e acabam percebendo que suas únicas almas gêmeas verdadeiras são elas mesmas. Ou talvez um par de sapatos Manolo Blahnik.

63 | Anos Incríveis
1988-1993

Anos Incríveis (*The Wonder Years*, no original) mostrava a infância da geração pós-Segunda Guerra nos termos mais nostálgicos, enquanto Kevin Arnold (Fred Savage) crescia nos subúrbios da década de 1960 e aprendia sobre a vida com a vizinha, Winnie Cooper (Danica McKellar).

64 | Chappelle's Show
2003-2006

Dave Chappelle era um gênio louco e elétrico que desafiava qualquer tentativa de alguém prever seu próximo movimento. O programa abalou a cultura pop, seja com Chappelle imortalizando as lembranças de Charlie Murphy sobre Rick James e Prince, seja fazendo o único negro supremacista branco cego do mundo

65 | Happy Days 1974-1984

A obra-prima do maestro das sitcoms, Garry Marshall, foi este sucesso dos anos 1970 ambientado na década de 1950, com Henry Winkler como Fonzie, o bonitão de jaqueta de couro que dominava a lanchonete de Arnold com seus amigos nerds Richie, Potsie e Ralph Malph. É fácil esquecer que The Fonz tinha um lado sombrio e introspectivo – evidente no surpreendentemente árido episódio em que ele estrela uma produção de *Hamlet*.

66 | Downton Abbey
2011-2016

Bem-vindo ao interior inglês aristocrata por volta de 1912, quando a família Crawley, criada pelo roteirista Julian Fellowes, enfrenta o declínio e a queda do império britânico, de elites fornicadoras a esquemas dos serventes no andar de baixo. A dama Maggie Smith rouba a cena como a deliciosamente malvada condessa viuva, rainha do menosprezo, que finge melhor do que ninguém que o mundo não está mudando.

67 | Um Estranho Casal
1970-1975

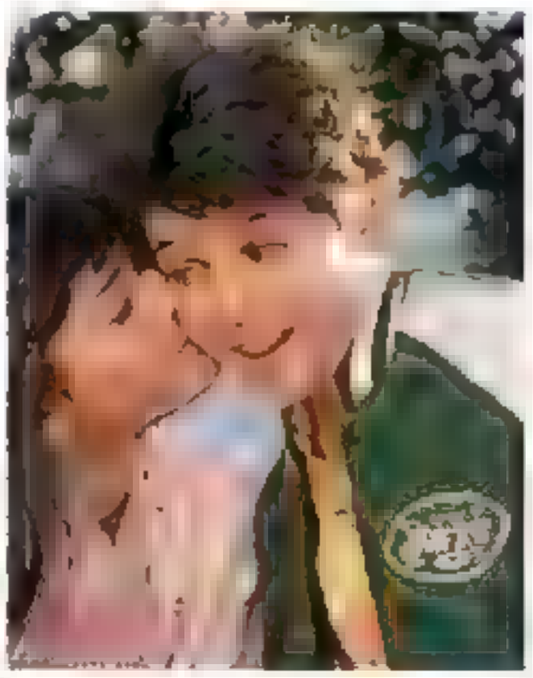
Tony Randall era Felix, o neurótico maníaco por organização; Jack Klugman era Oscar, o bagunceiro jornalista esportivo fumante de charutos. Expulsos de casa pelas esposas, eles dividiam um apartamento, descontando toda a raiva de homem de meia-idade um no outro. Embora baseada na peça de Neil Simon (*The Odd Couple*, e no filme homônimo de 1968), funcionou ainda melhor no formato de sitcom, graças à química negativa de Randall e Klugman.

68 | The State 1993-1995

A comédia da MTV era um sopro de arrogância juvenil no início dos anos 1990, com 11 universitários sabichões enlouquecidos em esquetes maníacos sobre tortura de macacos, comer Muppets e o carteiro que só entrega tacos.

69 | The Ed Sullivan Show
1948-1971

The Ed Sullivan Show era transmitido ao vivo nas noites de domingo como o grande festival de variedades do show business dos Estados Unidos, comandado por um apresentador que não parecia ter menos de 1 século ou 2 de idade. Sullivan deu aos Beatles a grande estreia deles na TV norte-americana, quebrando recordes de audiência em 1964 quando 73 milhões de pessoas assistiram

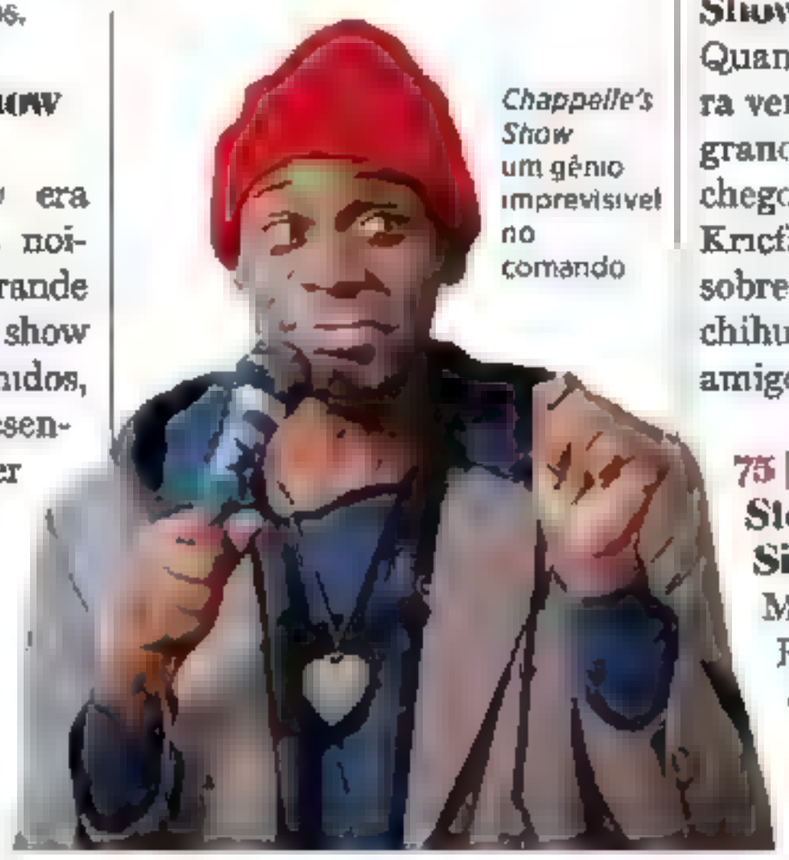


Winnie e Kevin Arnold em *Anos Incríveis*

aos quatro rapazes cantando "She Loves You" e outros hits. Também foi ele quem censurou Elvis da cintura para baixo em 1957 e mandou que os Stones mudassem o verso "Let's spend the night together" para "Let's spend some time together" em 1967, o que pode ajudar a explicar por que finalmente saiu do ar em 1971.

70 | Roseanne 1988-1997

As luzes se apagam. A família Conner teve a eletricidade cortada porque não conseguiu pagar a conta. Na escuridão, a voz de Roseanne: "Bom, a classe média foi divertida". *Roseanne* chegou como um sopro de aspereza da classe operária do meio-oeste que fez todas as outras sitcoms dos anos 1980 parecerem fofas e desprezíveis demais. Ela era a matriarca nada santa dessa batalhadora família interiorana.



Chappelle's Show um gênio imprevisível no comando

71 | Mr. Show 1995-1998

Que carreiras totalmente bizarras Bob Odenkirk e David Cross tiveram – e como é estranho nós os termos conhecido como a dupla por trás deste programa maluco de esquetes, sempre errático, mas frequentemente impressionante, com futuras estrelas como Sarah Silverman no elenco.

72 | Girls Desde 2012

Lena Dunham aspirava ser a voz de sua geração com esta série sobre um quarteto de jovens de língua ferina que enfrentam fracassos aos seus 20 e poucos anos, falhando em relacionamentos, reabilitação, carreiras, estudos e basicamente tudo que tentam.

73 | Transparent
Desde 2014

O drama criado por Jill Soloway era diferente de tudo que já se tinha visto – e continua assim, com Jeffrey Tambor como o patriarca que vira matriarca de uma família amargamente dividida, fazendo com coragem a transição de Mort para Maura. *Transparent* aborda todo tipo de questão emocional – quem pode se esquecer do episódio em que Maura canta "Somebody That I Used to Know" (Gotye) para as cadeiras vazias que tinha reservado para os filhos?

74 | The Ren & Stimpy Show 1991-1995

Quando todos esperavam para ver de onde viria a próxima grande comédia em animação, chegou este desenho de John Kricfalusi para a Nickelodeon sobre esta dupla adorável – um chihuahua acelerado e seu leal amigo gato.

75 | American Crime Story: O Povo vs. O.J. Simpson 2016

Mesmo após tudo que o Ryan Murphy já alcançou, ele provou ainda estar em alta com sua minissérie de dez episódios sobre o caso de O.J. Simpson.

COMEDY CENTRAL (CHAPELLE). REPRODUÇÃO

76 | Late Night with Conan O'Brien

1993-2009

Quando Conan, um zé-ninguém de cabelo ruivo, foi escolhido como o sucessor de David Letterman, todos presumiram que seu talk show afundaria ainda mais rápido do que o do Chevy Chase. Mas ao longo dos anos ninguém conseguiu chegar perto de seu tirocínio cômico. Até hoje, Conan continua a presentear o mundo com o personagem Triumph the Insult Comic Dog, o que por si só é suficiente para torná-lo uma lenda.

77 | The Walking Dead

Desde 2010

Baseado na série em quadrinhos cult de Robert Kirkman, este é o apocalipse zumbi para dar fim a todos os outros. *The Walking Dead*, da AMC, é um sucesso monstruoso em todos os sentidos do termo. Com um grupo de pessoas que batalha para sobreviver aos ataques dos mortos-vivos, a série exibe algumas das cenas de violência mais visceralmente repugnantes da telinha.

78 | Thirtysomething

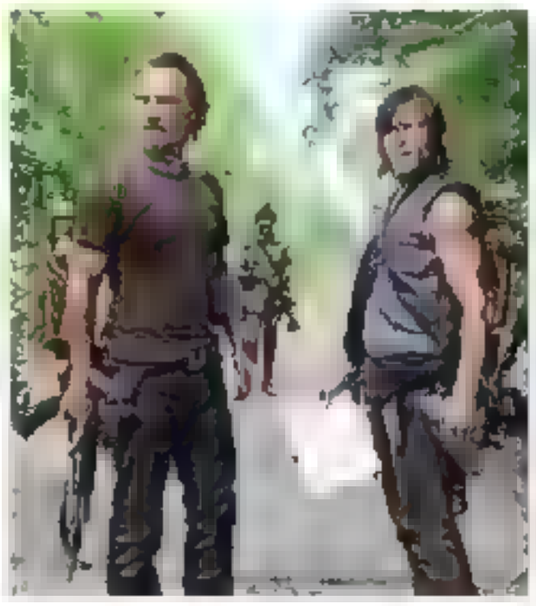
1987-1991

O máximo em dramas-sobre-yuppies-apaixonados lida com executivos de marketing e suas esposas passando por tópicos como casamento, filhos, trabalho e o mercado imobiliário. Os suburbanos de colarinho-branco de *Thirtysomething* subiram a escada corporativa tentando conciliar suas vidas em casa com o trabalho.

79 | In Living Color

1990-1994

Keenan Ivory Wayans estourou com este sucesso que trouxe a sensibilidade do hip-hop para o mundo da comédia de esquetes. *In Living Color* tinha o palhaço Homey ("Não Faz isso, Homey"), A Família Mais Trabalhadora da Índia Ocidental ("Eu tenho 15 empregos!", "Seu preguiçoso!") e um branquelo engraçado até então conhecido como James Carrey.



Sanguinolência: Andrew Lincoln e Norman Reedus em *The Walking Dead*

80 | O Fugitivo

1963-1967

O Dr. Richard Kimble foi erroneamente condenado por assassinar sua esposa, mas após fugir da prisão saiu à caça do verdadeiro criminoso. O episódio final foi um sucesso de audiência histórico: os Estados Unidos em massa pararam para assistir Kimble capturando o homem de um braço só.

81 | Dallas

1978-1991

Sue Ellen Ewing: "Me diga, J.R., com qual vagabunda você vai passar a noite hoje?" J.R.: "Seja lá quem ela for, com certeza será mais interessante do que a vagabunda para quem estou olhando agora". Realmente, o casamento dos sonhos. Este sucesso sobre sexo e dinheiro retratou os espetacularmente maquiavélicos Ewings em seu império petrolífero no Texas. Liderado por J.R. (interpretado por Larry Hagman), *Dallas* inventou os tropos das novelas de horário nobre usados até hoje em sagas familiares, desde *Família Soprano* até *Empire*.

Larry Hagman como J.R. Ewing (*Dallas*)

82 | The Jeffersons

1975-1985

Sherman Hemsley e Isabel Sanford eram os clientes mais descolados do bairro; um casal impiedosamente sarcástico que, no entanto, combinava perfeitamente. George e Weezy se mudaram para uma cobertura de luxo, mas nunca perderam a malandragem das ruas. Os Jeffersons nasceram como os vizinhos dos Bunkers de *Tudo em Família*, mas ficaram dez vezes mais engraçados por conta própria.

83 | House of Cards

Desde 2013

O suspense policial da Netflix explica a existência deste novo conceito de "fazer maratona de série" – graças à atuação magnificamente pegajosa de Kevin Spacey como Frank Underwood, o político sanguinário de Washington, D.C., cujos solilóquios são tão cativantes que é impossível assistir a um episódio só.

84 | Real Time with Bill Maher

Desde 2003

Durante os últimos 20 anos Bill Maher tem se mantido a mente política mais ácida do meio, conseguindo irritar novos inimigos com todas as trocas de poder ao fazer ataques à religião ("Nova regra: se as igrejas não precisam pagar impostos, então também não podem chamar os bombeiros"), aos gastos militares ("Desperdiçamos cerca de 20% do nosso orçamento brigando com a Rússia de 1978") e a qualquer outra espécie de hipocrisia babaca.

85 | The Real World

Desde 1992

Este programa da MTV liberou para o mundo o vírus da reality TV que logo contaminou todas as transmissões. *The Real World* foi extremamente influente desde sua estreia em 1992, ao agrupar estranhos em um apartamento para brigar, chorar e entrar nos cobertores com a promessa de que "é isso que acontece quando as pessoas deixam de ser educadas e começam a mandar a real" (em 1992, não ser educado significava não atender a uma ligação no telefone fixo – como os tempos mudaram!).

86 | Good Times

1974-1979

As crianças da família Evans cresceram na periferia de Chicago tentando sobreviver, e fazendo estardalhaço quando conseguiam, assim se mantendo uma das famílias mais empáticas da televisão. Vinda do mesmo boom da década de 1970 que nos trouxe comédias com temática black como *Sanford & Son* e *What's Happening*, *Good Times* tinha Jimmie "J.J." Walker, a sofredora mamãe Esther Rolle ("Droga, droga, droga!") e o irmãozinho ativista Michael, com certeza a primeira criança da TV a ser suspensa da escola por chamar George Washington de escravocrata.

87 | Doctor Who

Desde 1963

Um conto de ficção científica que continua a prosperar ao longo dos anos. O Doutor ainda viaja pelo espaço-tempo em sua TARDIS, mesmo meio século após a estreia da série na BBC. Como o próprio Senhor do Tempo, o universo de *Doctor Who* tem o poder de se regenerar continuamente, desta vez com Peter Capaldi fazendo o papel do 12º Doutor.

88 | Party Down

2009-2010

Os incríveis Adam Scott e Lizzy Caplan lideram uma equipe de catering – leia-se: aspirantes a atores – que serve aperitivos e se desespera em convenções de atores pornográficos e reuniões de colégio, entre outros desastres. Esta obra-prima nunca ganhou a atenção que merecia, mas o episódio no qual trabalham no aniversário de 50 anos de Steve Guttenberg é tão bom quanto qualquer outra meia hora de comédia na TV.

89 | Homeland

Desde 2011

Claire Danes voltou às telas em grande estilo 15 anos depois de *Minha Vida de Cão* como uma agente da CIA neste drama sobre terrorismo do canal Showtime. Com saltos malucos na história (ela transa com o terrorista

©AMC NETWORKS/THE WALKING DEAD/REPRODUÇÃO

Riot girrls: Abbi e Ilana inventaram um novo estilo de comédia em *Broad City*

que matou o vice-presidente e é promovida!), muitos surtos de choro e a presença calmante da barba de Mandy Patinkin, *Homeland* se tornou um sucesso improvável.

90 | Dick Van Dyke
1961-1966

Dick Van Dyke e Mary Tyler Moore foram a resposta da TV para JFK e Jackie – o deus da comédia Carl Reiner enxertou suas próprias experiências nesse olhar sobre a vida de um escritor de TV. A maneira como Dick continuava a tropeçar no mesmo móvel foi uma metáfora conveniente para a vida doméstica em si.

91 | Broad City
Desde 2014

Abbi Jacobson e Ilana Glazer inventaram um novo gênero de comédia que certamente veremos bastante nos próximos anos: meninas chapadas e preguiçosas que saem para curtir a vida. Essas duas nunca aprendem, crescem ou chegam a lugar algum; só querem saber uma da outra e de aproveitar o que vem pela frente. Quando Abbi liga para Ilana no meio de uma transa para perguntar sobre penetração anal, a dança da vitória de Ilana (com direito a plantar uma bananeira) é uma das melhores e mais sucintas expressões de euforia que você já viu.

Claire Danes levou o terrorismo para o horário nobre novamente em *Homeland*

LINDA KALLERUS/COMEDY CENTRAL (BROAD CITY); IAN WHITE/CONTOUR (KEY & PEELE); REPRODUÇÃO

92 | American Idol
2001-2016

A mais espalhafatosa das competições musicais deu ao mundo esquisitoes memoráveis, como Simon Cowell, o juiz hostil que só usa camisetas de gola V, e Paula Abdul, a juíza semicoerente que amava a todos e acreditava nos sonhos mais fora de tom. O programa nunca se recuperou da perda dos juízes originais em 2009 – quando ficou ruim, ficou muito ruim –, mas revelou astros como Kelly Clarkson, Adam Lambert e William Hung.

93 | Mystery Science Theater 3000
1988-1999

Um faxineiro e seu amigo robô sentam no escuro e criticam alguns dos piores filmes B já feitos, desde *Rocket Attack U.S.A.* até *A Deusa das Selvas*. A premissa parece simples, mas Joel Hodgson a transformou em uma das mais duradouras comédias cult da nossa era.

94 | Jeopardy!
1963-1975; desde 1984

O mais longo, engenhoso e jogável game show de todos os tempos? O que é *Jeopardy!*, Alex? *Jeopardy!* é o sobrevivente mais resistente dos game shows antigos (apesar de muitos ainda terem uma quedinha pelo *Match Game* da era do Charles Nelson Reilly, e pelo *Hollywood Squares*, do tempo do Paul Lynde), apresentado pelo elegante – e agora sem bigode – Alex Trebek.

95 | Key & Peele
2012-2015

Jordan Peele e Keegan-Michael-Key não são apenas comediantes talentosos: são trapaceiros culturais penetrando tabus como estereótipos raciais, políticas de gênero, comida, trabalho e a eroticidade de uns tapinhas na bunda. Mas a arma mais fatal deles é a maneira hilariante como atingem as neuroses masculinas. E o Intérprete de Raiva do Obama talvez seja uma das coisas das que mais sentiremos falta com a saída do presidente norte-americano.

96 | Gunsmoke
1955-1975

O gênero western sustentava a televisão durante a primeira metade do século, com muitas sagas duradouras, desde os Cartwrights de *Bonanza* até os Barkleys de *The Big Valley*. Este faroeste durou mais tempo do que qualquer outro drama anterior a *Lei & Ordem*. Foram 20 temporadas com James Arness no papel do Delegado Matt Dillon.

97 | Portlandia
Desde 2011

Portlandia com certeza chegou arrasando: a música "The Dream of the Nineties Is Alive in Portland" ("O sonho dos anos 1990 está vivo em Portland") foi o satírico sucesso que fisgou todos os boêmios de plantão ("Portland é para onde os jovens vão para se aposentar!"). Mas quem adivinharia que a dupla genial composta por Fred Armisen, veterano do *Saturday Night Live*, e Carrie Brownstein, guitarrista do Sleater-Kinney, conseguiria levar *Portlandia* tão longe? Tirar sarro das aspirações hipsters do mundo moderno dá combustível cômico de sobra a esses dois, estejam eles falando sobre fetiche por picles, cadarços artesanais ou sobre o culto à couve.

98 | Supergatas
1985-1992

Na série (*The Golden Girls*, no original), quatro senhoras espevitadas dividem um apartamento em Miami, onde seduzem os cavalheiros locais e dividem cheesecakes na varanda. Cada uma trazia algo de especial: Bea Arthur como a cínica Dorothy, Betty White como a doce porém burrinha Rose, Rue McClanahan como a sedutora Blanche e Estelle Getty como o anjo da vingança Sophia Petrillo, que resumiu tudo muito bem: "Vadias se recuperam mais rápido".

99 | Oz
1997-2003

O drama carcerário da HBO foi uma exposição atroz sobre a vida na penitenciária de segurança máxima Oswald State Penitentiary: os esfaqueamentos, o abuso sexual, a guerra racial. Brutalmente franca em sua violência, *Oz* foi chocante demais para sua época – e se mantém chocante mesmo anos depois.

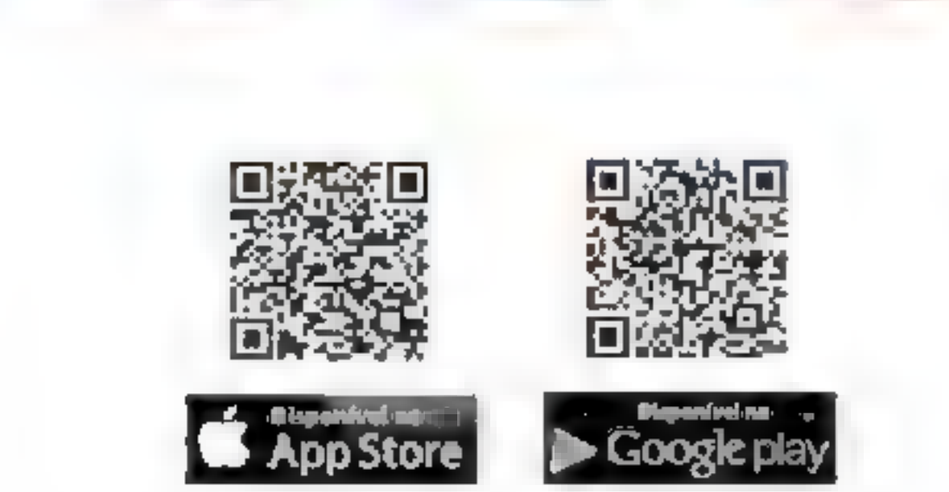
100 | Eastbound and Down
2009-2013

Danny McBride criou um herói norte-americano na forma de um eterno vagabundo por meio dos esforços fracassados do personagem Kenny Powers, um jogador de beisebol acabado que se esforça para alcançar a redenção. ●

Intérpretes de Raiva do Obama, *Key & Peele* nos contaram tudo o que o presidente norte-americano Barack Obama não podia dizer em voz alta

WINNERS

Prime Leaders Magazine



App Store

Google play

www.thewinners.com.br

facebook.com/GlobalGCSM

youtube.com/tvgcsm

POR TAMARA EMY

BOAS DOSES

ESCOLAS ENSINAM A DEGUSTAR, MESCLAR OU FAZER SUAS PRÓPRIAS BEBIDAS

Já quem entre no universo das bebidas artesanais, da coquetelaria e da harmonização com alimentos apenas como um hobby, mas o mercado vem crescendo tanto que muita gente enxerga aí uma oportunidade de negócio. Se você quer começar a aprender sobre o assunto, há diversos cursos pelo Brasil, desde os mais básicos, para leigos, até opções para aqueles que procuram uma nova área profissional.

SHAKE RJ COQUETELARIA

Walter Garin, especialista em drinques com base de cachaças especiais, é o professor de todos os cursos da Shake RJ, voltados para quem busca treinamento profissional. Ele também é o fundador da escola, a única no país a seguir o sistema de graduação internacional da World Flair Association, comunidade global dedicada à coquetelaria (Garin é embaixador da WFA no Brasil). O local apresenta desde técnicas simples até as mais complexas, como a mixologia molecular, que desconstrói o drinque tradicional em novas texturas, formas e sabores a partir de processos químicos e físicos.

BARTENDER NÍVEL 1

É um curso introdutório, com técnicas básicas para o trabalho com coquetelaria e atendimento.
CARGA HORÁRIA: 14 horas, distribuídas em 3 aulas
VALOR: R$ 750

FLAIRBARTRAINING

O flair bartender trabalha com truques e pequenos malabarismos com garrafas e copos.
CARGA HORÁRIA: 6 aulas com 3 horas de duração cada uma
VALOR: R$ 800

MIXOLOGIA MOLECULAR

Técnicas da gastronomia molecular aplicadas ao universo das bebidas. Espumas e gelificação são alguns dos métodos apresentados.
CARGA HORÁRIA: 8 horas
VALOR: R$ 1.000

R. Senador Dantas, 117
Sala 1728 – Centro
Rio de Janeiro, RJ

WWW.SHAKERJ.COM

PEDRO HANES/DIVULGAÇÃO

SINNATRAH CERVEJARIA ESCOLA

A cervejaria, escola e loja de utensílios para produção nasceu do fascínio dos amigos e biólogos Rodrigo Louro e Alexandre Sigolo pela bebida. Com exceção do curso avançado de produção caseira de cerveja artesanal, realizado em dois dias, a carga horária costuma ser curta, entre 2 e 7 horas. As aulas são divertidas e objetivas, com todo o material incluso no pacote. Além dos cursos ao lado, a casa também oferece os módulos intermediário e o já citado avançado de produção de cerveja, um workshop de utilização de software cervejeiro, que calcula e ajusta a eficiência da etapa da brassagem, e a loja com todo o equipamento necessário.

CURSO BÁSICO DE PRODUÇÃO CASEIRA DE CERVEJA ARTESANAL

Teoria e prática se misturam durante toda a aula. Os alunos são apresentados a estilos, história e matérias-primas de diferentes cervejas, além de ajudarem no preparo de 20 litros da bebida
CARGA HORÁRIA: 7 horas
VALOR: R$ 350

DEGUSTAÇÃO E HARMONIZAÇÃO DE CERVEJAS ARTESANAIS

O programa inclui ensaios com alimentos, exercícios de estímulo do olfato, degustação guiada de cinco rótulos e teste cego de cervejas comuns.
CARGA HORÁRIA: 3 horas
VALOR: R$ 150

Av. Pompeia, 2.401 – Pompeia
São Paulo, SP
WWW.SINNATRAH.COM.BR

ESCOLA DO VINHO

A paixão da família Miolo pelo vinho veio da Itália, com a chegada de Giuseppe Miolo a Bento Gonçalves (Rio Grande do Sul) em 1897. O fundador da empresa – que começou apenas produzindo uvas e hoje é líder no mercado nacional de vinhos finos – vivia na comuna italiana de Piombino Dese, destino conhecido por turistas apaixonados pela bebida. Com as economias que trouxe da Europa, Giuseppe adquiriu um pedaço de terra na região gaúcha do Vale dos Vinhedos, embrião para a vinícola que existe hoje no local, onde são ministrados os cursos.

RS 444, km 21 – Bento Gonçalves, RS
TEL. (54) 2102-1500

PROGRAMA VINEMAKER

É ideal para quem deseja aprender a fabricar o próprio vinho. Os alunos se envolvem de maneira aprofundada em todo o processo de produção da bebida, acompanhando a sazonalidade das uvas em quatro encontros presenciais no intervalo de um ano e meio. Estão inclusos no pacote hospedagens, traslado de Porto Alegre, alimentação e dez caixas do seu próprio vinho.
VALOR R$ 12 000

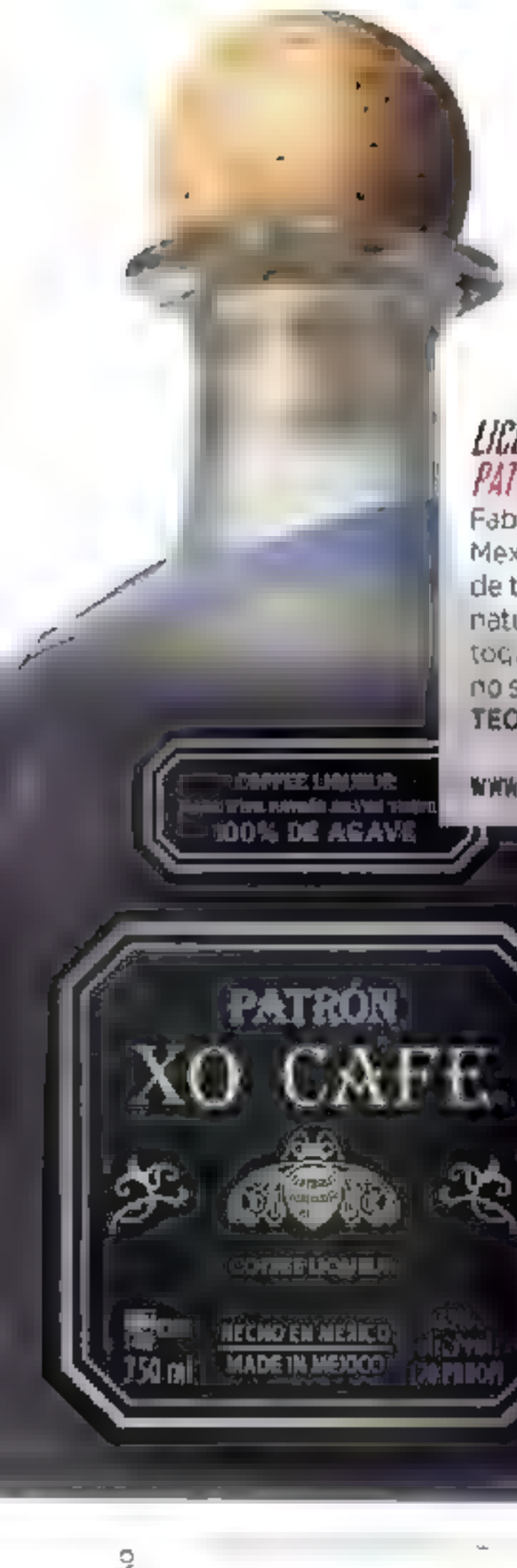
MINICURSO DE DEGUSTAÇÃO

Inclui visita acompanhada por um enólogo, degustação dirigida de vinhos e espumantes e noções de harmonização e análise sensorial. Estão inclusos uma taça de cristal e um manual com dicas sobre tipos de uvas.
CARGA HORÁRIA: 2 horas
VALOR R$ 90

DIVULGAÇÃO

REABASTECENDO O BAR

REPONHA O ESTOQUE GASTO NO FIM DE ANO DE MANEIRA CONSCIENTE: MENOS VOLUME E MAIS QUALIDADE, SEM EXAGEROS



LICOR *PATRÓN XO CAFE* 750 ml

Fabricada em Jalisco, México, é uma mistura de tequila com essência natural de café e leve toque de chocolate ao no sabor

TEOR ALCOÓLICO: 35%

WWW.IMIGRANTESBEBIDAS.COM.BR

CHAMPANHE *VEUVE CLICQUOT – LINHA ARROW* 750 ml

A coleção traz embalagens de metal estruturadas lembram uma placa de trânsito. São 29 opções de destinos

TEOR ALCÓOLICO: 12%

R$ 440

WWW.EMPORIOSANTAMARIA.COM.BR

VODCA *BELVEDERE (RED)*

700 ml

A edição limitada arrecada fundos para a ONG RED, que financia programas de combate ao HIV na África. Participam da empreitada o músico John Legend, novo embaixador da marca, e a artista plástica africana Esther Mahlangu, que criou a arte do rótulo.

TEOR ALCOÓLICO: 40%

R$ 149,99

WWW.SUBMARINO.COM.BR

KIT VINHO DO PORTO *TAYLOR'S SELECT RESERVE*

750 ml

A embalagem acompanha duas taças de cristal. Para harmonizar, queijos, sobremesas com chocolate e frutas secas são bem-vindos

TEOR ALCOÓLICO: 20%

WWW.QUALIMPOR.COM.BR

UÍSQUE SINGLE MALT *GLENFIDDICH PROJECT XX* 700 ml

Cada um dos 20 embaixadores da marca escolheu aleatoriamente um barril de uísque dos armazéns em Dufftown, Escócia, para produzir essa linha. O resultado é uma bebida com sabor mais adocicado e toques de amêndoas, canela, vinho do porto e alcaçuz

TEOR ALCOÓLICO: 40%

£ 50

HTTPS://SHOP.GLENFIDDICH.COM/EXPERIMENTAL-SERIES/PROJECT-XX

SAQUÊ *FUJINOBIN*

360 ml

A garrafa deste saquê premium do tipo junmai (100% fermentado a partir do arroz sem adição de álcool destilado) homenageia o Monte Fuji na embalagem e no conteúdo: em sua produção é utilizada água de degelo do cartão-postal nipônico.

TEOR ALCOÓLICO: 15,5%

R$ 436,32

WWW.E-SAKE.COM.BR

CERVEJA *JÚPITER TALISMÃ SEBASTIANA* 500 ml

Um barril da marca de cachaças Sebastiana usado para maturar o destilado por 18 meses recebeu dez tipos de lúpulo, dando origem a este rótulo colaborativo que tem edição limitada

TEOR ALCOÓLICO: 9%

R$ 30,90

WWW.EEJBEER.COM.BR

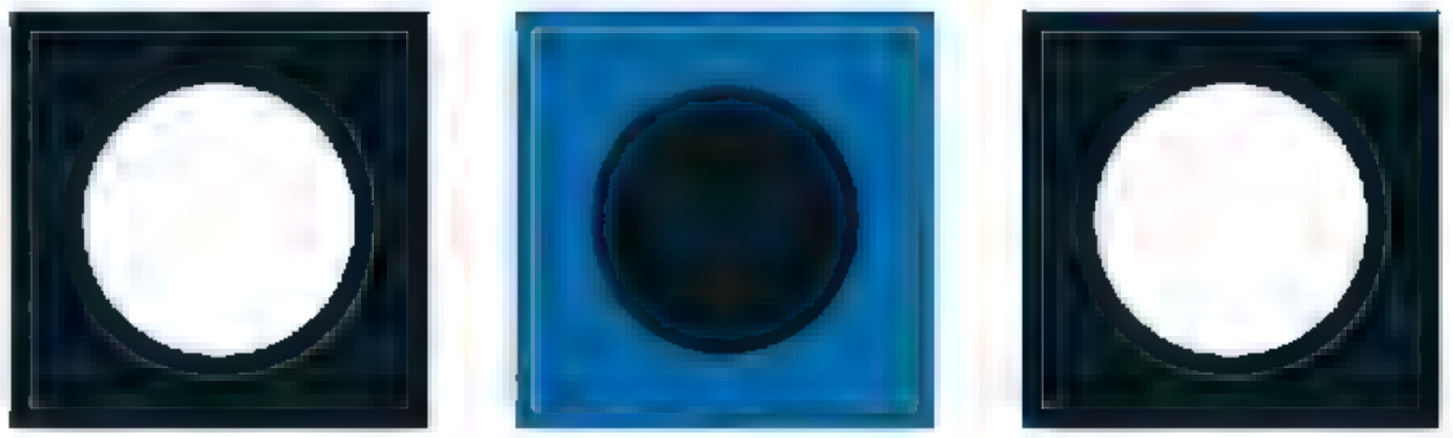
TODOS OS PREÇOS SALVO SUJEITOS PELOS FABRICANTES E ESTÃO SUJEITOS A ALTERAÇÃO

PORTFÓLIO

IMERSÃO NO JAZZ

Conhecido pelo trabalho junto a ícones do rock, o fotógrafo Jim Marshall também se notabilizou por sua faceta jazzística, menos alardeada, mas igualmente intensa

POR PAULO CAVALCANTI



PRODUÇÃO EDITORIAL TAMARA EMY

Close do Mito

As mãos de Miles Davis trabalhando. Jim Marshall fotografou o trompetista diversas vezes. Este registro foi feito em 1963, durante apresentação no Monterey Jazz Festival.

JIM MARSHALL

O FOTÓGRAFO JAMES JOSEPH MARSHALL (1936 2010), mais conhecido como Jim Marshall, esteve presente em diversos momentos que marcaram a história da música. Uma lenda, ele registrou de forma definitiva alguns dos maiores nomes do rock: imortalizou Jimi Hendrix colocando fogo na guitarra no Monterey Pop Festival (1967), fotografou o derradeiro show dos Beatles, no ano de 1966, no Candlestick Park, em São Francisco, e também foi o principal fotógrafo no Festival de Woodstock (1969). A famosa imagem de Johnny Cash desafiadoramente mostrando o dedo do meio para a câmera na prisão de San Quentin, em 1969, antes da emblemática performance dele no local, também é de autoria de Marshall.

Combativo e profissional ao extremo, Jim Marshall era considerado o mais roqueiro dos fotógrafos. Ele buscava acesso total quando recebia a missão de retratar algum músico ou celebridade. No entanto, apesar de sua história com o rock, uma das grandes paixões dele era o jazz. Marshall também trabalhou nos maiores festivais do gênero na época, como os que aconteciam nas cidades norte-americanas de Newport (Rhode Island) e Monterey (Califórnia). Parte do precioso material colhido nesses eventos, entre os anos de 1960 e 1966, está compilada em *Jazz Festival*. O livro

Junto aos Ícones

1. As atuações da cantora e pianista Nina Simone eram repletas de intensidade e emoção. Ela é vista aqui no palco do Newport Jazz Festival em 1963; 2. O trompetista Dizzy Gillespie foi um dos criadores do bebop no começo dos anos 1950 e se manteve popular por décadas. Aqui, ele aparece nos bastidores do Monterey Jazz Festival, em 1963

Olhar Diversificado

3. O bluesman Muddy Waters é visto em uma performance memorável no Monterey Jazz Festival em 1966; 4. Um clique de Marshall mostrando a plateia integrada durante a edição de 1960 do Monterey Jazz Festival; 5. O trompetista Miles Davis, um dos artistas favoritos de Marshall, aparece também no Monterey Jazz Festival, mas na edição realizada no ano de 1967

não mostra apenas imagens icônicas de gigantes do jazz dentro e fora do palco mas também recorda uma época em que os Estados Unidos clamavam por integração racial e justiça social.

É necessário lembrar que o rock, apesar de naqueles tempos já ser a música mais popular e de maior vendagem nos Estados Unidos, ainda não estava na vanguarda das mudanças sociais. Naquele tempo de luta pelos direitos civis dos afro-americanos, intelectuais, ativistas e liberais se concentravam junto às comunidades da música folk e do jazz. Nos festivais de jazz que ocorreram durante e posteriormente à era de prosperidade econômica instaurada pelo presidente John F. Kennedy, beatniks, estudantes, amantes da música e celebridades, brancos e negros, conviviam pacificamente, o que era carregado de simbolismo. Marshall clicou as plateias racialmente integradas.

Como os ventos da cultura mudaram em 1966, o fotógrafo passou a concentrar seu tempo e energia no mundo do rock. Mas morreu como um autêntico devoto do jazz. As fotos que fez de ícones como Miles Davis, Dave Brubeck e John Coltrane seguem como ponto de referência.

Registro Íntimo

Jim Marshall trabalhou com o saxofonista John Coltrane várias vezes. Esta imagem foi captada em 1963 no estúdio do recém-falecido engenheiro de som Rudy Van Gelder, em Nova York. Naquele momento, o músico ouvia "Nancy (With the Laughing Face)"

COMO NENHUM OUTRO

Com prefácio de Bill Clinton, livro mostra acesso profundo de Jim Marshall à cena

Além das fotos de Jim Marshall, *Jazz Festival* (Reel Art Press, sem edição brasileira) traz textos e ensaios elaborados por críticos e estudiosos, contextualizando as imagens do fotógrafo dentro do panorama musical e social do período. O prefácio da obra ficou a cargo de Bill Clinton. Segundo o ex-presidente norte-americano, que é saxofonista amador, "as fotografias de Marshall exalam autenticidade e oferecem uma visão sem filtros do mundo do jazz" **R.C.**

CONEXÃO BRASILIS

O CANAL DA PROPINA

Depois de diversos atrasos e acumulando uma década de obras, a transposição do rio São Francisco se afoga em denúncias de corrupção e irregularidades trabalhistas. Enquanto isso, a seca chega à periferia de grandes cidades do Nordeste

Por André Passos

EM ANDAMENTO
Trecho de obra de um dos canais da transposição em Pernambuco

Vista do alto, a transposição do rio São Francisco pinta a monótona Caatinga seca com cores extraordinárias. O cinza se mescla ao verde que destaca a paisagem. Quase uma década depois do início das obras, o líquido de um dos cursos d'água mais importantes do país começa a seguir por uma complexa rede de canais que se conectam a aquedutos, túneis, açudes, estações elevatórias e adutoras sertão afora. Em tempos de estiagem impiedosa, com a seca mais longa da história (em dezembro de 2016, eram quase 140 açudes completamente vazios), a obra é apresentada à população brasileira como a solução para as comunidades humanas e animais que vivem alí.

No entanto, o que seria a melhor alternativa a curto prazo se transformou em uma extensa rede de corrupção. Considerada o maior empreendimento de infraestrutura em andamento no Brasil, a transposição do rio São Francisco – ou Projeto de Integração do Rio São Francisco com Bacias Hidrográficas do Nordeste Setentrional (Pisf) – foi iniciada na gestão do ex-presidente Lula em 2007, mas a ideia remonta ao Brasil Império (1822-1889), sonhada por dom Pedro II. A história registra que, em 1847, o engenheiro cearense Marcos de Macêdo apresentou ao imperador um esboço do projeto para transposição do São Francisco como solução para resolver a seca na região.

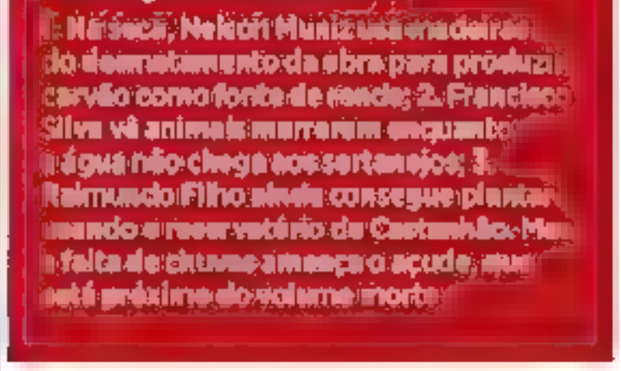
O projeto atual engloba a construção de mais de 700 quilômetros de canais, além da recuperação de 23 açudes que devem receber as águas do Velho Chico. O objetivo central é assegurar a oferta de água, até 2025, a cerca de 12 milhões de habitantes da zona rural e de pequenas, médias e grandes cidades. Na área ambiental estão previstas obras de saneamento básico em 102 municípios, controles de processos erosivos e desertificação, melhoria da navegabilidade e recuperação de matas ciliares, entre outras. Tudo muito bem explicado no papel.

Na prática, no entanto, o empreendimento se arrasta em meio a atrasos e problemas financeiros – foi inicialmente orçado em pouco mais de R$ 4 bilhões, mas está perto de consumir cerca de R$ 8,2 bilhões sem perspectiva real de finalização para os próximos meses, como a reportagem da *Rolling Stone Brasil* constatou em uma série de viagens à região entre 2015 e outubro de 2016. Para piorar, em dezembro passado o Ministério Público do Trabalho (MPT) pediu a suspensão imediata das obras da transposição em função da descoberta de irregularidades trabalhistas, principalmente nas obras do Túnel Monteiro, incluindo grave risco de acidentes de trabalho no local.

Mesmo assim e fazendo vista grossa para a realidade – 820 das 1.050 cidades da região dependem hoje de caminhões-pipa para o abastecimento da população –, o governo federal divulga agora que o Eixo Leste da transposição ficará pronto nos primeiros meses de 2017. Em visita recente ao estado de Pernambuco, o presidente, Michel Temer, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), disse que "em fevereiro, no máximo em março, vamos inaugurar a primeira etapa dessa obra". Uma afirmação que chega a ser utópica para quem conhece a realidade do empreendimento.

As promessas vêm de longe. Voltando no tempo: em 2009, o ex-presidente Lula, renascido das cinzas do esquema de corrupção do Mensalão, anunciou que a inauguração da obra ocorreria em poucos anos. Em um discurso inflamado no interior do Rio Grande do Norte, o líder petista fez referência a uma passagem bíblica dizendo que somente uma inundação mudaria seu cronograma. "Eu estou percebendo que a obra vai ser inaugurada definitivamente em 2012, a não ser que aconteça um dilúvio ou qualquer coisa", profetizou.

"OS FUNCIONÁRIOS NÃO DEIXAM A GENTE NEM CHEGAR PERTO DO CANAL, IMAGINE PEGAR ÁGUA", DIZ UM SERTANEJO. "ENQUANTO ISSO, MINHAS CABRAS MORREM DE SEDE BEM AO LADO DA OBRA"



O mito do dilúvio é uma narrativa em que uma inundação, geralmente enviada por uma ou várias divindades, destrói a civilização. Lula só não imaginaria que uma grande enxurrada iria abalar a República controlada pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Ela não veio em forma de ondas, maremotos ou tsunamis, mas sim a partir de investigações e denúncias de uma força-tarefa formada por policiais, procuradores e juízes federais. Os estragos foram devastadores e abalaram profundamente diversos políticos brasileiros, entre eles o atual presidente e alguns dos seus principais ministros.

A PRIMEIRA DENÚNCIA DE CORrupção envolvendo a transposição do rio São Francisco aconteceu ainda quando o Exército era o responsável pelos trabalhos na Caatinga. Na época, em 2011, o batalhão de engenharia responsável foi acusado de roubo de materiais de construção, favorecimento de empresas e direcionamento de licitações. O caso foi revelado pelo jornal *Correio Braziliense* e, com o escândalo envolvendo as forças armadas na mídia, as grandes empreiteiras aproveitaram para ganhar terreno e assumir pouco a pouco os serviços no interior nordestino, acreditando na impunidade.

Somente em meados de 2015 é que uma reviravolta mudaria os rumos da obra. Delegados e agentes da Polícia Federal foram a campo para deflagrar uma operação derivada da Lava Jato e focada especificamente em desvios na transposição do São Francisco. Denominada de Vidas Secas – Sinhá Vitória

(uma alusão à falta de água no sertão e em referência à personagem do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos), a operação resultou em mandados de prisão para empresários, funcionários e doleiros – alguns dos quais, não tão surpreendentemente assim, já haviam sido detidos em fases da Lava Jato.

Os desvios, ainda sob investigação, foram realizados pelo consórcio formado pelas empresas OAS, Galvão Engenharia, Barbosa Melo e Coesa, responsáveis por dois dos 14 lotes do megaempreendimento. O grupo, do qual quatro empreiteiras já eram investigadas na Lava Jato, é suspeito de superfaturamento e de usar empresas de fachada dos doleiros Alberto Youssef e Adir Assad, condenados por envolvimento no esquema de corrupção da operação envolvendo a Petrobras.

Apesar de conectada à operação liderada pelo juiz Sérgio Moro, do Paraná, a nova investigação está sendo realizada pela Polícia Federal no Recife (PE), independentemente de Curitiba. No entanto, ao perceber que os alvos eram os mesmos da Lava Jato, os investigadores e os procuradores federais compartilharam informações com a força-tarefa paranaense. Na época foram cumpridos 32 mandados, sendo 24 de busca e apreensão, quatro de condução coercitiva e quatro de prisão. Foram detidos Elmar Juan Passos, presidente da OAS, Alfredo Moreira Filho, ligado às empreiteiras Coesa e Barbosa Mello, e Mário de Queiroz Galvão e Raimundo Maurílio de Freitas, da Galvão Engenharia.

Mas as restrições de liberdade não duraram muito. Três dias depois de recolhidos à carceragem da PF, os executivos ganharam liberdade por determinação do juiz Felipe Mota Pimentel de Oliveira, da 38ª vara da Justiça Federal em Pernambuco. Eles foram detidos no dia 11 de dezembro de 2015 e soltos no dia 14 do mesmo mês. A decisão, no entanto, só foi divulgada no dia 21 seguinte. No despacho o juiz entendeu que a prisão dos executivos não se justificava, já que as operações de busca e apreensão tinham sido executadas com sucesso.

Em 2016, as obras da transposição voltaram ao cenário policial. Uma espécie de segunda fase da Vidas Secas, a operação Turbulência teve como foco um desvio de R$ 18,8 milhões de uma terraplanagem. O pagamento foi feito à OAS e o proprietário da empresa receptora, Paulo Cesar de Barros Morato, foi encontrado morto no quarto de um motel em Recife, alguns dias depois da operação. A causa da morte foi envenenamento e a polícia trabalhava com a hipótese de suicídio.

QUANDO A TRANSPOSIÇÃO FOI anunciada, no primeiro governo Lula, os movimentos sociais foram contra a obra. Já havia a proposta do Atlas do Nordeste, elaborado pela Agência Nacional de Águas (ANA), para fazer múltiplas intervenções, de porte médio, por tubulação, abastecendo praticamente todas as cidades do Nordeste. A corrente contra a transposição, que tem no padre dom Frei Luis Flávio Cappio sua figura mais representativa, afirma que a obra é nada mais que uma "transamazônica hídrica", e que além de excessivamente cara não será capaz de suprir a necessidade da população local, uma vez que o problema não seria a falta do produto, mas a má administração dos recursos existentes.

O Nordeste é uma das regiões com maior número de reservatórios artificiais do mundo, com 70 mil açudes que podem armazenar 37 bilhões de m³ de água, suficientes para abastecer grande parte dos municípios do semiárido caso diversas obras de distribuição programadas antes da transposição tivessem sido realizadas.

Para a população contrária à transposição, a melhor forma de amenizar a seca seria a reforma dos açudes e a construção de poços para captação de água no lençol freático, além de reservatórios para a coleta da chuva. Francisco Silva, de 52 anos, mãos e pés ra-

TRANSPOSIÇÕES PLANETA AFORA

Em outros países, há casos bem-sucedidos de projetos como o que está sendo colocado em prática no São Francisco

As principais civilizações da Antiguidade surgiram próximas a bacias hidrográficas e souberam adequar seus assentamentos de inundações ou de escassez de água construindo represas e aquedutos. No Brasil algumas regiões metropolitanas têm acesso à água por meio de transposições de rios, caso das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda assim, entre 2014 e 2015 a capital paulista sofreu a maior crise hídrica de sua história. Geralmente obras de transposição são caras, polêmicas ambientalmente contestáveis, estruturalmente complexas e demoradas. Foi o caso de uma iniciativa recente, o desvio do mais longo da Ásia, o Yangtse com 6 300 quilômetros, chegou a Pequim, Tianjin e a outras cidades do norte da China em 2014, depois de 12 anos de iniciada a obra. Idealizado em 1952 pelo então líder chinês Mao Tse Tung, o projeto passou por dificuldades técnicas que atrasaram sua aprovação em quase meio século. Estados Unidos e Israel também realizaram obras de transposição. Na Califórnia, desde 1930, intervenções dessa natureza vêm sendo realizadas. As principais obras ocorreram entre os rios São Joaquim, Sacramento e Colorado, abrangendo um vasto programa que envolve irrigação, abastecimento de cidades, hidrelétricas e turismo. AP

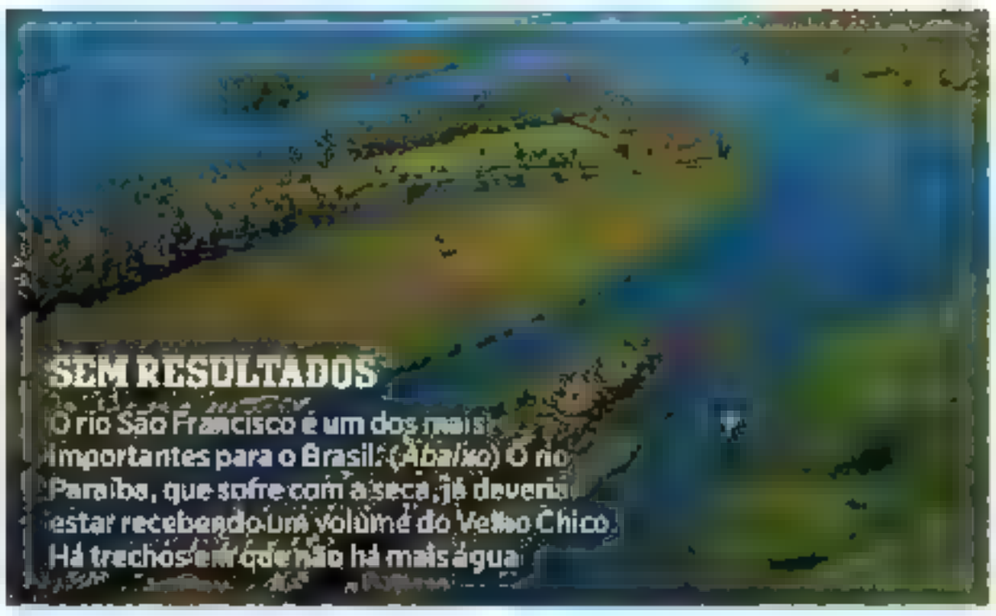
chados por causa da pesada lida diária na Caatinga, desabafa, relatando que até agora a água não chegou. "Os funcionários não deixam a gente nem chegar perto do canal, imagine pegar água", diz. "Enquanto isso, minhas cabras morrem de sede aqui, bem ao lado da obra."

O projeto da transposição do rio São Francisco é um tema polêmico, pois engloba a tentativa de solucionar um problema que há muito afeta as populações do semiárido. Trata-se de um projeto delicado do ponto de vista ambiental, pois está afetando um rio extremamente importante, tanto pela sua extensão e biodiversidade quanto pela sua utilização para produção de alimentos, transporte e abastecimento de centenas de municípios ao longo de seu curso.

Para o engenheiro agrônomo João Suassuna, especialista em recursos hídricos da Fundação Joaquim Nabuco, o problema não é a falta de água. "O que não existe é o gerenciamento dos recursos e o estabelecimento de critérios para seu uso", garante Antônio Carlos de Moraes, geógrafo da Universidade de São Paulo (USP), defende maior participação das comunidades. "Há muito tempo não há no Brasil uma obra dessa magnitude. Ela tem um potencial muito grande de transformação, por isso deveria ser mais discutida com a sociedade."

A obra prevê a conclusão de dois canais: o Eixo Norte, que levará água para o interior de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, e o Eixo Leste, que beneficiará parte do sertão e regiões do agreste de Pernambuco e da Paraíba. O Eixo Norte, a partir da captação no rio São Francisco, próximo à cidade de Cabrobó (PE), percorrerá cerca de 400 quilômetros cruzando serras através de túneis e conduzindo água aos rios Salgado e Jaguaribe, no Ceará, Apodi, no Rio Grande do Norte, e Piranhas-Açu, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. O Eixo Leste, que terá sua captação no lago de barragem de Itaparica, no município de Floresta (PE), se desenvolverá por um canal de 220 quilômetros, passando também dentro de um túnel até o rio Paraíba (PB), após deixar parte da vazão transferida nas bacias dos rios Pajeú e Moxotó, no agreste pernambucano.

Apesar das incontáveis críticas, há quem acredite no projeto. Segundo Antônio Evaldo Klar, engenheiro agrônomo da Universidade Estadual Paulista, coordenador do curso de pós-graduação de irrigação e drenagem da Faculdade de Agronomia de Botucatu e especialista em estudos sobre o tema, não existe outra solução para o Nordeste fora da transposição das águas do São Francisco. "Qualquer outro projeto será apenas paliativo", afirma. Ele compara o semiárido nordestino a regiões igualmente secas, como Califórnia, nos Estados Unidos, ou Israel, onde a escassez de água foi superada com a transposição de rios



ESPECIALISTA DIZ QUE O PROBLEMA NÃO É A FALTA DE ÁGUA: "O QUE NÃO EXISTE É O GERENCIAMENTO DOS RECURSOS E O ESTABELECIMENTO DE CRITÉRIOS PARA SEU USO"

A engenharia dos eixos de integração consiste em canais de terra com 25 metros de largura e 5 metros de profundidade, com revestimento composto de uma membrana plastica impermeável e recobertos por concreto. Nas regiões de travessia de riachos e rios foram construídos aquedutos. Para ultrapassar regiões de maior altitude, estão sendo construídos túneis. Nove estações de bombeamento para elevar a água estão em obras ou já foram construídas: três no Eixo Norte, para vencer altitudes de 165 metros, e seis no Eixo Leste, onde as águas serão elevadas à altitude de 304 metros.

Vivendo em uma pequena propriedade no Ceará, onde planta cebola, feijão e milho, Raimundo Filho, de 45 anos, espera dias melhores com as águas da transposição, ainda que não tenha esperança de que isso ocorra logo. Por enquanto, ele irriga sua plantação com a água que restou de um gigantesco reservatório conhecido como Castanhão e que, entre outras funções, abastece a capital cearense, Fortaleza. "Como não têm caído chuvas aqui desde 2013, o açude vai secar logo, logo, e aí a situação ficará complicada. O povo diz que nem tão cedo podemos esperar essa água, pois a prefeitura precisa fazer uma tal de adutora [*rede de distribuição*]", diz desanimado, para em seguida arrematar: "E, se depender dos políticos daqui, o senhor já sabe, né?"

Em vários trechos da transposição as obras caminham a passos lentos ou foram completamente paralisadas após as investigações da Polícia Federal terem ganhado proporções nacionais. Em setembro de 2016, a Mendes Júnior declarou oficialmente sua decisão de deixar as obras de construção do Eixo Norte, afirmando que não tinha condições financeiras e técnicas para cumprir os compromissos. A construtora mineira era responsável por um trecho de 140 quilômetros de extensão entre Cabrobó (PE) e o reservatório de Jati, no Ceará, incluindo três elevatórias.

Ficou claro que ela se viu em maus lençóis com o desenrolar das investigações. Além dos problemas com a obra, a construtora está envolvida nos processos que apuram o esquema de corrupção na Petrobras. Alguns meses antes, já havia anunciado a possibilidade de abandonar o projeto, por perda de capacidade financeira. A rescisão contratual com a Mendes Júnior foi assinada em outubro de 2016, mas antes de abandonar definitivamente o canteiro de obras o grupo paralisou uma série de trechos sob sua responsabilidade e fez a demissão de centenas de trabalhadores, gerando uma crise em cidades como Salgueiro (PE), que viviam o boom da obra. Rodovias foram interditadas

VÍCIO NA TERRA
Túnel Cuncas I, entre o Ceará e a Paraíba. No geral, as obras da transposição estão prestes a completar 10 anos, sem resultados práticos

por protestos dos trabalhadores com salários atrasados e vários comércios fecharam.

Imbróglios como esse demonstram que a transposição ainda está longe de ser concluída. Conforme o cronograma original, a obra está com um atraso superior a cinco anos; agora, há a necessidade de uma nova licitação, portanto deve atrasar, na melhor das hipóteses, em pelo menos mais um ano. O modelo do novo contrato foi definido em parceria com o Tribunal de Contas da União (TCU) e as propostas estão previstas para serem abertas na primeira quinzena de janeiro. Assim, a contratação das obras só deverá ocorrer em fevereiro de 2017

Porém, o Ministério da Integração Nacional vem divulgando que 90% da obra está finalizada e promete a entrega do Eixo Leste, que cruza Pernambuco até a Paraíba, para os primeiros meses deste ano. Na direção contrária, nossa reportagem constatou in loco que ainda falta muito para a conclusão do empreendimento. Basta percorrer os dois eixos da obra para verificar que sem as adutoras locais, de responsabilidade dos governos estaduais e municipais, as águas ficarão, no máximo, concentradas nos grandes reservatórios.

No Eixo Leste, em um sítio próximo à nascente do rio Paraíba, Nelson Muniz vive ao lado de um forno de carvão – fonte de renda quando a seca impede a produção da roça ou a criação de animais. Ele vende o saco de carvão a R$ 9 (de dez a 15 sacos por mês). Parte do carvão provém das montanhas de lenha que resultaram do desmatamento para abertura dos canais da transposição e que estão apodrecendo ao longo da obra. No terreno, restou apenas o forno. Muniz foi indenizado em R$ 37 mil pela casa que precisou ser derrubada para a passagem da água. Para evitar que toda a madeira desmatada nos trechos da transposição fosse desperdiçada, a ideia do governo federal seria doá-la ao programa Fome Zero, atual Bolsa Família, o que nunca ocorreu.

Antes de deixar o governo, a ex-presidente Dilma disse que para cada real investido nesses grandes canais serão necessários pelo menos R$ 2 para fazer as obras de distribuição para os municípios. Portanto, se os canais estão na ordem de R$ 8,2 bi-

RECONSTRUÇÃO FALHA

Programas de manutenção da flora e da fauna no entorno das obras têm importância, mas apresentam problemas

Destaque positivo da transposição do rio São Francisco, os 38 programas ambientais estabelecidos pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) fazem a diferença em várias áreas do Nordeste. Apesar de apresentarem problemas, muitos deles acabam ampliando o conhecimento científico em um pedaço do Brasil até então relegado a segundo plano. Pela primeira vez, um empreendimento desse porte decidiu estudar o desequilíbrio regional envolvendo instituições de pesquisa do interior, em especial a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), para coordenar ações ambientais, pesquisas científicas e programas sociais.

O Centro de Conservação e Manejo de Fauna da Caatinga (Cemafauna), por exemplo, criado e construído dentro do campus de Ciências Agrárias da Univasf, faz o monitoramento de fauna e manejo, toda a parte dos cuidados em cativeiro necessários aos animais silvestres capturados nas áreas do empreendimento. Nos mesmos moldes foi criado o Núcleo de Ecologia e Monitoramento Ambiental (Nema), responsável pela área botânica. O Nema tem como um dos seus objetivos realizar a recomposição florestal dos trechos afetados pelo desmatamento da obra, criando um viveiro de referência da Caatinga. Infelizmente, a recomposição da área ainda não está sendo feita de maneira efetiva.

Já o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Arqueologia, Paleontologia e Ambiente do Semiárido do Nordeste do Brasil (Inapas), ligado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e com uma das suas bases na pequena cidade de São Raimundo Nonato, no Piauí, em parceria com a Fundação Museu do Homem Americano, ficou responsável pelo resgate arqueológico e paleontológico das áreas da transposição. O órgão atua ainda numa rede de conhecimento entre as instituições brasileiras e estrangeiras que realizam pesquisas na região Nordeste.

Há, no entanto, pontos preocupantes. O Centro de Referência para Recuperação de Áreas Degradadas (Crad), de Petrolina (PE), ligado à Univasf e liderado pelo professor José Alves de Siqueira Filho, ganhador do prêmio Jabuti de literatura com a obra *A Flora das Caatingas do Rio São Francisco*, passa por uma grave crise. Mantido com recursos do Ministério do Meio Ambiente, o órgão acaba de demitir quase todos os seus funcionários por falta de verba. A maior coleção de plantas da Caatinga mantida em um herbário em Petrolina e que é referência internacional corre sérios riscos por falta de manutenção. A. P.

Laboratório da Fundação Museu do Homem Americano

lhões, será preciso mais R$ 16 bilhões para que a água de fato chegue à população. As contradições que cercam o empreendimento também estão nos discursos do ex-presidente Lula No dia 15 de setembro de 2006, no interior do Rio Grande do Norte, Lula afirmou: "Fernando Bezerra ficou três anos como ministro da Integração tentando trazer a transposição das águas do rio São Francisco e eu já estou há quatro anos. Já foi feito o projeto, dezenas de audiências públicas, mas sempre tem uma parcela muito pequena de uma elite que se acha dona do rio São Francisco e não quer que a gente traga um pouco de água". No mesmo dia, em outra cidade, afirmou: "Não é possivel fazer transposição de água que não existe".

Em 2012, em visita ao canteiro de obras no interior de Pernambuco e constrangida por não poder fazer a inauguração confor me havia sido prometida por Lula, a ex presidente Dilma se pronunciou novamente. "Nós temos uma clara perspectiva de fazer com que essa obra entre em regime de cruzeiro. Nós vamos cobrar metas, resultados, resultados concretos", afirmou. Já em 2014, durante a campanha pela reeleição e novamente sem a possibilidade de inaugurar a obra, ela reconheceu: "Eu acho que houve uma subestimação da obra. Não acredito que uma obra dessas em outro lugar do mundo leve dois anos para ser feita".

O MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL VEM DIVULGANDO QUE 90% DA OBRA ESTÁ FINALIZADA. NO ENTANTO, NOSSA REPORTAGEM CONSTATOU QUE AINDA FALTA MUITO PARA A CONCLUSÃO DO EMPREENDIMENTO

O TCU já apontou diversas falhas na execução do projeto de transposição, entre elas irregularidades e negligências no Programa de Revitalização da Bacia Hidrográfica do São Francisco. Os técnicos do órgão perceberam, por exemplo, que a vazão do rio e de seus afluentes pode estar sendo reduzida por causa da erosão de suas margens. O Programa de Revitalização faz parte da transposição e tem como meta realizar ações voltadas para a sustentabilidade socioambiental

Segundo o TCU, ainda não foi possível avaliar a efetividade das ações voltadas à recuperação e ao controle de processos de erosão no rio estabelecidos no programa. "O Ministério do Meio Ambiente precisa apresentar um conjunto de ações para que o problema da erosão da bacia não se transforme em uma verdadeira agressão ao meio ambiente e à população local", alertou o ministro Augusto Nardes, acrescentando que o não cumprimento das determinações do TCU pode acarretar multas.

O programa de Revitalização do São Francisco tem projetos que visam garantir alternativas econômicas, principalmente para os ribeirinhos. Um deles, o que oferece sementes e mudas de árvores frutíferas, tinha soluções pontuais, assim como os mecanismos propostos para incentivar os moradores locais a recuperar e preservar as margens do rio, suas nascentes e encostas. Até agora nenhum hectare de Caatinga foi recomposto. Recursos sob responsabilidade do Ministério do Meio Ambiente e que seriam destinados à manutenção dos Centros de Referência para Recuperação de Áreas Degradadas (Crad's) foram reduzidos, apesar de o governo divulgar a prioridade do projeto. Os orçamentos foram contingenciados em 50% e, em alguns casos, como o Crad com base em Petrolina (PE), praticamente zerados.

Chamado carinhosamente de Velho Chico e conhecido como o rio da integração nacional, o rio São Francisco é um dos mais importantes do Brasil. Nasce em Minas Gerais e passa pelos estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe até desaguar no Oceano Atlântico, percorrendo aproximadamente 2.830 quilômetros. Sua bacia forma uma região bastante complexa, tanto sob o ponto de vista ambiental, caracterizado por uma imensa variedade climática, com secas e enchentes periódicas, como pela grande variedade de ecossistemas naturais e desconhecida biodiversidade, sendo habitat de várias espécies ameaçadas de extinção.

Nos âmbitos social, econômico e político a área de influência do rio é marcada por graves problemas de pobreza, desnutrição, doenças e má distribuição de renda. Levantamentos atualizados apontam que cerca de 15 milhões de habitantes residem na área de influência do rio, com alta taxa de migração e êxodo rural. Sozinho, o Velho Chico representa 70% de toda a oferta regional do produto

Atualmente, o rio está com apenas 700 m³/s de vazão. Para a vitalidade ecológica, a vazão deveria ser de 1.200 m³/s. Não se sabe ao certo quanta água o rio terá até que as obras sejam concluídas e ela possa finalmente chegar aos sertanejos. "Será que eu ainda vou ver essa obra funcionando?", indaga o pernambucano Luiz da Mata, de 57 anos, iluminado pelo vermelho pôr-do-sol na Caatinga.

Considerada a mais importante obra dos governos petistas, a transposição se transformou em um escândalo político, mas pior que isso: deixa o sertanejo desesperado, passando sede, com animais morrendo, plantações que não vingam, pobreza se alastrando e um rastro de prejuízos ambientais sem proporção. O iminente colapso no abastecimento de cidades imensas como Campina Grande, na Paraíba, com mais de 400 mil habitantes, é assustador.

Para os habitantes desse município, todas as esperanças estavam depositadas nas águas do São Francisco que cortariam o agreste pernambucano até chegar à pequena e seca Monteiro, na Paraíba. Dali as águas entrariam na calha do rio até chegar ao açude Epitácio Pessoa, mais conhecido como Boqueirão, responsável pelo abastecimento de Campina Grande e de dezenas de outras cidades paraibanas.

No entanto, os canais da transposição ainda não conseguiram se conectar ao rio e, para piorar, as chuvas não vieram, deixando a situação preocupante. A cidade, que enfrenta rodízios cada vez mais frequentes e tem alguns bairros atendidos por carros-pipa, pode sofrer um desabastecimento se não chover a tempo de melhorar o nível de seu principal reservatório. Segundo a Agência Executiva de Gestão das Águas do Estado da Paraíba (Aesa), até o fechamento desta edição o açude do Boqueirão estava com pouco mais de 5% de sua capacidade, muito próximo de deixar o estágio considerado de observação (abaixo de 20% do volume total) para o de situação crítica (menor que 5% do volume total).

Outro exemplo do dramático quadro tem um carimbo oficial. Mesmo indo contra um parecer do IBAMA, a Agência Nacional de Águas (ANA) autorizou a Companhia Hidreletrica do São Francisco (Chesf), subsidiária da Eletrobrás, a reduzir a vazão da Usina Hidrelétrica de Sobradinho de 800 para 700 m³/s até o dia 31 de janeiro de 2017. Se essa medida drástica não fosse tomada, o reservatório chegaria ao final de 2016 com apenas 2,4% de sua capacidade. É o pior cenário em 85 anos.

Na conclusão desta reportagem, o local contava com menos de 12% de sua capacidade total. Caso as chuvas não amenizem a situação, até mesmo a geração de energia pode ser comprometida. Sobradinho é a principal usina produtora de energia elétrica da bacia do rio São Francisco. Segundo João Henrique Franklin, diretor de operações da Chesf, que administra o sistema, o problema ocorre por causa da falta de chuvas nos últimos dez meses. "Essa é a grande caixa-d'água do Nordeste", ele resume, detalhando a importância do reservatório.

Sobradinho, que ao nascer deu vida à profecia feita por Antônio Conselheiro afirmando que "O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão", é o reservatório responsável por liberar as águas que vão percorrer as artérias da transposição. Sem água, os canais de concreto da obra podem ser danificados em pouco tempo, reduzindo todo o investimento feito até hoje a nada. Mas, como escreveu Euclides da Cunha no clássico *Os Sertões*, "o sertanejo é, antes de tudo, um forte". As obras da transposição seguem envoltas em uma nuvem de desvios de verba e atrasos, porém os nordestinos ainda podem contar com a chuva. Se ela vier.

RETRATOS DA SECA

1. Sertanejos buscam água próximo a obras; 2. A cidade de Salgueiro, que viveu o boom do projeto, sofreu com a paralisação de parte das atividades, desemprego e protestos; 3. Um jabuti no contraste do solo erodido nas imediações da transposição, na zona rural de Custódia (PE)

COM UMA GUITARRA DE VERDADE, FAZ MUITO MAIS SENTIDO.

INSTITUTO Rolling Stone BRASIL

ROCK, ATITUDE & SOLIDARIEDADE

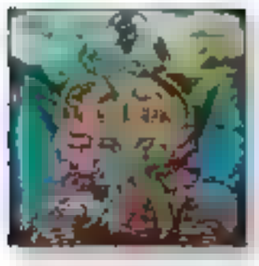
SE VOCÊ NÃO USA MAIS A SUA GUITARRA, FAÇA UM GRANDE GESTO E DOE PARA O INSTITUTO ROLLING STONE

O Instituto Rolling Stone leva cultura musical a crianças e jovens carentes, dando a eles a oportunidade de estudar um instrumento musical e conhecer mais sobre o mundo do rock. **Para fazer sua doação, acesse: www.institutorollingstone.org.br**

Guia

LIVROS | HQs ... Pág. 78
FILMES ... Pág. 80
BLU-RAY | DVDs ... Pág. 81
HOTLIST ... Pág. 81

Conectado aos dramas dos novos tempos, grupo veterano ostenta peso sem medo de arriscar



★★★½ Sepultura

Machine Messiah

Nuclear Blast/Sony

POR PABLO MIYAZAWA

CHAMAR DE "ECLÉTICA" UMA banda com 30 anos de estrada pode ofender ou repelir fãs antigos, mas esse nunca foi o caso do Sepultura – e provavelmente jamais será. Nada mais deveria soar estranho aos seguidores de um grupo que já se arriscou em incursões ao som indígena ou que se rendeu duas vezes aos perigos do álbum conceitual. É motivo de orgulho, portanto, o fato de a qualidade do Sepultura atual só depender dos méritos de seus próprios músicos, e não de clichês do gênero, participações especiais ou trucagens de produção. No caso, isso se traduziu em ousar e testar opções dentro de seu nicho sem alienar o público fiel.

De acordo com o guitarrista, Andreas Kisser, *Machine Messiah* é sobre "a robotização da sociedade", assunto este que já havia sido resvalado no disco anterior, *The Mediator Between Head and Hands Must Be the Heart* (2013). Questionando a onipresença da tecnologia de maneira direta ("Cyber Gods" e na faixa-título) e indireta ("Phantom Self"), as novas canções soam modernas, agressivas e vão direto ao ponto, como a urgência do tema exige. *Machine Messiah* tem produção da própria banda e

ILUSTRAÇÃO: CRISTHIAN HERMAN (RUFUS)

do sueco Jens Bogren. Mas há mais texturas para se prestar atenção: violinos, metais, percussões brasileiras e solos melódicos dobrados, além de incursões progressivas, como na instrumental "Iceberg Dances", com fraseados de violão clássico, sintetizador Moog e órgão Hammond à la Deep Purple.

Dizer que os irmãos Cavalera não fazem falta aqui já é desnecessário. Há tempos o Sepultura descobriu um estilo próprio que independe de Max e Iggor, fazendo uso eficiente da voz de musculatura punk de Derrick Green e, mais recentemente, da vitalidade virtuosa do baterista, Eloy Casagrande. Andreas, por sua vez, exibe disposição e criatividade renovadas nos muitos riffs acumulados em quatro anos sem disco de inéditas. E, segundo a tradição "sepulturiana", o álbum traz bônus que reinterpretam faixas distantes do cancioneiro metaleiro – "The Robots", do Kraftwerk, e o tema do seriado japonês *Ultraseven* –, que geram estranheza, mas provam que a banda nem sempre se leva a sério. Ainda bem.

Variedade é a palavra-chave para se compreender *Machine Messiah*. Nenhum momento é rápido ou lento em excesso, e a coesão é evidente mesmo diante de tantas experimentações. Até quando atira para outros lados o Sepultura acerta em algum alvo, resultando em um dos trabalhos mais diversificados e interessantes de uma discografia de 14 álbuns. Que os próximos hiatos sejam tão bem aproveitados.

Toque de Classe

Influente maestro volta ao disco com música requintada

★★★★ **Arthur Verocai** *No Voo do Urubu* Selo Sesc

ARTHUR VEROCAI É UM ARQUITETO PACIENTE e meticuloso. Parte da sua cautela contumaz se reflete nos intervalos entre cada um dos seus discos – trinta e cinco anos separam o lançamento da lendária (e injustiçada) estreia homônima e o segundo trabalho dele, *Encore* (2007). Dando continuidade à enxuta porém fértil discografia, o maestro carioca quebra o jejum de nove anos com *No Voo do Urubu*, terceiro LP da carreira. O álbum revisita o traçado fino de ourives com que foi concebido o debute autointitulado. Isso se nota na destreza dos arranjos orquestrais do compositor, que se entrelaçam magistralmente com as letras das canções. Quanto às palavras, Verocai e seus colaboradores – gente do calibre de Seu Jorge, Mano Brown e Criolo – divagam ao longo das dez faixas sobre temas universais, como o amor ("Oh! Juliana", com Danilo Caymmi), a dor da perda ("Cigana", com Brown) e a inexorável passagem do tempo ("O Tempo e o Vento", na voz do próprio Verocai). *No Voo do Urubu* é um álbum de muita verve. É corajoso, já que a música erudita cumprimenta a popular e vice-versa: um trabalho que constrói um cartão-postal sinestésico da pluralidade cultural brasileira. GABRIEL NUNES

Rael ★★★

Coisas do Meu Imaginário

Laboratório Fantasma

Rapper teve ajuda de Daniel Ganjaman para diversificar o som

LOGO NA PRIMEIRA FAIXA DE *Coisas do Meu Imaginário*, "Do Jeito", Rael sintetiza uma série de reflexões desesperançadas sobre a sociedade atual. O disco traz o rapper buscando uma paz idílica no mundo moderno – no qual se vê como exceção –, falando de intolerância religiosa, MCs "modinha" e paqueras virtuais. A produção de Daniel Ganjaman acrescenta diversidade – caso da balada "Descomunal" – e aprofunda a abordagem melódica e pop de Rael, passeando por reggae, afrobeat e MPB. "Minha Lei" exalta o orgulho hip-hop e funciona como sequência de "O Hip-Hop É Foda" (2013). LUCAS BRÊDA

Félix Robatto ★★★

Belemgue Bunger Independente

Músico do Pará elabora canções para dançar e saudar o estado natal

GUITARRISTA, CANTOR E PRODUTOR com extensa folha corrida na cena paraense (foi da banda La Pupuña, tocou com Gaby Amarantos), Félix entrega um segundo álbum solo confortável. Vai por lambadas e incursões caribenhas de própria autoria e ainda homenageia Pinduca, "o rei do carimbó", regravando sua gema de 1974, "Vamos Farrear". Também arrisca cantar um brega supostamente romântico, mas que se revela uma ode ao néctar do verão. "Te amo, eu sou seu abrigo/ Morena, ruiva, loira, cevada ou trigo", diz a letra de "Quando Te Vejo (Brega da Cerveja)". JOSÉ FLÁVIO JUNIOR

OUÇA

Karin Martins investe em trabalho autoral com toques de MPB e pop

■ A cantora, compositora e violonista **Karin Martins** acabou de lançar o álbum ***Quem É Você*** (★★★, independente), no qual mostra seu lado autoral. Com produção de Paulo Vaz, integrante da banda Supercombo, *Quem É Você* revela uma mistura de MPB tradicional com pop, tendo um bom resultado em suas sete canções. A faixa-título é também a música de trabalho e fala sobre questionamentos pessoais e a procura de identidade. "Castelo de Cartas" foi escrita quando a artista tinha 14 anos (é assinada hoje em parceria com Graça Cunha). Outra faixa interessante é "História de Ana", inspirada pelas perambulações de Karin pela região da rua Augusta, em São Paulo. O disco tem a participação do multi-instrumentista e vocalista Leo Ramos (também do Supercombo) e do pianista Keco Brandão.

Retorno ao Ponto de Partida

Depois de incursões pelo jazz e pela world music, ex-The Police volta ao básico

★★★½ **Sting** *57th & 9th* Universal

FAZ MUITO TEMPO QUE STING não é considerado um artista voltado ao rock, o que torna *57th & 9th* tão surpreendente. É como fazer uma viagem no tempo e recordar os primórdios do The Police, quando o baixista cantava acima do som das guitarras de Andy Summers. Esse estado de espírito se encontra presente nas agitadas "I Can't Stop Thinking about You" e "Petrol Head". Em "50,000", Sting nos dá uma pista a respeito de uma urgência redescoberta: sobre os acordes sinistros tocados pelo guitarrista Dominic Miller, ele presta homenagem a Prince, relembrando os poderosos shows de estádio do artista; então, se refere à mortalidade latente quando canta "essas rugas causadas pelo estresse, esse olhar injetado de sangue". O desespero também aparece em "One Fine Day", sobre o caos das mudanças climáticas, e em "Inshallah", uma prece aos refugiados do Oriente Médio. À medida que a tracklist avança, o álbum vai se tornando mais pesado e as preocupações se aprofundam. Apesar dessa atmosfera sombria, é bom ver Sting novamente flexionando os músculos musicais. JON DOLAN

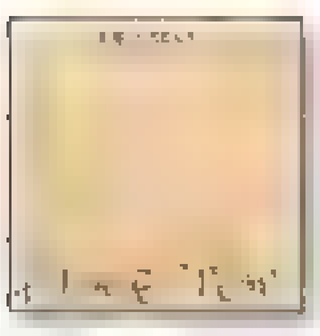
DE NOVO NO ROCK Sting abraça novamente o som das guitarras.

ESTREIA SOLO

Ex-vocalista do Madame Saatan traça novo caminho

■ Os mais de dez anos à frente da banda de metal Madame Saatan favoreceram **Sammliz** em ***Mamba*** (★★★, independente) primeiro voo solo dela. Não porque a paraense repita a sonoridade do antigo grupo – ela agora prefere um rock mais climático, até radiofônico, como em "Oya" –, mas por demonstrar ter evoluído após um tempo longe dos estúdios. Sammliz aprendeu a dosar a voz poderosa e agora explora caminhos mais sutis, sempre ajudada por um repertório autoral. Os guitarristas Leo Chermont, da banda Strobo, e João Lemos, do grupo Molho Negro, dividem a produção com ela e trazem a lembrança de Josh Homme em diversos momentos. "Aurora" e "Lupita" têm Queens of the Stone Age no DNA. JOSÉ FLÁVIO JÚNIOR

Sammliz ressurge mais sutil

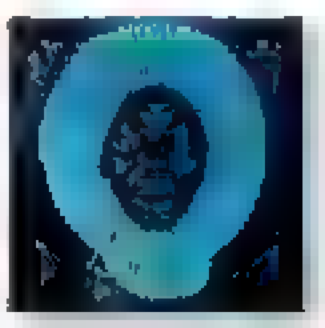


Neil Young ★★★

Peace Trail Warner

Compositor canadense antecipa tempos ruins em novo trabalho

GRAVADO EM QUATRO DIAS E lançado de surpresa, *Peace Trail* tem letras repletas de observações políticas e sociais embaladas por melodias folk que Young improvisou junto ao baterista Jim Keltner e ao baixista Paul Bushnell. Essa nova fornada de canções do canadense ataca policiais com o dedo no gatilho, a destruição ambiental e os zumbis que ficam o dia inteiro com os ouvidos e os olhos grudados no smartphone. O álbum mostra um Neil Young menor, mas mesmo assim ainda é melhor que nada, especialmente considerando os tempos distópicos que teremos de enfrentar. RICHARD GEHR



Childish Gambino

★★★½

"Awaken, My Love!" Glassnote

Ator e rapper mergulha no clima do funk retrô de forma habilidosa

NESTE TERCEIRO ÁLBUM, O ATOR Donald Glover, que na música usa o nome Childish Gambino, nos remete ao OutKast dos bons tempos, dentre outras coisas. Seria *"Awaken, My Love!"* algum tipo de discurso conceitual sobre funk antigo? Por todo o CD, existem evidências de que sim – "Baby Boy", por exemplo, parece um outtake de *There's a Riot Going On* (1971), clássico de Sly and the Family Stone. Só o tempo vai dizer se Gambino vai se reinventar como um novo D'Angelo. Enquanto isso, *"Awaken, My Love!"* nos leva a uma viagem à terra do funk. MOSI REEVES

Deadmau5 ★★★½

W:/2016ALBUM/ Sony

Produtor de pop eletrônico entrega mais um registro sólido

JOEL THOMAS ZIMMERMAN, O Deadmau5, se isolou no Canadá para elaborar este oitavo álbum. O produtor, que se esconde debaixo de uma gigantesca cabeça de rato, reuniu 11 faixas fluidas que vão mudando de estilo; algumas terminam de forma abrupta e outras se unem suavemente. É um álbum de verdade, não um simples compilado. "4Ware" abre o disco recordando as invenções do trance, estilo que dominou o começo do milênio. *W:/2016ALBUM/* funciona nas pistas de dança, no carro ou nos fones de ouvido. É o manifesto de um artista que continua a nos deixar com expectativas. ARIELLE CASTILLO

Silva ★★★½

Silva Canta Marisa Slap/Som Livre

Com estilo, capixaba reinventa canções da emblemática cantora

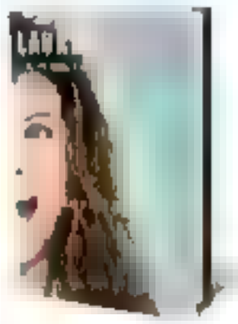
SE *JÚPITER* (2015) DENUNCIOU uma guinada de Silva rumo a um pop palatável, *Silva Canta Marisa* surge para desconstruir a ideia de que o capixaba havia perdido o fôlego inventivo. O álbum funde a introspecção inerente ao debute dele (*Claridão*, de 2012) ao lado mais R&B de Marisa Monte – como ocorre em "Tema de Amor" e "Não Vá Embora". Com 12 canções que reconstroem a rica genealogia musical da carioca, *Silva Canta Marisa* mostra que o músico segue buscando expandir suas possibilidades. GABRIEL NUNES

Sempre Com a Língua Solta

Atriz de *Gilmore Girls* conta curiosidades da série e reflete sobre bastidores de Hollywood

★★★ **Falando o Mais Rápido Que Posso** *Lauren Graham* Record

VOZ PRÓPRIA Lauren Graham: divertida como Lorelai Gilmore, mas menos maluca



COM O CONTROVERSO NOME DE "femoir", o gênero literário que traz as memórias, os pensamentos e as ideias de atrizes bem-sucedidas ganhou uma adição saborosa com o livro de Lauren Graham. A atriz, mais famosa pelo papel da "mãe cool" Lorelai Gilmore, em *Gilmore Girls*, fala sobre os bastidores da série na época em que ela estava no ar, traz curiosidades a respeito do revival do programa, que a Netflix pariu este ano (e não foi um parto fácil, conforme ela conta) e, ainda, histórias curiosas sobre Hollywood, a própria carreira e Ellen DeGeneres. Lauren escreve de forma leve, divertida e com uma voz que, quem já viu entrevistas dela sabe, é a mistura perfeita de Lauren e Lorelai. Não espere muito conteúdo, é um material para leitura dinâmica, mas ideal para levar para a praia. Ao mesmo tempo, é bom ter com você um celular com acesso à internet, já que as referências a nomes e a cultura pop que ela passou anos cuspindo na telinha a essa altura são parte indissociável do discurso da própria atriz. STELLA RODRIGUES

Sambalanço, a Bossa Que Dança – Um Mosaico ★★★½

Tárik de Souza Kuarup

Estilo musical brasileiro pouco celebrado é resgatado

ENQUANTO O Brasil vivia uma onda desenvolvimentista sob a égide do então presidente Juscelino Kubitschek, os jovens se divertiam em boates como Arpège e Drink, no Rio de Janeiro, ao som de um novo tipo de samba, mais dançante e tocado com a ajuda de teclados eletrônicos. Era o sambalanço. Apesar de ter rivalizado em popularidade com a bossa nova, esse estilo ainda não tinha sido tema de um estudo de respeito. O jornalista Tárik de Souza cobre essa lacuna. A obra traz verbetes com astros do gênero, como Ed Lincoln, Waldir Calmon e Miltinho, mas o destaque fica para as conversas com Orlandivo, João Donato, Dóris Monteiro e Eumir Deodato, entre outros artistas. GUILHERME BRYAN

A Garota com a Tribal nas Costas ★★★

Amy Schumer Intrínseca

Atriz faz texto engraçado, mas com um aspecto negativo

INTELIGENTE E divertido como a autora, este livro tem uma história para contar. Amy Schumer, uma das comediantes mais em alta dos últimos tempos, teve uma vida interessante e escreve deliciosamente sobre si mesma (o bom, o mau e o muito feio). A sensação que dá, contudo, é de que sim, gostamos do livro, mas talvez gostemos menos de Amy ao final da leitura. Essa certamente não é a intenção das palavras dela, mas ensaio atrás de ensaio de "olha como sou igual a você, só que não" pode ficar cansativo. Ainda assim, o livro é um conjunto de muitas linhas de um stand-up de primeira. S.R.

VIAGEM

Livro tem boa seleção de imagens do sul dos Estados Unidos

■ Para quem gosta de música, poucas regiões são mais fascinantes do que o sul dos Estados Unidos, o berço do jazz, do country, do blues e do rock and roll. Uma visita a cidades como Nashville, Clarksdale, Nova Orleans e Memphis é extremamente instigante para quem é apaixonado por esses gêneros. Foi o que fez o veterano jornalista e fotógrafo Sérgio Poroger. O livro *Cold Hot* (Alfaiataria, ★★★½) é o resultado das peregrinações dele por lá. Poroger percorreu cerca de 3 mil quilômetros e colheu um vasto e precioso material fotográfico. No final, ele e o curador, Eder Chiodetto, decidiram utilizar 66 fotos. Mas o fotógrafo buscou originalidade e tentou ao máximo fugir de um mero roteiro turístico. Claro, também foram feitas visitas a locais icônicos, como a Sun Records, em Memphis, mas a ideia era se afastar do óbvio. Ele focou nos aspectos sonoros da região, mas com evocativas fotos que apresentam botecos à beira da estrada, ruas com arquitetura exótica e gente desconhecida e humilde tocando ou apenas apreciando a excepcional música de raiz norte-americana. PAULO CAVALCANTI

A fachada da Sun Records, em Memphis

Poemas Completos ★★★★

Herberto Helder

Tinta da China Brasil

Obra compila produção de renomado poeta português

É CONSENSO que Herberto Helder foi o maior poeta português desde Fernando Pessoa. Justamente por isso a edição no Brasil de sua obra reunida deve ser celebrada como um acontecimento por todos aqueles que ainda se importam com o que de mais elevado se pode produzir em nosso idioma. Morto em 2015, aos 84 anos, ele nunca parou de reescrever sua obra, a que chamava de "poema contínuo". A presente edição reúne tudo, com exceção de *Poemas Canhotos*, livro póstumo. O poeta era daquela rara estirpe de escritor que retorcia a linguagem e dava musicalidade às palavras. MAURÍCIO DUARTE

América economia

Assine a AméricaEconomia.
A revista que entrega o melhor conteúdo de economia e negócios na América Latina

Informações: +55 (11) 3663.4242
assinaturas@editorai.com.br | www.editorai.com.br

Repleto de realismo e de boas atuações, drama medita sobre escolhas e fatos da vida

★★★★ Manchester à Beira-Mar *Com Casey Affleck* Dirigido por Kenneth Lonergan

LEE CHANDLER (CASEY AFFLECK) GANHA A VIDA como zelador em Quincy, Massachusetts. Irritadiço, monossilábico e impopular, leva uma existência monástica até que ocorre uma tragédia. Joe (Kyle Chandler), o irmão dele, morre devido a uma condição cardíaca e deixa para Lee a incumbência de ser tutor do filho, Patrick (Lucas Hedges), um rapaz de 16 anos hiperativo e falante. Isso é a última coisa que Lee quer no mundo. Para piorar, por causa do ocorrido, ele tem de voltar para Manchester-by-the-Sea, sua cidade natal. Lá estão os motivos de o taciturno Lee ter se tornado uma figura que não é apreciada por ninguém – nem mesmo por ele próprio. Affleck e Michelle Williams, como a ex-esposa de Lee, são fortes candidatos a indicações ao Oscar. O diretor e roteirista, Kenneth Lonergan, não usa de melodrama – nada de epifania, grandes discursos ou redenção. Mesmo com temas pesados, o longa tem um humor que aparece na hora certa. *Manchester à Beira-Mar* mostra vidas banais e rotineiras. A mensagem do filme é que, apesar de eventuais desgraças, todos acham uma forma de seguir em frente. E, nesse processo, mesmo pessoas importantes são deixadas para trás. PAULO CAVALCANTI

O Apartamento
★★★½

Com Shahab Hosseini e Taraneh Alidoosti

Dirigido por Asghar Farhadi

Drama psicológico iraniano tem como foco casal em crise

UM CASAL DE ATORES AMADORES é confrontado com um problema de segurança no apartamento em que moram. O prédio é evacuado, forçando os dois a procurarem rapidamente um outro lugar no qual viver. No meio disso, Rana, a esposa, é estuprada, o que desencadeia uma crise entre ela e o marido. Ambos são intérpretes de uma encenação de *A Morte do Caixeiro Viajante*, de Arthur Miller, e serão obrigados a reavaliar todas as suas relações. *O Apartamento* é um filme sobre o teatro e a vida – ou, talvez melhor, sobre a vida e o seu teatro. Vamos sentindo como a relação com a verdade se faz através de muitas formas de encenação. O diretor, Asghar Farhadi, tem o olhar de um psicólogo, mas também o ceticismo de um filósofo, que sabe que as nuances da realidade passam longe da simplificação. HAMILTON ROSA JUNIOR

Passageiros ★★★½

Com Chris Pratt e Jennifer Lawrence

Dirigido por Morten Tyldum

Produção começa interessante, mas tem desvio de rota no final

NO FUTURO, O MECÂNICO JIM Preston (Chris Pratt) embarca em uma luxuosa nave espacial com o objetivo de povoar um planeta distante. Com ele, estão mais 500 passageiros e a tripulação, todos em cápsulas de hibernação. A jornada levará 90 anos, mas devido a uma falha no sistema a cápsula de Preston abre logo após o embarque. Ele passa um ano sozinho na nave. Nisso, se apaixona platonicamente pela escritora Aurora Lane (Jennifer Lawrence) e a acorda. Depois de um idílio romântico, ela descobre a ação dele e tudo desanda entre os dois. Mas a nave está prestes a explodir, então eles têm que deixar as diferenças de lado. Nos dois primeiros atos, *Passageiros* é um estudo sobre solidão, ansiedade e empatia. No final, segue a rota habitual dos filmes de ação. Ainda assim, é intrigante. PC

La La Land – Cantando Estações
★★★★

Com Ryan Gosling e Emma Stone

Dirigido por Damien Chazelle

Com talento e graça, longa ressuscita o gênero musical

DESDE O PRIMEIRO ACORDE, EM um congestionamento em Los Angeles, este musical aposta no sonho como alternativa real ao cotidiano. Se em seu filme anterior, *Whiplash: Em Busca da Perfeição*, o diretor, Damien Chazelle, mostrava que o sucesso dependia de um esforço quase sobrenatural, aqui o caminho para a glória é mais alegre. Gosling é Sebastian Wilder, um pianista batalhador que pretende ter sua própria casa noturna de jazz. Emma é Mia Dolan, atriz que trabalha em uma cafeteria do estúdio Warner. Entre testes decepcionantes e noites na balada, ela se vê presa à rotina. O encontro desses dois universos ativa a ambição de cada um e projeta na tela um mundo de fantasia e encantamento. ANDRÉ RODRIGUES

Tramas Infindáveis

NA NEVE
Jon Snow (Kit Harington) retorna à ação

Caixa reúne episódios e minúcias da surpreendente sexta temporada da série épica

★★★★ Game of Thrones – A Sexta Temporada Warner

AS CINCO PRIMEIRAS TEMPORADAS de *Game of Thrones* apresentavam tantas linhas de história e núcleos conflitantes que chegavam a dispersar a coesão da série. Mas nesta sexta temporada a guerra entre os cinco reinos gradativamente foi fechando o cerco. No primeiro e no segundo episódio, há o ressurgimento de Jon Snow (Kit Harington), algo que não parecia mais possível até então. No quarto episódio, entra em cena uma trupe teatral que reconta de forma sarcástica e inteligente a trajetória dos reinos. E há ainda as viagens de Bran Stark (Isaac Hempstead Wright) ao passado, revelando segredos familiares surpreendentes e a terrível sina que Hodor (Kristian Nairn) carregou por toda uma vida. Por fim, quando todos esperavam o clímax convergindo para o encontro de Snow e Ramsay Bolton (Iwan Rheon) bradando suas espadas à frente de uma montanha de corpos, os roteiristas nos deixaram na ponta da cadeira no último episódio, quando presenciamos a habilidade de Cersei Lannister (Lena Headey) orquestrando a tomada de Porto Real e os desdobramentos trágicos de tal medida. A vantagem desta caixa em Blu-ray é que podemos retomar o que já foi visto, mas explorando diversas peculiaridades, graças aos extras incluídos. HAMILTON ROSA JUNIOR

Ultramen ★★★

Máquina do Tempo

Hearts Bleed Blue

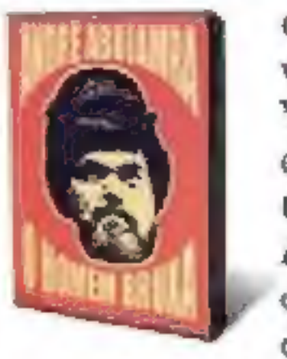
Banda gaúcha ressurge em registro feito há quase uma década

EM 2008, o Ultramen se despediu dos palcos. Mas recentemente a banda engendrou um retorno e agora segue na ativa. Só agora o registro em vídeo feito há cerca de oito anos ganhou um lançamento oficial. Com pique, os músicos, que juntam em seu som hip-hop, funk e rock, na ocasião recordaram faixas como "Tubarãozinho", "Preserve" e "Bico de Luz", dentre outras. Os rappers Du e Curumim (da dupla Manos do Rap) estão em "Erga Suas Mãos". P.C.

André Abujamra ★★★

O Homem Bruxa Independente

Músico iconoclasta vai do esdrúxulo ao sublime no palco



GRAVADO AO vivo no Teatro Viradalata, em São Paulo, *O Homem Bruxa* costura o lirismo mordaz e pessimista de Abujamra, dado ao misticismo e às reflexões sobre o cotidiano, ao burlesco do vaudeville. Em pouco menos de uma hora, o artista discorre sobre questões como invisibilidade social ("Mendigo") e a implacável passagem do tempo ("Espelho do Tempo") em um vistoso espetáculo de um homem só – ele toca todos os instrumentos sozinho, do violão à flauta chinesa Hulusi. GABRIEL NUNES

The Beatles – Eight Days a Week – The Touring Years ★★★★

Universal

Documentário obrigatório revela os bastidores da beatlemania

O FASCÍNIO que os Beatles exercem segue grande e o número de fãs da banda ainda aumenta. Aqueles que não viveram a época e se perguntam por que houve tanta histeria por causa de quatro músicos com corte de cabelo na época considerado esquisito podem tentar achar respostas ao assistir a este filme. O diretor, Ron Howard, grande fã da banda inglesa, resgatou imagens dos tempos em que os Beatles ainda tocavam ao vivo e mal conseguiam se ouvir nos shows, devido à gritaria do público. Ele juntou as cenas de palco a declarações de época feitas pelos falecidos John Lennon e George Harrison e ainda gravou novos depoimentos com Paul McCartney e Ringo Starr. *Eight Days a Week* possibilita acompanhar a evolução do status dos Fab Four, desde a época em que tocavam no minúsculo Cavern Club, em Liverpool, até se tornarem pioneiros dos shows em grandes estádios, como no Shea Stadium (Nova York), em 1965. P.C.

DESPEDIDA

DVD traz últimas imagens de Lemmy no Motörhead

■ Até hoje é difícil se acostumar com a morte de Lemmy Kilmister, cantor, líder e baixista do **Motörhead**. O músico inglês, que se foi no dia 28 de dezembro de 2015, parecia indestrutível, até que complicações decorrentes de um câncer o levaram, aos 70 anos. Lemmy dizia que queria morrer no palco. Isso não aconteceu, mas foi por pouco, já que seguiu excursionando com Phil Campbell e Mikkey Dee até quando as forças dele permitiram. Felizmente, parte da derradeira turnê do Motörhead foi registrada e agora aparece em *Clean Your Clock* (Hellion Records, ★★★½). A performance foi gravada em Munique (Alemanha) e inclui os hits de sempre, entre eles "Ace of Spades", "Overkill" e "Bomber", além de canções mais recentes, como "Lost Woman Blues", de *Aftershock* (2013), e "When the Sky Comes Looking for You", de *Bad Magic* (2015), o disco final do trio. Mesmo debilitado, Lemmy continuava dando tudo o que tinha. PAULO CAVALCANTI

Poucos meses antes de morrer, Lemmy ainda fazia shows

DIVULGAÇÃO; YUI MOK/PA WIRE/AP IMAGES (LEMMY)

HOTLIST

NOSSAS MÚSICAS, DISCOS E VÍDEOS FAVORITOS DO MÊS

www.rollingstone.com.br Ouça as músicas e assista aos vídeos apresentados nesta página

1. *Blade Runner 2049*

Trailer

O primeiro contato com a atmosfera criada pelo diretor Denis Villeneuve (*Sicario: Terra de Ninguém*) para a sequência deste clássico deixa a sensação de que viver esta era sem fim dos reboots, remakes e sequências está começando a valer a pena. Trinta anos depois dos acontecimentos do primeiro filme, é a vez de K, vivido por Ryan Gosling, protagonizar a ação. Ele tentará encontrar Deckard (Harrison Ford), que está desaparecido há 30 anos.

2. Maria Bethânia - "Non, Je Ne Regrette Rien"

Vídeo

O promo do DVD duplo *Abraçar e Agradecer*, que celebra os 50 anos de carreira da cantora, traz um trecho da interpretação de Bethânia para o clássico eternizado por Édith Piaf. O material conta com 41 canções e traz um livreto com mais de 60 fotos.

5. *Twin Peaks*

Trailer

Nem só de saudade de torta de cereja vive a nostalgia por *Twin Peaks*. Gordon Cole, o agente vivido pelo cocriador e diretor da série, David Lynch aparece em um escritório se deliciando com uma rosquinha neste vídeo da nova temporada, que estreia este ano.

4. Clarice Falcão "Eu Escolhi Você"

Videoclipe

É possível que esse clipe tenha provocado mais discussões acaloradas no seu Natal do que a presença de uva-passa no arroz. Com uma "nudez lúdica" de homens e mulheres, o vídeo foi removido do YouTube e provocou quase tantas reações apaixonadas quanto o clipe de Kanye West com nudez (*referenciado no item 7*).

3. *Homem-Aranha: De Volta ao Lar*

Trailer

Não é fácil sobreviver ao colegial e não é fácil ser picado por uma aranha radioativa que te transforma em um super-herói. Junte as duas coisas e você tem uma aventura. No novo filme do Cabeça de Teia – longa que visa fazer o personagem sair de uma sequência de fracassos –, Tom Holland assume o protagonista e tem como mentor o Homem de Ferro (Robert Downey Jr.).

7. "Famous" versão canina Vídeo

Depois que um monte de gente descobriu que poderia ficar rico postando vídeos fofuchos de seu pet, a instituição RED, que combate a aids, pensou em um jeito de usar isso em prol da causa. Este vídeo faz uma paródia do polêmico clipe da música "Famous", do Kanye West, usando cães-celebridade da internet.

6. *The Circle*

Trailer

Tom Hanks vive uma versão mais assustadora de Steve Jobs neste filme "Isso é tão *Black Mirror*", também estrelado por Emma Watson.

REPRODUÇÃO: DIVULGAÇÃO (MARIA BETHÂNIA)

ORGULHOSAMENTE
APRESENTAMOS

PARIS 6
GRAND BISTRO
Campinas

PARQUE D. PEDRO SHOPPING

- PARIS 6 | SÃO PAULO
- PARIS 6 | RIO DE JANEIRO
- PARIS 6 | PORTO ALEGRE
- PARIS 6 | BELO HORIZONTE
- PARIS 6 | CAMPINAS
- PARIS 6 | MIAMI

EM BREVE:
- PARIS 6 | GOIÂNIA
- PARIS 6 | BRASÍLIA

PARIS 6 24H
CULTURA & GASTRONOMIA
ESt. 2006

MÍDIAS SOCIAIS:
www.paris6bistro.com
fb.com/Paris6Bistro
instagram/Paris_6

APP "PARIS 6":
AppStore
GooglePlay

WWW.ARMAZEMOFICIAL.COM.BR ATACADO PRONTA ENTREGA 11 3845-8601 / 3845-0513 @ARMAZEMOFICIAL

ARMAZÉM